



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
Campus de Pau dos Ferros
Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS
Unidade Pau dos Ferros
Br 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP 59900-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail profletras.pferros@gmail.com/ Site propeg.uern.br/profletras



NUBIA LUCIO DE ALENCAR

**O USO DE PALAVRÕES NA ESCOLA E A (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA NOS
CONFLITOS ENTRE ALUNOS**

**PAU DOS FERROS
2017**

NUBIA LUCIO DE ALENCAR

**O USO DE PALAVRÕES NA ESCOLA E A (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA NOS
CONFLITOS ENTRE ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado Profissional–Profletras, oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia – Pau dos Ferros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes

PAU DOS FERROS
2017

NUBIA LUCIO DE ALENCAR

**O USO DE PALAVRÕES NA ESCOLA E A (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA NOS
CONFLITOS ENTRE ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado Profissional–Profletras, oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia – Pau dos Ferros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Orientador

Prof.^a Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Examinadora Interna

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferreira da Cruz

Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Externo

Profa. Dra. Maria Zenaide Valdivino da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Examinadora Suplente

*A minha mãe, Tiêta (in memoriam),
que, mesmo sem domínio das
teorias, primeiro me ensinou os
caminhos da polidez.
Aos meus filhos, Beatriz e Thiago,
minhas razões de viver.
Ao meu marido, Bruno, por tudo
que significa pra mim.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e minha fortaleza.

A minha família, que em mim acredita tanto, em especial a minha princesa Beatriz, ao meu amor lindo Thiago e ao meu amado Bruno.

Aos meus alunos, razão da minha vida profissional.

Aos meus colegas de trabalho, que dividem comigo a alegria de ensinar e os desafios profissionais cotidianos.

Aos meus mestres: os que me ensinaram as primeiras palavras e os que me encorajaram a lutar com elas.

À professora Maria Elias Soares, pelas primeiras lições de Linguística e pelo exemplo de sabedoria e resiliência.

Ao professor Luciano Pontes, meu orientador, que desde a primeira vez em que o vi sabia que faria parte da minha história. Agradeço a atenção, as palavras de incentivo e os cordiais elogios.

Aos professores do Mestrado Profissional em Letras de Pau dos Ferros, em especial à professora Maria Lúcia Sampaio, pelos ensinamentos que transformaram a distância percorrida em quilômetros de sabedoria.

Ao Prof. Carlos Eduardo Cruz, pela disponibilidade e atenção em participar desse momento tão significativo.

As minhas amigas que vieram da universidade para vida inteira: as letradas Ana Célia, Paula Perpétua, Fernanda e, em especial, Klébia Enislaine, quem eu tanto admiro pelo alto voo que realizou.

Às caríssimas Ana Rosa e Cristiane Cruz, pelo companheirismo em todos os momentos neste caminho traçado por Deus.

Aos amigos que esperaram ansiosamente comemorar comigo a obtenção deste título, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho aborda a temática do uso de palavrões na escola e a (im)polidez linguística nos conflitos entre alunos. Considerando as diversas ocorrências do uso de palavrões na escola associado a situações de conflito entre alunos, objetivamos pontuar o tema em atividades de discussão e análise de relatos de conflito realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, de modo a inter-relacionar conceitos fundamentados em discussões teóricas sobre conflitos e violência verbal (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002; MICHAUD, 1989; MALTA *et al*, 2010; GOTIZENS, 2003); palavrões (SANDMANN, 1992; SVEINSDÓTTIR, 2010; FAGGION, 2009; ORSI, 2011; ORSI; BUENO, 2014; ORSI; ZAVAGLIA, 2012; ZOTELLI FILHO; MAEDA, 2014); nos modelos seminais de polidez linguística (LAKOFF, 1973; LEECH, 2005; FRASER; NOLEN, 1981; BROWN; LEVINSON, 1987) e de impolidez linguística (CULPEPER, 1996, 2011). Realizamos o trabalho na perspectiva metodológica da observação participante com características etnográficas (ANGROSINO, 2009). O trabalho didático se desenvolveu em três etapas. Na primeira etapa, objetivamos especificamente levar o aluno a: a) compreender o que é conflito e o que é palavrão e a relação entre estes dois termos, b) perceber as motivações para os conflitos com uso de palavrões na escola. Na segunda etapa, objetivamos fazer com que o aluno fosse capaz de: a) categorizar os palavrões em campos semânticos; b) refletir sobre as funções dos palavrões recorrentes nos relatos de conflitos. Na última etapa, nosso intento era levar o aluno a: a) perceber aspectos de (im)polidez presentes nos conflitos com uso de palavrões e suas implicações; b) elaborar estratégias de mitigação de conflitos com uso de palavrões na escola. Por meio das discussões realizadas com os alunos, confirmamos nossa hipótese de que eles podiam refletir melhor sobre o uso da linguagem num contexto específico de enunciação, visto que foram capazes de compreender e discutir: a) o contexto situacional de uso da linguagem quando abordamos a concepção de conflito e de palavrões e a relação entre os dois termos; b) as motivações para o uso de palavrões e os significados dos palavrões atrelados às intencionalidades discursivas; c) as implicações decorrentes do uso da linguagem e elaborar estratégias linguísticas utilizadas para a mitigação de conflitos. Considerando que linguagem e comportamento são temas comuns aos cientistas sociais de vários quadrantes, acreditamos que este trabalho contribui no aprofundamento do diálogo entre diferentes disciplinas para a melhor compreensão das diversas nuances do comportamento social e linguístico.

Palavras-chave: Conflito. Palavrão. Polidez. Impolidez.

ABSTRACT

This work discusses the use of swear words in school and the linguistic (im)politeness in conflicts among students. Considering the frequent use of swear words in school associated with conflict situations among students, the study aims to highlight the theme through discussion and analysis activities about conflicts in Portuguese Language classes, in order to interrelate fundamental concepts in theoretical discussions about conflicts and verbal aggression (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002; MICHAUD, 1989; MALTA *et al*, 2010; GOTIZENS, 2003); swear words (SANDMANN, 1992; SVEINSDÓTTIR, 2010; FAGGION, 2009; ORSI, 2011; ORSI; BUENO, 2014; ORSI; ZAVAGLIA, 2012; ZOTELLI FILHO; MAEDA, 2014); the seminal model of linguistic politeness (LAKOFF, 1973; LEECH, 2005; FRASER; NOLEN, 1981; BROWN; LEVINSON, 1987) and linguistic impoliteness (CULPEPER, 1996, 2011). The research was carried out in the methodological perspective of participant observation with ethnographic characteristics (ANGROSINO, 2009). The didactic work was developed in three stages. At the first stage, the study aim to help the students to: a) understand what conflict and swear words are and the relation between the both terms, b) realize the causes of the conflicts with the use of bad words in school. At the second stage, the students should be able to: a) categorize the bad words based on semantic fields; b) reflect upon the role of swearing during conflict reports. As a final stage, the students should be able to: a) realize (im)politeness aspects of conflicts with the use of swear words and their consequences; b) develop conflict mitigation strategies with the use of swear words in school. Using discussions to assess students' perceptions, the hypothesis that they were capable to reflect about the use of language in a specific enunciation context was confirmed, since they demonstrated the ability to understand and discuss: a) the situational context of language use when the conceptions of conflict and swear words were discussed and related to each other; b) the motivations behind the use of swear words and their meanings related to discourse intentionality; c) the implications arising from the use of language and to develop linguistic strategies to conflict mitigation. Considering that language and behavior are common themes among social scientists from different fields of study, we believe that this research contributes to enhance the dialogue with different subjects and improves the comprehension of nuances of social and linguistic behavior.

Keywords: Conflict. Swear words. Politeness. Impoliteness.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - O que é conflito?	68
GRÁFICO 2 - O que é palavrão?	70
GRÁFICO 3 - Qual a relação entre conflito e palavrão?	73
GRÁFICO 4 - Motivos para os conflitos com uso de palavrões entre alunos	78
GRÁFICO 5 - Campos semânticos dos palavrões presentes nos relatos de conflito	93
GRÁFICO 6 - Implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões	115

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Campos Semânticos (SVEINSDÓTTIR, 2010).....	34
QUADRO 2 - Estratégias de Polidez - Brown e Levinson (1987).....	51
QUADRO 3 - Distinção entre conflito e palavrão	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	14
2.1 CONFLITOS, VIOLÊNCIA VERBAL E PALAVRÕES	14
2.1.1 Conflitos: o contexto do uso da linguagem na escola	15
2.1.2 Violência verbal: um tema social e linguístico	17
2.1.3 Palavrões: multiplicidade de abordagens.....	23
2.2 POLIDEZ E IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA	36
2.2.1 Polidez Linguística.....	37
2.2.2 Impolidez Linguística	53
2.3 PASSOS METODOLÓGICOS	57
2.3.1 O espaço de investigação e o perfil dos participantes.....	57
2.3.2 Descrição do método de investigação.....	58
2.3.3 Dinâmica de trabalho	60
3 PALAVRÕES, (IM)POLIDEZ E CONFLITOS NA ESCOLA	67
3.1 CONCEPÇÃO DE CONFLITO E PALAVRÕES E A RELAÇÃO ENTRE ELES NA VISÃO DOS ALUNOS.....	67
3.1.1 Concepção de conflito na visão dos alunos.....	67
3.1.2 Concepção de palavrão na visão dos alunos.....	70
3.1.3 A relação entre conflito e palavrão na visão dos alunos	72
3.2 ANÁLISES DOS RELATOS DE CONFLITOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS.....	76
3.2.1 Motivação dos conflitos com uso de palavrões	77
3.2.2 Campos semânticos dos palavrões utilizados nos conflitos relatados pelos alunos	88
3.2.3 Os palavrões presentes nos relatos	92
3.3 ANÁLISE DA (IM)POLIDEZ E SUAS IMPLICAÇÕES NOS CONFLITOS COM USO DE PALAVRÕES	106
3.3.1 A (im)polidez nos conflitos.....	106
3.3.2 Implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões	115
3.3.3 Estratégias de mitigação de conflitos com uso de palavrões na escola	122
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE	139
ANEXOS	166

1 INTRODUÇÃO

Não há dúvidas de que discorrer sobre o uso de palavrões no ambiente escolar é adentrar num campo complexo de análise que se situa entre as convenções sociais, as normas estabelecidas e a fluidez da linguagem. Certamente, os que vivenciam este ambiente já ouviram um sonoro palavrão vindo de um aluno que pela linguagem consegue expor seus mais variados sentimentos, suas sensações e suas opiniões. Desse ponto de vista, perguntamos: como abordar o tema do uso de palavrões na escola?

Sabemos que as escolhas de linguagem apontam importantes nuances comportamentais expostas no ambiente escolar, visto ideologicamente como ambiente formal de comunicação, no qual se propagam as teorias e métodos da linguagem padrão, culta, prestigiada. Não é difícil perceber, na linguagem utilizada pelos alunos, marcas dos valores socioculturais embutidas nos seus comportamentos enunciativos, como por exemplo, preconceitos social, racial e religioso, além de sexismo, homofobia e discriminação pela aparência do outro.

Ocorre que a linguagem, vista como objeto de interação, é parte responsável pela manutenção dos relacionamentos interpessoais. Por meio dela, manifestamos nossos sentimentos, os mais variados, aqueles que podem estar situados nos limites entre o positivo e o negativo, aqueles que nos afastam das outras pessoas e aqueles que nos unem. Em linhas gerais: entre o bem e o mal. Considerando esta perspectiva antagônica, pela linguagem nos humanizamos na convivência social, ora fortalecendo elos afetivos, ora estabelecendo distanciamentos entre as pessoas.

O convívio entre os alunos se situa entre esses dois opostos, não diferente do que ocorre nas relações interpessoais ao longo da vida adulta, e os conflitos vivenciados entre os jovens são inevitáveis, tendo em vista a multiplicidade de diferenças entre os sujeitos. Diante dessa realidade, é notório que precisamos compreender que em determinadas circunstâncias os conflitos se manifestam tão fortemente que afetam, em menor ou maior proporção, a vida escolar e o desenvolvimento pessoal e intelectual dos alunos.

Há na escola o interesse e o objetivo de lidar com as situações conflituosas cotidianas de modo a mitigá-las para reduzir os efeitos prejudiciais no desenvolvimento do aluno. A escola preconiza como um dos pilares da educação o “aprender a conviver”, relacionando esse aprendizado à compreensão de si e do outro, de modo que o aluno aprenda a lidar com conflitos e buscar o bem comum. Isto é verificado nas práticas pedagógicas,

quando são dadas as orientações para que os alunos se comportem adequadamente no ambiente escolar, inclusive observando adequações no uso da linguagem.

Intuitivamente ou não, muitas orientações sobre o uso adequado da linguagem se fundamentam nos princípios de polidez linguística teorizados por diversos autores, assim como a percepção da inadequação linguística encontram subsídios nos princípios da Impolidez. O conhecimento da teoria pode ser visto, portanto, como um importante instrumento pedagógico, capaz de despertar no aluno a percepção de fatores discursivos intrínsecos, como a aceitabilidade e a situacionalidade do uso da linguagem.

Esses fatores pragmáticos revelam que a (im)polidez linguística que se manifesta nos relacionamentos interpessoais, nas estratégias de cooperação verificadas nos diálogos dentro da escola. Não é difícil perceber comportamentos distintos entre os alunos: enquanto um se manifesta verbalmente de modo a evitar conflitos, outro se utiliza de termos torpes para desregular a interação. Ora percebemos um comportamento solidário compatível com as regras e princípios sociais, ora notamos o rompimento dessas regras num comportamento verbal intolerável do ponto de vista das normas sociais e até legalmente inaceitável.

No caso do uso de palavrões, podemos considerar que esses vocábulos se situam entre o aceitável e o inaceitável. Isto porque embora tradicionalmente inseridos no campo dos tabus linguísticos, em situações específicas de uso da linguagem, funcionam como elementos lexicais que denotam traços de intimidade e descontração entre os interlocutores. No entanto, há de se notar que, quando se trata de situações comunicativas de conflito e tensão comunicativa entre os alunos, são esses vocábulos que transmitem as ofensas e as agressões.

Diante dessa realidade, o tema deste trabalho se delimita no uso de palavrões na escola e a (im)polidez linguística nos conflitos entre alunos. Nossa percepção se volta, portanto, para o uso de palavrões - itens lexicais que se apresentam como polêmicos para um ambiente de interação específico, a escola, com suas características sociais delimitadas nos campos da educação, da moralidade e da civilidade; para o comportamento linguístico da polidez e impolidez linguística; e para uma situação específica de interação, os conflitos entre os alunos, tão comuns de serem registrados em qualquer ambiente de ensino.

A escolha desse tema se justifica quando consideramos que os meios linguístico-discursivos são capazes de promover mudanças atreladas aos relacionamentos interpessoais, quer sejam positivas ou negativas. Portanto, a compreensão da linguagem e das escolhas lexicais como instrumentos para a geração, a manutenção ou a dissolução de conflitos devem ser vistas como importante competência linguística a ser desenvolvida nos alunos. Além disso, a percepção do contexto situacional de enunciação e os efeitos de uso da língua devem

ser discutidos como aspectos pragmáticos significativos para a interação e manutenção da harmonia do ambiente escolar.

O objetivo aqui pretendido foi promover a reflexão sobre o tema dentro da escola, nas aulas de língua portuguesa, por meio de atividades de discussão e análise de relatos de conflito. Especificamente, objetivamos levar o aluno a:

- compreender o que é conflito e o que é palavrão e a relação entre estes dois termos,
- perceber as motivações para os conflitos com uso de palavrões na escola;
- categorizar os palavrões em campos semânticos;
- entender as funções dos palavrões recorrentes nos relatos de conflitos;
- perceber aspectos de (im)polidez presentes nos conflitos com uso de palavrões e suas implicações, considerando as perspectivas dos alunos;
- elaborar estratégias de mitigação de conflitos com uso de palavrões na escola.

Para atingir nossos objetivos, buscamos aporte teórico em estudos sobre o uso de palavrões como os de Guérios (1979), Faggion (2009), Orsi e Bueno (2014), Orsi (2011), Pail (2012), Sandmann (1992), Zotelli Fiho e Maeda (2014). Nesses trabalhos foi possível observar diferentes abordagens sobre o uso de palavrões, desde palavras tabuizadas a recursos expressivos válidos em determinados contextos situacionais.

Sobre a compreensão de conflitos, buscamos fundamentos teóricos em autores que discutem o tema associa à violência, especificamente à violência verbal e tratada, ainda, como manifestação da violência escolar. Dentre esses autores, destacamos Chrispino e Chrispino (2002), Gotizens (2003), Michaud (1989), Oliveira (2001) e Zampa (2005). Através desses autores foi possível entender o fenômeno dos conflitos e relacionar ao uso de palavrões, complementando ainda com a perspectiva de Macedo e Bonfim (2009) e Malta *et al.* (2010) que compreendem manifestação da violência escolar como caracterização de *bullying*.

Para a discussão sobre Polidez e Impolidez linguística, detivemos-nos inicialmente na compreensão dos Atos de Fala teorizados por Austin (1962), e do Princípio da Cooperação de Grice (1975) que subsidiam os modelos seminais de Polidez. Esses modelos abordam a Polidez: enquanto máxima conversacional (LAKOFF, 1973; LEECH, 2005); como contrato conversacional (FRASER; NOLEN, 1981); enquanto ato de preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987). Sobre os estudos da Impolidez, apresentamos a teoria de Culpeper (1996, 2011).

Considerando a importância de se trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa situações pragmáticas da linguagem, procuramos discutir o uso de palavrões na escola por meio de atividades fundamentadas no uso real da língua. Partimos de produções de textos de relatos verossímeis que refletissem a realidade linguística do aluno, passando pela análise lexical dos palavrões, associada à reflexão sobre os impactos das escolhas lexicais no ambiente escolar. Detemo-nos, ainda, na percepção dos aspectos de (im)polidez linguística verificada nestes relatos e nas estratégias de mitigação de conflitos.

Realizamos o trabalho na perspectiva metodológica da observação participante com características etnográficas (ANGROSINO, 2009). Trabalhamos com alunos de 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Fortaleza e buscamos envolvê-los na discussão sobre o uso de palavrões na escola, conflitos e (im)polidez, de modo que pudessemos ouvir quais os conceitos, as opiniões que eles traziam sobre o tema. Ao passo que eles se manifestavam, pudemos intervir, participando das discussões e inserindo conhecimentos teóricos adquiridos em nossa trajetória de estudos.

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo se constitui nesta introdução, em que apresentamos uma breve contextualização, a justificativa, nossos objetivos e um panorama deste trabalho.

O segundo capítulo apresenta as orientações teórico-metodológicas que nortearam nosso trabalho. Detivemo-nos primeiramente nas abordagens teóricas sobre conflitos, violência verbal e palavrões e, em seguida, nas teorias sobre polidez e impolidez linguística. Ainda nesse capítulo, descrevemos nossa perspectiva metodológica, o espaço de investigação e o perfil dos participantes da pesquisa, o método de investigação e a dinâmica utilizada no trabalho com os alunos.

No terceiro capítulo descrevemos as discussões realizadas juntamente com os alunos sobre o tema, bem como as análises realizadas de acordo com cada etapa de trabalho desenvolvida com os alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Aqui, especificamente, tratamos da compreensão de conflito e palavrões na escola, das análises realizadas sobre o uso de palavrões nos relatos de conflitos produzidos pelos alunos, da presença de (im)polidez na linguagem e, ainda, das implicações e das estratégias de mitigação de conflitos.

Por fim, no quarto e último capítulo, apresentamos as considerações finais sobre o trabalho desenvolvido, quais os aspectos significativos e os resultados percebidos na abordagem do tema, bem como a compreensão sobre o uso da língua percebida no trabalho junto com os alunos.

2 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Neste capítulo apresentaremos os fundamentos teóricos que aportam nosso trabalho. Na primeira seção, inter-relacionamos os conceitos de conflito, violência verbal e palavrões. A definição de conflito é associada à realidade da violência escolar; a violência verbal é vista como decorrente dos conflitos e manifestação linguística que tem como característica o uso de palavrões; e sobre os palavrões apresentaremos as múltiplas abordagens de compreensão do uso dessas palavras e expressões.

Na segunda seção, apresentaremos os conceitos de Polidez e Impolidez linguística. Para a compreensão dos aspectos de Polidez, discorreremos sobre os Atos de Fala de Austin (1990), o Princípio da Cooperação e as Máximas Conversacionais de Grice (1982). Apresentamos os modelos seminais de Polidez: Polidez enquanto máxima conversacional (LAKOFF, 1973; LEECH, 2005); Polidez como contrato conversacional (FRASER; NOLEN, 1981); e Polidez enquanto ato de preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987). Sobre os estudos da Impolidez, apresentamos a teoria de Culpeper (1996, 2011).

Na terceira seção, apresentaremos nosso espaço de investigação, o perfil dos participantes da pesquisa e de que modo foi possível investigar e discutir o uso de palavrões e a (im)polidez nos conflitos entre alunos. Descreveremos o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa, as atividades de reflexão linguística sobre o uso de palavrões nos conflitos entre alunos, e de que modo realizamos as atividades de percepção dos aspectos de polidez e impolidez realizadas juntamente com eles.

2.1 CONFLITOS, VIOLÊNCIA VERBAL E PALAVRÕES

Nesta seção, discutiremos a definição de conflito, considerando o ambiente escolar e as motivações que suscitam os desacordos e episódios de violência entre alunos, principalmente a violência psicológica produzida por meio da linguagem. Associada à ideia de conflito, discorreremos sobre a violência verbal sendo tratada como manifestação da violência escolar. Apresentaremos trabalhos que defendem que a violência verbal é um evento social e linguístico possível de ser analisado numa abordagem pedagógica sobre o uso da língua, especificamente quando os casos de violência ocorrem expressos no uso de palavrões e ferem as leis que regem o ambiente social.

Sobre o uso de palavrões, apresentaremos a multiplicidade de abordagens sobre o uso destas palavras e expressões entendidas ora como palavras torpes e tabuizadas, ora

como elementos catárticos de alívio de tensão social. Considerando os interditos que permeiam o uso da linguagem ofensiva na escola, discorreremos sobre as adequações ou inadequações de uso. Por fim, deteremo-nos na compreensão de significados semânticos dessas palavras e expressões torpes, que nos serviram de embasamento teórico para as discussões que realizamos juntamente com os alunos.

2.1.1 Conflitos: o contexto do uso da linguagem na escola

Quando focalizamos a temática dos conflitos na escola, é possível uma compreensão ampla de que estes possam ocorrer entre os diversos atores da comunidade escolar: alunos, professores, gestores, pais, funcionários; quer seja o conflito entre os pares ou entre os diversos. Para este trabalho, consideramos os conflitos interpessoais entre os alunos associados ao uso de palavrões na escola. Desse modo, nossa perspectiva é coerente com o pensamento de Chrispino e Chrispino (2002) visto que, ao definirmos conflito, buscamos compreender e discutir com os alunos o contexto situacional de uso da linguagem na escola.

Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. A partir disso, todos os que vivemos em sociedade temos a experiência do conflito. Desde os conflitos próprios da infância, passamos pelos conflitos pessoais da adolescência e, hoje, visitados pela maturidade, continuamos a conviver com o conflito intrapessoal (ir/não ir, fazer/não fazer, falar/não falar, comprar/não comprar, vender/não vender, casar/não casar etc.), ou interpessoal, sobre o qual nos deteremos. São exemplos de conflito interpessoal a briga de vizinhos, a separação familiar, a guerra e o desentendimento entre alunos. (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002, p.37, grifos nossos).

Desse modo, nossa compreensão do que vem a ser conflito é diretamente relacionada às divergências e aos desentendimentos entre alunos. Sabemos que muitos desses conflitos são resultantes das diferenças sociais existentes entre os alunos, também percebidas por Chrispino e Chrispino (2002):

Antes, em passado remoto, a escola era procurada por um tipo padrão de aluno, com expectativas padrões, com passados semelhantes, com sonhos e limites aproximados. Os grupos eram formados por estudantes de perfis muito próximos. Com a massificação, trouxemos para o mesmo espaço alunos com diferentes vivências, com diferentes expectativas, com diferentes sonhos, com diferentes valores, com diferentes culturas e com diferentes hábitos [...]. (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002, p.39)

A questão das diferenças sociais como geradoras de conflitos é preocupante quando se percebe que o que se busca hoje na escola é o fortalecimento de valores

multiculturais, como propõe Oliveira (2001) quando discorre sobre identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar:

Talvez pensar o multiculturalismo fosse um dos caminhos para combater os preconceitos e discriminações ligados à raça, ao gênero, às deficiências, à idade e à cultura, constituindo assim uma nova ideologia para uma sociedade como a nossa que é composta por diversas etnias, nas quais as marcas identitárias, como cor da pele, modos de falar, diversidade religiosa, fazem a diferença em nossa sociedade. E essas marcas são definidoras de mobilidade e posição social na nossa sociedade. (OLIVEIRA, 2001, p.1)

Essa pluralidade de realidades, valores, culturas e hábitos é considerada por Chrispino e Chrispino (2002) como motivadora dos conflitos e causa da violência escolar, pois os autores defendem que “parece óbvio que este conjunto de diferenças é causador de conflitos que, quando não trabalhados, provocam uma manifestação violenta. Eis, na nossa avaliação, a causa primordial da violência escolar” (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002, p.39). Esses autores também consideram que

[...] ao definirmos conflito como o resultado da diferença de opinião ou interesse de pelos menos duas pessoas ou conjunto de pessoas, devemos esperar que, no universo da escola, a divergência de opinião entre alunos [...] seja uma causa objetiva de conflitos. Uma segunda causa de conflitos é a dificuldade de comunicação, de assertividade das pessoas, de condições para estabelecer o diálogo. (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002, p. 40).

Entendemos que tanto a divergência de opiniões como a dificuldade de comunicação citada pelos autores são pontos que podem ser desenvolvidos numa abordagem linguística discursiva, com atividades de compreensão e reflexão sobre o uso da linguagem. Para isto, um ponto de partida é compreender os contextos nos quais estes conflitos se desenvolvem e suas motivações. As motivações para os conflitos entre os alunos foram objeto de estudo de Zampa (2005), que classificou as maiores incidências de conflitos entre alunos como advindas de:

- mal entendidos;
- brigas;
- rivalidade entre grupos;
- discriminação;
- *bullying*;
- uso de espaços e bens;
- namoro;

- assédio sexual;
- perda ou dano de bens escolares;
- eleições (de variadas espécies);
- viagens e festas.

Considerando a compreensão das motivações, entendemos que por meio da reflexão linguística na escola é possível entender como os conflitos se realizam. Com isso, nessa perspectiva linguística, buscamos discutir as relações sociais atreladas aos comportamentos refletidos nas escolhas lexicais, no uso da linguagem ofensiva e perturbadora, sobretudo quando se trata da temática do uso de palavrões.

Entendendo que as situações de conflito podem se desdobrar em episódios de violência, tanto física como psicológica, a seguir discorreremos sobre a temática da violência, mais especificamente a violência verbal como parte da violência escolar.

2.1.2 Violência verbal: um tema social e linguístico

O fenômeno da violência verbal pode ser visualizado como manifestação linguística possível de ser discutida com fins didáticos, com o objetivo de promover o bem-estar escolar e um ambiente educacional saudável e propício ao aprendizado. Desse modo, abordar a violência verbal associada aos conflitos e ao uso de palavrões possibilita a discussão do ponto de vista da linguagem, exercitando nos sujeitos envolvidos no nosso trabalho uma reflexão pragmática sobre o uso da língua.

Para essa abordagem, apresentamos a violência verbal fundamentados numa perspectiva linguística e em embasamentos legais que reforçam a importância da discussão sobre o uso de palavrões na escola. Essa abordagem mostra que é possível verificar o uso da linguagem como manifestação de violência, apregoadada aos documentos oficiais da escola e aos crimes contra a honra e a dignidade.

Para os juristas, afirma Michaud (1989, p. 9), a violência é definida como “atos através dos quais se exprimem a agressividade e a brutalidade do homem, dirigidas contra seus semelhantes e causando-lhes lesões ou traumatismos mais ou menos graves”. Nessa definição, observamos que a noção de violência pode ser entendida como manifestação de agressões dirigidas ao outro, tanto de características físicas, como também psicológicas, menos corporais e mais imateriais.

Desse modo, entendemos que a violência manifestada em vias de fato - a agressão física – é considerada grave por constituir em dano corporal à vítima. Nesses casos, ações

como jogar alguém no chão, cuspir no outro, arrancar-lhe os cabelos são exemplos dessas agressões. Compreendemos também que a gravidade dos atos violentos não físicos, mas não tão menos significativa, também é percebida quando ocorrem ameaças à pessoa ou o dano brutal aos bens, os quais são entendidos como agressões psicológicas.

A expressão violência verbal, de acordo com Michaud (1989), designa “o fenômeno de comportamento deliberadamente transgressor e agressivo, apresentado pelo conjunto dos cidadãos ou por parte deles, nos limites do espaço interpessoal”. Geralmente manifesta-se “quando uma pessoa agride outra violentamente com palavras de baixo calão ou palavras injuriosas”. Conforme Michaud (1989) há leis que permitem certas violências em condições definidas: no âmbito do esporte, da cirurgia ou da manutenção da ordem.

A violência verbal se manifesta de modo mais evidente nos altos índices de agressões após discussões acirradas; a mais constante é a infração dos códigos elementares de conduta civilizada. No contexto escolar, as manifestações de violência verbal e, posteriormente, de violência física estão estreitamente atreladas à questão da indisciplina nas relações entre alunos (GOTIZENS, 2003).

Ainda que a autora revele alguns contextos extraescolares, neste trabalho consideramos apenas o âmbito escolar e, mais especificamente, a relação entre alunos, visto que diante da violência na escola, as políticas de gestão educacional têm se preocupado por construir um espaço social na escola cada vez mais harmonioso, onde as diferenças de classe, cultura, cor da pele e religião, por exemplo, não contribuam ou sirvam como realidades que motivem a agressão verbal e física.

O combate à disseminação da violência é um tema importante e cada vez mais recorrente na nossa sociedade. Esse fato social que atinge a escola se expressa no seu cotidiano por meio de preconceitos, intolerâncias e outras manifestações. A violência que se desenvolve na comunidade, sobretudo nas grandes cidades, invade gradativamente o espaço escolar em proporções muitas vezes alarmantes, sendo esta uma problemática amplamente discutida em estudos sobre a violência escolar.

A violência dentro da escola é objeto de investigação em razão da missão educativa da escola e, sobretudo, pelas consequências em longo prazo que dela podem decorrer. Comumente, há uma associação entre violência na escola e desigualdade social, mas “a violência também tem crescido em instituições privadas de ensino”, como atestam Malta *et al.* (2010 p. 3066). Sobre a violência no contexto escolar, Macedo e Bonfim (2009) comentam que:

No contexto escolar, considera-se que existe tanto a violência na escola como a da escola. A primeira se refere às violências produzidas fora da escola e que atravessam seus muros. A segunda se refere às práticas efetivadas pelos próprios atores escolares, engendrada nas especificidades das relações escolares como agressões morais, psicológicas e físicas; discriminações racial, de gênero, política e de opção sexual; incentivo e reforço a estereótipos;[...] (MACEDO; BONFIM, 2009, p.609)

Na escola, uma manifestação marcante de violência se instaura na prática do *bullying*, do inglês *bully*, que significa valentão, brigão. O termo, sem tradução adequada em português, segundo Malta *et al.* (2010)

[...] equivale a termos como zoar, intimidar, humilhar, ameaçar, excluir, difamar e tantas outras que, compreendem comportamentos com diversos níveis de violência que vão desde chateações inoportunas ou hostis até fatos francamente agressivos, em forma verbal, ou não, intencionais e repetidos, sem motivação aparente, provocados por um ou mais estudantes em relação a outros, causando dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação. (MALTA *et al.*, 2010, p. 3066)

O *bullying* se manifesta também por atos repetidos de opressão, discriminação, intimidação, xingamentos, chacotas, tirania, agressão a pessoas ou grupos. Essas atitudes devem ser identificadas como violência pela comunidade escolar e serem abordadas para a construção de um ambiente saudável, como recomendam Malta *et al.* (2010). Os autores ainda acrescentam que:

Compreender as formas como a violência se apresenta no âmbito escolar é um grande desafio a ser enfrentado pelos gestores, pais e educadores. Essas informações podem ajudar no enfrentamento desse grave problema e na busca de um agir educativo. Portanto, torna-se importante realizar pesquisas e monitoramentos que permitam definir sua incidência, as situações violentas mais frequentemente vividas pelos estudantes, suas prováveis causas e as intervenções realizadas, desde o nível macro, das políticas públicas, até o âmbito escolar. (MALTA *et al.*, 2009, p. 3066)

Nesse sentido, este trabalho se insere na temática da violência verbal na escola como uma manifestação linguística caracterizada pelo uso de palavrões com o objetivo de rebaixar, humilhar, oprimir, amedrontar, tyrannizar e maltratar o outro. Às vezes, essa prática verbal se camufla em brincadeiras que deixam o outro sem graça, envergonhado e, muitas vezes, sem condição de defesa. Percebemos, pela nossa experiência docente, uma reação comum e decorrente da violência verbal por meio de palavrões: a de repetição dos atos linguísticos ofensivos, tornando vítima em potencial agressor.

Esse comportamento reflexivo violento pode ser atestado em experimentos psicológicos como o do “João Bobo de Bandura”¹, que comprova que as crianças observam e imitam comportamentos ao seu redor. Diante disso, tanto a vítima da violência verbal quanto o agressor podem desenvolver comportamentos espelhados que comprometem o bem estar na escola, colaborando para um ambiente hostil. Bandura (1965) acreditava que as crianças aprendiam a ser agressivas a partir da observação de modelos e que se a agressividade fosse diagnosticada precocemente poderíamos prevenir futuros comportamentos delinquentes.

Assim, Bandura (1965) defendia um modelo de aprendizagem por modelação, por meio da qual os sujeitos, ao serem expostos a modelos positivos ou negativos, desenvolvem representações simbólicas que irão guiar seu comportamento futuro. Desse modo, esses indivíduos quando novamente expostos a situações semelhantes ou em contextos em que as regras sociais se assemelham reproduzem os comportamentos visualizados.

Tais comportamentos verbais agressivos corroboram para a necessidade de se conhecer e estudar esse fenômeno dentro da escola, sobretudo quando se percebe que a exposição à violência pode acarretar às vítimas problemas comportamentais e emocionais. Esses problemas, que são amplamente divulgados nas pesquisas no âmbito da psicologia e da educação, são manifestados ativamente em expressões violentas, e passivamente em estresse, a diminuição ou perda da autoestima, a ansiedade e depressão, o baixo rendimento escolar e até mesmo, em casos mais severos, o suicídio.

Apresentamos uma discussão linguística sobre a violência verbal considerando que “a linguagem é o mais poderoso meio de relação interpessoal” e que “o emissor deve ter em conta que seu enunciado se adapta não só às suas intenções e objetivos, mas também a categoria e ao papel social do destinatário” (ESCANDELL, 2006). Assim, numa escola, o grau de relacionamento entre os alunos deve seguir tanto o viés da aproximação ou distanciamento afetivo, quanto do papel social que desempenham dentro da escola.

Desse modo, sendo a linguagem um elo fundamental entre os alunos, o uso de palavras na escola pode ser discutido como temática pertinente para o desenvolvimento de competências metalinguísticas, como é o caso da compreensão dos significados desses vocábulos e expressões e reconhecimento de unidades lexicais ou sentenças. Atrelado a esse objetivo, a compreensão do uso dessa linguagem, das motivações e contextos situacionais em

¹ *Boneco Bobo, Bobo Doll* ou *João Bobo* é um brinquedo usado em um experimento de agressão famoso feito por Albert Bandura. Bandura desenvolveu a teoria da aprendizagem social, que propõe que comportamentos são aprendidos socialmente observando e imitando os outros. No estudo de João bobo de Bandura ele queria ver se a observação de comportamentos agressivos levaria a imitação dos comportamentos agressivos por crianças. Fonte: <http://psicoativo.com/2016/01/o-joao-bobo-de-albert-bandura-bobo-doll.html>. Acesso em: 20/03/2017.

que a linguagem chula se manifesta, é imprescindível para discutir as causas e consequências do uso de palavrões, dada a estreita relação entre palavrões e violência verbal.

No âmbito da Linguística, ao tomar o tema do uso de palavrões associado à violência verbal detemos-nos na capacidade de engendramento infinito de discursos associada à ideia de competência linguística, que está relacionada à capacidade de produzir enunciados adequados, coerentes ao contexto. A essa competência, inclui-se a competência que permite usar adequadamente a competência, considerando-se quando é preciso ou possível falar, calar, utilizar uma ou outra linguagem.

Entendemos que a problemática do uso de palavrões na escola se insere numa escolha lexical que vai além da competência de se utilizar adequadamente os vocábulos, visto que os alunos num momento de descontração ou conflituoso podem verbalizar um palavrão para expressar adequadamente um sentimento de alegria ou raiva. Considerando que os palavrões fazem parte do vocabulário dos falantes e assumem diversas funções² comunicativas, o contexto pode justificar adequadamente o uso de palavrão, como por exemplo, na função de elemento catártico.

Desse modo, é possível prever que num momento de desacordo, conflito e tensão entre alunos, eles possam se utilizar de palavrões para adequadamente refletirem seus sentimentos e emoções. No entanto, seria preciso que houvesse um domínio situacional prático para que as escolhas de linguagem fossem adequadas ao contexto escolar, sem atingir os princípios que regem tanto as relações interpessoais dentro da escola, no caso dos regimentos de conduta escolar, como fora da escola, mais abrangentes, como é o caso dos crimes contra a honra.

Em se tratando de violência verbal, no entanto, o que se deve distinguir para o uso da linguagem é o que na filosofia os sofistas chamam de “problema do *kairós*”: a distinção entre o momento adequado e o momento apropriado (CÉSAR, 2008). Essa distinção se relaciona ao domínio prático da linguagem e ao domínio prático das situações, que permite que o falante se utilize de um léxico adequado numa determinada situação. Assim, mesmo numa situação de conflito, é possível que a linguagem por ele utilizada favoreça a aproximação e diminua o afastamento entre os interlocutores.

O exercício da reflexão sobre a adequação e a percepção do momento apropriado para as escolhas de linguagem, considerando com o contexto enunciativo possui uma validade fundamentada nas práticas sociais de uso da linguagem. Sobre essas práticas do uso da

² Na próxima seção, discorreremos sobre as funções dos palavrões.

linguagem, Borba (2005, p. 2) considera que “[...] a linguagem é o mais eficiente instrumento de ação e interação social de que o homem dispõe”. Matos (2005) reforça as questões pragmáticas do uso da linguagem, que foram num primeiro momento discutidas por filósofos, referindo-se a

[...] Peirce, Wittgenstein, Austin, Searle e Grice, que, contra a corrente do pensamento dominante da sua época, chamaram atenção para o papel do utilizador da linguagem, para relação entre significado e uso, para a lógica da linguagem comum (até então considerada irrelevante para o estudo científico), para as normas de cooperação presentes na relação interlocutiva, para o papel do raciocínio inferencial no cálculo do significado, e de modo particularmente convincente, para a consideração da linguagem como forma de ação. (MATOS, 2005, p. 90).

Em Linguística, a Pragmática, como disciplina, se ocupa do uso comunicativo da linguagem, e é identificada com uma explicação da inter-relação existente entre a linguagem e a situação comunicativa em que esta é tipicamente usada. Cristal (2000 [1985]) define Pragmática como

[...] o estudo da linguagem do ponto de vista do utilizador, especialmente o estudo de suas escolhas, das restrições que faz, das restrições que encontra ao usar a língua em interação social e dos efeitos do uso dessa língua sobre os outros participantes no ato de comunicação. (CRISTAL, 2000 [1985], p. 240)

Escandell (2006, p. 16) afirma que a Pragmática se ocupa dos “fatores extralinguísticos que determinam o uso da linguagem, precisamente todos aqueles fatores aos quais não se pode fazer referência a um estudo puramente gramatical”³. Desse modo, ao se tratar do uso de palavras na escola, não devemos nos deter tão somente nas escolhas lexicais baseadas nos níveis semânticos ou sintáticos, mas sim nos aspectos contextuais de emissão que precisam ser preservados, considerando as exigências presentes no ambiente escolar com fins de preservação da harmonia e do ambiente propício ao aprendizado.

Assim, observamos um ponto determinante: se a Pragmática tem a ver com as escolhas que o falante faz, é possível refletir sobre, por exemplo, a forma de tratamento adotada para nomear o interlocutor. É muito comum ouvir nas escolas queixas dos alunos em relação o uso de palavras. – *Professora, fulano me chamou ‘de nome’*⁴! Outro ponto determinante tem a ver com as restrições que impedem essas escolhas, sendo os fatores

³ “factores extralinguísticos que determinan el uso del lenguaje, precisamente todos aquellos factores a los que no puede hacer referencia un estudio puramente gramatical” (ESCANDELL, 2006, P. 16). Tradução nossa.

⁴ ‘Chamar de nome’ é muito utilizado no Ceará como variante reduzida de ‘chamou de nome feio’, que significa ‘chamou de palavrão’. Quando alguém é insultado por um palavrão.

socioculturais fortes condicionantes. Sobre esse domínio pragmático, Matos (2005) comenta que:

Nunca é demais sublinhar que um falante pode ser proficiente numa língua em nível de léxico e gramática e apresentar carências no plano das competências pragmáticas. A consciência dessa realidade motivou o estabelecimento, a par do conceito de competência linguística, do conceito de competência pragmática, como parte integrante da competência comunicativa, concebida como a consciência do falante a respeito de convenções de natureza social, cultural e discursiva que devem ser observadas em situações concretas de comunicação. (MATOS, 2005, p.97)

A necessidade de se discutir o uso da linguagem associado à violência verbal, tendo em vista as convenções sociais e as regras que regem o convívio dentro da escola, endossa uma discussão sobre o fenômeno do uso de palavrões nos conflitos entre alunos. Este uso se configura como um evento social e linguístico possível de ser discutido didaticamente, pois as práticas sociais e educativas devem se voltar para ações que potencializem a perspectiva interdisciplinar para o enfrentamento da violência e para a consequente promoção da qualidade de vida individual e coletiva.

A seguir, passaremos a discorrer sobre a compreensão das diversas abordagens a definição e o uso de palavrões, para que possamos entender a multiplicidade de funções das palavras e expressões torpes.

2.1.3 Palavrões: multiplicidade de abordagens

No âmbito pedagógico é muito comum que encontremos trabalhos que apontem para a necessidade de se evitar o uso de palavrões na escola, visto as consequências negativas decorrentes da linguagem obscena, de baixo calão. Oliveira (2014, p. 16, no prelo) comenta que “seu uso [do palavrão] é, indubitavelmente, desaconselhável ética e socialmente, uma vez que se apresenta de forma vulgar com termos que, em sua maioria, refletem a obscenidade, a falta de respeito ou mesmo a agressividade (grifos nossos)”.

Trindade (2009) afirma que a família é responsável pela linguagem do aluno e que o uso de palavrões, “palavras feias”, choca as famílias que não tem o hábito de usar estas palavras e expressões, ao temerem que a educação dado ao filho fique prejudicada:

Pais que não tem esse hábito [de falar palavrões] costumam ficar chocados, pois acreditam que a escola começa a prejudicar a educação que eles têm dado ao filho. O palavrão aparece no vocabulário da criança como uma palavra qualquer, já que não conhece nem entende seu significado. Se em casa a criança não recebe este exemplo, os pais podem ficar tranquilos, pois os valores inseridos na família são os que vão prevalecer. Porém, é importante que expliquem que estas são palavras feias

e que na família não se falam dessa forma. A criança irá aprender sobre esses conceitos, com certeza. (TRINDADE, 2009)

Essas perspectivas desconsideram o uso de palavrões como recursos expressivos válidos em determinados contextos situacionais, inclusive na escola, em que o aluno exprime seus sentimentos e intenções por meio da linguagem. Nesse sentido, buscamos apresentar que o uso de palavrões pode estar associado a diversos fatores e funções, e que o professor deve buscar desenvolver no aluno uma competência pragmática que o torne capaz de perceber se o uso de certas palavras ou expressões é cabível ou não, não só diante do contexto enunciativo, mas considerando as consequências do uso da linguagem.

Na contramão dos impedimentos para o uso de palavrões, Sara e Gurgel (1998) comentam que alguns autores consideram que o “equipamento linguístico falado” do brasileiro médio, apresenta uma frequência alta de palavrão, chulo ou de baixo calão. Há quem negue ao conjunto uma valoração na linguagem usual, colocando-o como manifestações isoladas e típicas das classes baixas da sociedade, própria dos grupos de cultura simples, analfabetos ou semianalfabetos de baixa renda, da periferia das zonas urbanas e rurais. Ainda que o estereótipo proceda, não “resiste a uma análise de consistência” (GURGEL, 1998, p.51).

Desse modo, discorreremos a seguir sobre alguns aspectos pertinentes para o entendimento do uso das palavras e expressões consideradas como palavrões, a saber: a) palavrões entendidos como palavras torpes e tabuizadas; b) palavrões como recursos expressivos possíveis de se adequarem ou não nos contextos enunciativos; c) compreensão semântica do uso de palavrões nas situações de conflito e em outros contextos enunciativos.

a) Palavrões: palavras torpes e tabuizadas

O primeiro entendimento possível para palavrões é o que abrange a compreensão de que são palavras e expressões torpes e tabuizadas. Essa delimitação abrange a escolha de linguagem realizada pelos falantes, numa perspectiva lexical. Faggion (2009) designa palavrões como turpilóquios, considerando a escolha lexical torpe - do latim *turpe*, que significa 'disforme, desfigurado, feio; vergonhoso; ignóbil'⁵:

⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 1692.

A seleção lexical feita pelos termos mais chulos configura turpilóquio: de fato, podemos definir ou descrever alguma coisa utilizando dado termo torpe, o que por si só já deprecia a coisa assim definida ou descrita. Designam-se, do modo mais desprestigiado socialmente, e através de termos degradantes e ofensivos, algumas das pulsões fundamentais do homem [...], sexo, metabolismo, agressividade, religião. Transformando substantivos habitualmente depreciados em adjetivos, podemos qualificar pessoas, eventos e objetos de forma pejorativa. (FAGGION, 2009, p. 634-635)

Para o desenvolvimento de nosso trabalho adotaremos, nesse sentido, a acepção de palavrões de Faggion (2009) exposta acima, complementada pela acepção de palavrões tal como consideram Orsi e Bueno (2014):

[...] os itens léxicos que compõem um conjunto lexical hostilizado na maioria dos contextos sociais – os turpilóquios. Esses são manifestados por lexias e expressões (sejam eles adjetivos, locuções e orações) consideradas como tabu na sociedade, pois muitos deles significam ofensas, expressões pejorativas e os mais impactantes são aqueles que nomeiam os órgãos genitais e/ou o ato sexual. São popularmente conhecidos como palavrões. (ORSI; BUENO, 2014, p.1)

Essa definição aponta para os vocábulos e expressões que se inserem no conceito de tabu linguístico. Guérios (1979) afirma que há duas definições de tabus linguísticos: uma própria e outra imprópria. Na primeira, “tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, para evitar infelicidade ou desgraça” (GUÉRIOS, 1979, p.11). Na segunda, “tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira” (GUÉRIOS, 1979, p.11).

Considerando a tradicional definição de Guérios (1979) para tabus linguísticos, Orsi (2011, p. 336) acrescenta que

[...] o tabu linguístico é decorrente das sanções, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega. E, por estar em si também o impulso por ultrapassá-los, o homem reverte as imposições e usa os palavrões e outras construções lexicais como forma de expressão de seus sentimentos e meio de subversão das proibições. (ORSI, 2011, p. 336)

Augras (1989), ao discutir o tabu linguístico, destacou a relação entre as lexias proibidas e a linguagem erótica/obscena. Para a autora,

[em] todo grupo cultural, há partes do corpo que não se devem sequer nomear. É o caso, entre nós, dos órgãos sexuais, que são designados, ou por jargão médico científico, ou por palavrões. É que os órgãos sexuais servem para lidar diretamente com o outro, estabelecendo a ligação entre opostos e, por conseguinte, têm de ser

objeto de tabus, como tudo aquilo que fomenta um duplo domínio. (AUGRAS, 1989, p. 41)

Orsi e Zavaglia (2012) também trataram de discutir o uso de itens lexicais tabus e categorizam os palavrões como sendo palavras de emprego erótico/obsceno:

As unidades lexicais de que tratamos se referem ora ao erótico, ora ao obsceno porque fazem menção ao sexo e podem, em certos contextos, ultrapassar o limite da considerada boa decência e da moralidade, podendo ser empregadas de maneira injuriosa, despudorada ou grosseira. Ademais, essas mesmas unidades podem também ser classificadas como palavrões e, conseqüentemente, como tabus, justamente por espelharem um emprego insultuoso ou obsceno. (ORSI; ZAVAGLIA, 2012, p. 158)

Essas autoras caracterizam os palavrões como vulgarismos: “Desta feita, no âmbito dos estudos sociolinguísticos, o léxico erótico-obsceno relativo aos nomes atribuídos aos órgãos sexuais é concebido como uma variante vulgar” (ORSI; ZAVAGLIA, 2012, p. 164). Assim, consideram que são itens que merecem reflexões sobre o uso:

Saber falar e escrever uma língua implica no conhecimento de seu léxico e de sua gramática, mas igualmente saber escolher e usar dentre as variedades disponíveis a mais adequada a uma situação particular. Todo ser humano tem de falar de acordo com tais regras, isto é, tem de “saber”: quando pode falar e quando não pode, que tipo de conteúdos lhe são consentidos e que tipo de variedade linguística é oportuno que seja usada em cada conjuntura ou circunstância (ORSI; ZAVAGLIA, 2012, p.35)

De acordo com Jay (2009 *apud* PAIL, 2012, p.79) tabus linguísticos são linguagem emocional ofensiva, eles “são definidos e sancionados por instituições de poder (por exemplo, religião, mídia) (JAY, 2009, p.153)”. Pail (2012) acrescenta que os tabus “são palavras proibidas e reiteradas durante a infância” e defende que “apesar de no senso comum os palavrões serem considerados xingamentos, na prática nem sempre são usados com a finalidade de xingar”. Dessa forma conclui que “todos os palavrões são tabus linguísticos, alguns xingamentos são tabus linguísticos e alguns palavrões são, também, xingamentos” (PAIL, 2012, p.79)

Dal Corno e Faggion (2011, p.168) comentam que “os tabus linguísticos são sempre produtos de uma pressão social. A linguagem torpe constitui um tabu linguístico e em dadas instâncias sociais é proibida por imposição dos costumes”. As autoras acrescentam ainda uma percepção sociolinguística acerca dos palavrões, por elas considerados tabus linguísticos:

Na área do palavrão, chama a atenção um dado sociolinguístico importante, isto é, dentre os vários termos que podem designar determinada ideia, a escolha torpe sempre se encaminha para a de mais baixa aceitação social. Assim, termos designando órgãos sexuais, por exemplo, têm ampla aceitação social se forem de cunho científico; são normalmente mencionados, em ambiente familiar, através de suas adaptações, sejam elas infantis (e.g. *passarinho*) ou não (e.g. *veio*, designando chegada de menstruação), mas são evitadas, em certos ambientes, designações conhecidas como chulas. Pragmaticamente, essas últimas conferem mal-estar a um ambiente familiar ou formal. São consideradas falta de educação, e realmente o são no sentido mais exato, pois a pessoa que só conhece os termos mais chulos (i.e., desconhece as denominações cientificamente corretas) provavelmente não passou por muitos anos de educação formal. A que teve tal educação e escolhe o termo chulo está manifestando desprezo, desconsideração – ou mesmo raiva – em relação a uma situação vivenciada ou em relação a quem ouve sua manifestação. (DAL CORNO; FAGGION, 2011, p.168)

A ideia de tabu linguístico, genericamente considerado como sendo palavras ou expressões proibidas em determinados contextos, se estende para além do limite da moral ou dos costumes. Quando se trata da utilização de termos chulos e torpes, o entendimento se insere no âmbito da legalidade e as interdições de uso são determinadas pelo viés prevenção da violência verbal, caso atinja a dignidade do outro.

Desse modo, não se trata tão somente dos costumes, da educação, da decência, da moralidade. Neste trabalho, os palavrões são considerados como tabus que se inserem no âmbito das interdições linguísticas no contexto específico da escola, considerando que o ambiente escolar é um espaço de promoção de valores sociais, como o respeito ao próximo e a diversidade. No entanto, também consideramos nas nossas discussões a manifestação do uso de palavrões como recursos fortemente expressivos. É sobre este aspecto que discorreremos a seguir.

b) Palavrões como recursos expressivos: adequação e inadequação da linguagem

Não podemos negar que o uso de palavrões está relacionado a diversos fatores e funções. Orsi (2011, p. 2) afirma que os palavrões podem ser interpretados “como elemento catártico para aliviar a tensão social”. Isso indica que existem situações em que a linguagem considerada formal ou com um maior monitoramento, não daria conta de expressar verdadeiras intenções, impressões e/ou sensações, sendo justificada e válida a utilização de palavrões como recurso expressivo, independente de fatores extralinguísticos.

Schneider e Rossi (2008) também defendem que “os palavrões não nasceram por acaso. São recursos extremamente válidos e criativos para prover nosso vocabulário de expressões que traduzem com a maior fidelidade nossos mais fortes e genuínos sentimentos”

(SCHNEIDER; ROSSI, 2008, p. 8). No entanto, considerando as relações interpessoais na escola, “devemos ter em mente que a língua não é simplesmente um veículo para transmitir informações, mas é também um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas (MONTEIRO, 2008, p. 16)”.

Dal Corno e Faggion (2011) também nos expõem a pluralidade pragmática das funções do uso dos palavrões, designados por elas como turpilóquios:

O turpilóquio (ou uso de linguagem torpe) tem várias funções: ofensiva (agredindo através de palavras), perturbadora (instaurando uma alteração profunda na situação de fala), de desafogo ou revolta (afrontando dor física ou psíquica, raiva, frustração, surpresa desagradável), ou ainda de familiaridade, descontração (confirmando o alto grau de amizade necessário para que tais termos sejam pronunciados sem serem ofensivos; tornam-se marcadores de proximidade), e até mesmo riso. (DAL CORNO; FAGGION, 2011, p.167)

Para a discussão sobre o uso de palavrões nas situações de conflito na escola, não se pode considerar esses elementos apenas como linguagem tabuizada, dada a sua pluralidade de uso. O intuito é levar o aluno a perceber se o uso dessas palavras ou expressões aproxima ou distancia os relacionamentos e ainda se este uso possui caráter catártico, ofensivo e até risível. E isto aqui é realizado numa reflexão sobre a adequação ou inadequação da linguagem por eles utilizada.

Nessa perspectiva, a adequação ou inadequação do uso dos palavrões está condicionada ao contexto enunciativo. Se os palavrões caracterizam uma linguagem popular, fazendo parte da fala e da escrita de muitas pessoas que os enunciam ou escrevem sem maior reflexão sobre a linguagem, as atividades de reflexão linguística sobre o uso dessas palavras devem buscar desenvolver no aluno a competência requerida para as escolhas conscientes do uso de uma linguagem mais aceitável diante do contexto enunciativo.

Sobre as escolhas linguísticas, Orsi e Zavaglia (2012, p. 160) comentam que os falantes “abandonam certo tipo de uso lexical e escolhem outro, não pelo fato de o primeiro soar falso e o segundo, verdadeiro, mas pelo motivo de um parecer inadequado e outro mais conveniente, dependendo de sua valoração, que é moldada socialmente”. Essa consciência dos valores das palavras é buscada pela percepção do espaço linguístico em que estamos inseridos para a produção dos enunciados.

Assim pensando, nosso trabalho também se fundamenta no sentido de que os alunos compreendam que os palavrões, em situações de conflito na escola, são recursos linguísticos utilizados, principalmente, para ofender a dignidade do outro. Desse modo, o uso dessas palavras e expressões é vetado não só pelo viés do pudor, da moral e dos bons

costumes, ou ainda pelo estremecimento da relação de camaradagem buscada entre os alunos, mas por critérios legais que impõem que sejamos reflexivos em nossas escolhas linguísticas.

Essa percepção é coerente com alguns estudos sobre o uso de palavrões tais como o de Roselli-Cruz (2011) que analisou o uso de palavrões na educação sexual escolar como reflexo de homossexualidade, homofobia e agressividade. O pesquisador mostrou em seu trabalho que o uso do palavrão pode gerar violência e até crime de morte na escola, sobretudo quando se refere à homossexualidade, e ressaltou a importância de uma discussão linguística associada à educação sexual escolar e familiar:

Muitos professores e famílias relatam a dificuldade em lidar com ele. 90% da agressividade do palavrão se referem à sexualidade do ofendido e/ou de sua família, em especial à mãe, e à homossexualidade. Muitos dos livros de educação sexual sequer fazem referência à homossexualidade e, em nenhum deles encontramos conteúdos sobre o palavrão. O discurso religioso mais contribui para aumentar as possibilidades de punição do que à compreensão e aceitação do sujeito com esses comportamentos. (ROSELLI-CRUZ, 2011, p.73)

Ainda acrescentou a importância de se discutir o uso de palavrões por meio de ações efetivas:

Para que a escola desenvolva ações efetivas para a prevenção do uso de palavrão como forma de comunicação interpessoal, evitando evoluir para formas mais violentas, precisa tomar consciência da força do preconceito, dos estereótipos e da discriminação nas relações sociais. (ROSELLI-CRUZ, 2011, p.76)

Ao pensamento de Roselli-Cruz (2011), associamos os interditos de linguagem de Foucault (1964), entendidos como quatro possibilidades de se dizer que um vocábulo ou mesmo uma linguagem é proibida, é indevida. Essa associação é lembrada pela necessidade de se justificar que não se deve utilizar qualquer linguagem na escola, principalmente uma linguagem que seja perturbadora e ofensiva.

As interdições da linguagem de Foucault (1964) desvelam o tabu do objeto, estabelecendo um diálogo com o tópico anterior, sobre os tabus linguísticos: o fato de não se ter o direito de dizer tudo. À ideia de tabu, é acrescentado por Foucault (1964) o que agora discutimos, o ritual da circunstância, pois não se pode falar tudo em qualquer circunstância; além de estreitar o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, pois qualquer um não pode falar de qualquer coisa.

Primeiramente, as “faltas de linguagem”, são consideradas como as palavras ausentes no código linguístico que resultam numa criação de neologismos necessários para que se efetive a comunicação. Em seguida, as “palavras blasfematórias”, inseridas no campo

dos palavrões, uma vez que estes também são considerados blasfêmias, no sentido de serem palavras injuriosas contra pessoa ou coisa respeitável.

As “significações intoleráveis” são os interditos que estão relacionados a uma determinada cultura, a um determinado momento, estando também relacionado ao uso dos palavrões, visto que há culturas e comportamentos que abominam qualquer atitude desrespeitosa por meio de palavras de baixo calão. Por fim, a “linguagem excluída” é entendida como a que “acrescenta um excedente mudo que enuncia silenciosamente o que ela o diz e o código segundo ela diz.” (FOUCAULT, 1964. p. 214-215).

O autor também afirma que “tudo não é dito nunca”. No entanto, isso não significa que algo tenha ficado reprimido ou sufocado, mas, simplesmente, que cada enunciado tem seu tempo de aparição, o contexto ao qual pertence. Desse modo, a linguagem é controlada, relacionada, organizada e redistribuída por procedimentos que mensuram seus poderes e perigos, para que seja dominado seu acontecimento aleatório, fazendo-se acontecer no “tempo certo”.

Essas interdições se complementam e formam uma rede complexa. O conceito de controle, mencionado por Foucault (1964), opera na sociedade, por meio do interdito em, pelo menos, três situações:

- a) no campo da sexualidade, na qual o discurso está ligado ao desejo e no campo da política, em que tem relação direta com o poder;
- b) na oposição entre razão e loucura, quando se diz o que é proibido ou se há a contrariedade de alguma das interdições, o indivíduo é caracterizado como louco;
- c) na vontade de verdade, quando se anseia que o discurso seja aceito pelo outro como verdade, pois isso representa aprovação de poder.

Sobre os interditos da linguagem, nos quais se percebe a ideia de controle, associamos o pensamento de Orsi (2011, p. 2) quando afirma que os palavrões podem ser interpretados “como elemento catártico para aliviar a tensão social”. Isso indica que existem situações em que a linguagem considerada formal ou com um maior monitoramento, não daria conta de expressar verdadeiras intenções, impressões e/ou sensações, sendo justificada e válida a utilização de palavrões como recurso expressivo, independente de fatores extralinguísticos de controle social.

Nessa perspectiva, Pinker (2008) comenta que

Há momentos na vida de todo mundo em que se sente a necessidade de intimidar ou punir outra pessoa, ou de degradar a reputação dela. É provável que o ato de forjar os xingamentos tenha exercitado mais o instinto linguístico das pessoas que todos os

outros atos do discurso juntos, e em muitas culturas ele foi alçado à categoria de grande arte, às vezes chamado de *flyting*. (PINKER, 2008, p. 401)

Na contramão do posicionamento desses autores, as orientações pedagógicas figuram em documentos escolares e visam controle e o bem estar social e a preservação da harmonia na escola. Por isso, encontramos tão facilmente documentos e orientações pedagógicas que norteiam as interdições de uso de palavrões. O mais comum é que encontremos vetos para o uso da linguagem torpe que se baseiam em documentos escolares como os que apontamos a seguir: o Projeto Político Pedagógico e o Regimento escolar.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é o documento que reúne propostas de ações concretas, considerando a escola como um espaço de formação de cidadãos conscientes, responsáveis e críticos, que atuarão individual e coletivamente na sociedade, modificando os rumos que ela vai seguir. Sua dimensão pedagógica define e organiza as atividades e os projetos educativos necessários ao processo de ensino e aprendizagem.

O Regimento Escolar, aliado ao Projeto Político Pedagógico (PPP), é um documento que trata do comportamento ideal para o ambiente escolar e se fundamenta em premissas éticas. Nesse documento é possível encontrar princípios atitudinais de respeito ao próximo que não podem ser feridos, inclusive pelo uso da linguagem carregada de palavrões como recursos ofensivos à dignidade.

Desse modo, reconhecer as consequências do uso de palavrões com o propósito de insulto ou agressão verbal passível de punição prevista na legislação brasileira, também passa a ser imprescindível. Todos os alunos precisam entender o poder da linguagem e que as consequências do uso premeditado ou impensado de palavrões, em nítida conduta desrespeitosa e grosseira, submetendo o outro à situação vexatória de modo a causar-lhes abalo moral e psicológico, leva a consequências legais previstas em leis específicas.

Diferentemente de outros países, não existe no Brasil uma tradição na imposição de censura e sanções a blasfêmias. No entanto, o Código Penal brasileiro, no Capítulo V – Dos Crimes contra a Honra, Artigo 140, § 3º (com redação determinada pela Lei no. 10.741, de 2003), pune a injúria (ofensa verbal) que “consiste na utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência” com a pena de “reclusão de um a três anos e multa”. Tão passível de punição como a calúnia e

a difamação, a ofensa verbal ou o insulto, tecnicamente denominados “injúria”, é considerada um crime nos casos citados⁶.

Diante dos interditos da linguagem existentes como forma de controle social, passaremos a discutir a compreensão vocabular do significado dos palavrões por meio da reflexão sobre os campos semânticos. Isto será tratado a seguir, quando apresentaremos como alguns autores classificam estas palavras.

c) compreensão semântica do uso de palavrões

Uma estratégia adotada por nós para se discutir o uso dos palavrões na escola em meio aos conflitos e as interdições é fundamentada na compreensão dessas palavras com base nos campos semânticos. Para a compreensão de campo semântico, adotamos o posicionamento de Crystal (1988, p. 41) que diz que “campo é um termo usado em semântica, com referência ao vocabulário de uma língua, quando ele é visto como um sistema de redes lexicais e não como um inventário de itens independentes”.

Nessa compreensão, assumimos, de maneira prática, que campo semântico é uma listagem de itens lexicais que estabelecem um entrelaçamento de relações de sentido. Para exemplificar essa conceituação, apresentamos a palavra “boi”, que se relaciona, por meio do seu sentido, à palavra “vaca”, por serem designações de animais, estabelecendo uma rede de sentido. Já a palavra “sapato”, pelo seu significado, não pertenceria ao mesmo campo semântico de “boi” e “vaca”, pelo distanciamento de significado, mas se aproximaria de “chinelo” e “meia”.

A compreensão dos campos semânticos, bem como o reconhecimento dos significados das palavras é válido para o entendimento das intenções comunicativas que permeiam o uso. O trabalho de Zotelli Filho e Maeda (2014) atesta que há uma dificuldade entre os jovens para compreender as intenções comunicativas dos palavrões em uso.

Esses autores investigaram o uso de palavrões na fala de jovens de Mato Grosso do Sul, contrastando num estudo sociolinguístico as definições dicionarizadas e o emprego prático. Dentre as conclusões apontadas no estudo, ficou evidenciada essa incompreensão das intenções comunicativas no uso de palavrões entre os jovens:

⁶ "A ausência de motivo não deve ser equiparada ao motivo fútil, pois todo crime tem a sua motivação. Há quem alegue que, se um motivo ínfimo justifica a elevação da pena, com maior razão deve ser punida mais gravemente a infração penal imotivada." (MASSON, Cleber. **Código Penal Comentado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2014., p. 318).

[...]foi possível observar que a quase totalidade dos entrevistados utiliza os palavrões para se comunicar [...]. Todavia, ficou claro que há grande insegurança em apontar o real uso (para quê serve) do palavrão. Esse fato mostra que os entrevistados não têm um domínio concreto sobre as possibilidades que o emprego de palavrões pode oferecer, como por exemplo, demonstrar grau de afetividade, expressar espanto ou surpresa, elogiar, desabafar, e claro, ofender. (ZOTELLI FILHO; MAEDA, 2014, p. 115)

No sentido de promover a compreensão dos campos semânticos das palavras torpes, Roselli-Cruz (2011) buscou investigar quais estereótipos predominavam entre os jovens, numa pesquisa de categorização semântica. Seu trabalho foi fundamentado no posicionamento de Sandmann (1992) que, quando estuda as formas de abrandamento dos palavrões, destaca que:

Focalizando apenas o palavrão tal qual ele é corrente entre nós, podemos apontar alguns campos semânticos nos quais ele se nutre com destaque. Referindo-se ao homem, ser humano do sexo masculino, ganham acento os palavrões que enfocam a sexualidade passiva (bicha, veado) e o ser vítima de infidelidade (corno, chifrudo), enquanto a mulher é estigmatizada mais pela prostituição (puta, galinha, fêmea), sendo de destacar o aspecto cultural de que se fêmea é negativo para mulher, macho e machão não são para o homem.

Assim como Roselli-Cruz (2011), buscaremos discutir com os alunos essa categorização de campos semânticos, para que possam refletir sobre o uso da linguagem e os reflexos advindos da escolha da linguagem empregada nos conflitos. Sandmann (1992) também acrescenta outros campos semânticos que utilizamos nas atividades de reflexão linguística:

Outros campos que se destacam como fontes de palavrões: a religião (*desgraçado, diabo*); a idade, mais baixa (*fedelho, frango*) ou mais avançada (*coroa, velharia, caduco*); a falta de higiene (*porco*); a defecação e a micção (*cagão, mijão*); a atribuição dos nomes das partes do corpo animal às partes análogas do ser humano (*pata, juba, crina, focinho*), bem como dos nomes dos animais ao homem (*cavalo, porco, elefante*). Fatos históricos também podem dar origem a palavras de xingamento: *judeu, nazista, fascista* e até *comunista*, merecendo destaque que pode haver preconceito.

Estudos recentes fora do Brasil demonstram também um interesse pelo estudo do uso de palavrões. Sveinsdóttir (2010) objetivou em seu trabalho entender melhor essas palavras, questionar sua história e sua evolução. Nesse estudo, a autora delimita os campos semânticos de catorze palavrões, explica a classificação, além de apresentar a origem, o significado e as mudanças semânticas sofridas nos usos do espanhol na Espanha e na América Latina.

Sveinsdóttir (2010) elenca dezoito campos semânticos para a classificação dos palavrões, a saber:

Animalização; Partes do corpo humano; Palavras que giram em torno do sexo; Homossexualidade; Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição; Jurando que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas; Funções físicas e escatológicas; Blasfêmia; Palavras diabólicas; Antonomásia; Diminutivos e aumentativos; Morte; Comer e beber; Desprezo; Raiva; Surpresa; Palavrões de procedência cigana; As palavras do mundo das drogas⁷. (SVEINSDÓTTIR, 2010, p. 14)

Sveinsdóttir (2010) investigou os significados e as funções de cada campo semântico dos palavrões, apresentando vários exemplos e explicações. A autora constatou que os campos são bastante semelhantes uns aos outros, mas sempre existe uma distinção entre eles. Embora o significado se aproxime, a compreensão dada pelo contexto possibilita a classificação semântica, como, por exemplo, a distinção entre os campos de depreciação e insulto, porque para mostrar nosso desprezo é possível que empreguemos palavrões que consideramos um insulto.

Abaixo, apresentaremos uma síntese de como Sveinsdóttir (2010) compreende cada campo semântico.

QUADRO 1 - Campos Semânticos (SVEINSDÓTTIR, 2010)

CAMPO SEMÂNTICO	DEFINIÇÃO
Animalização	As palavras que pertencem a este campo semântico são os nomes de animais que se aplicam às pessoas, muitas vezes em formas metafóricas.
Partes do corpo humano	Palavras que se referem a anatomia humana, excetuando-se o léxico formal que é utilizado no campo da medicina e dos estudos científicos.
Palavras que giram em torno do sexo	A este campo semântico pertence uma abundância de vocábulos, frases, perífrases e metáforas que sugerem conteúdo sexual.
Homossexualidade	A este campo semântico pertencem as palavras e expressões sobre pessoas homossexuais e suas atividades sexuais.

⁷ *Animalización; Partes del cuerpo humano; Palabras que giran en torno al sexo; Homosexualidad; Palabras sobre mujeres de mal carácter o de mala fama, las prostitutas; Palabras que giran en torno al mundo de la prostitución; Las groserías que hacen alusión a la baja capacidad intelectual de las personas; Funciones físicas y lo escatológico; Blasfemia; Palabras diabólicas; Antonomasia; Diminutivos y aumentativos; La Muerte; Comer y beber; Desprecio; Enfado; Sorpresa; Palabrotas procedentes del caló; Los vocablos del mundo de las drogas.* Tradução nossa.

Palavras que fazem a variação à baixa capacidade intelectual das pessoas	A este campo semântico pertencem as palavras que denotam um nível baixo de inteligência do outro.
Palavras sobre mulheres de mau caráter, de mal fama, as prostitutas.	Palavras que giram em torno do mundo da prostituição .
Funções físicas e elogiosas	A este campo semântico pertence os vocábulos que descrevem todas as suas ações físicas que podem ser expressos de uma forma vulgar e também tudo o que está relacionado a excremento.
Blasfêmia	Palavra injuriosa contra Deus, a Virgem Maria e os santos. Também uma palavra gravemente injuriosa contra alguém.
Palavras diabólicas	Palavras vinculadas ao léxico diabólico ou satânico.
Antonomásia	Nomes comuns ou apelativos para, ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique
Diminutivos e aumentativos	Vocábulos que indicam que o expresso é pequeno, no caso do diminutivo, ou que aumentam a magnitude do significado, como é o caso dos aumentativos.
Morte	Vocábulos vinculados à morte e às ações de morrer o matar.
Comer e beber	Expressões coloquiais ou vulgares relacionadas a comida e ao ato de comer. Também sobre as bebidas e os seus efeitos, como no caso do consumo excessivo de bebidas alcoólicas.
Desprezo	Palavras que denotam a falta de afeto e consideração; ou ainda, a falta de consideração que se faz de maneira pública.
Raiva	Palavras que demonstram sentimentos que se experimentam contra uma persona que cometeu uma desobediência ou desrespeito.
Surpresa	Palavras que expressam a alteração emocional que causa o que não está previsto ou não se espera; algo que surpreende.
Palavras procedentes <i>del</i>	Palavras que procedem <i>del calo</i> – uma língua dos ciganos

<i>caló</i>	espanhóis.
Os vocábulos do mundo das drogas	Palavras que denotam o ambiente e os negócios ligados ao consumo das drogas.

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base em Sveinsdóttir (2010).

Os campos semânticos aqui apresentados embasam nossa discussão neste trabalho junto com os alunos. No entanto, percebemos a necessidade de, além de abordar o uso de palavras nas situações de conflito na escola associado à violência verbal e ao entendimento dos significados dessas palavras e expressões em uso, era necessário uma compreensão linguística mais abrangente, envolvendo os fenômenos da polidez e da impolidez linguística, o que veremos na próxima seção.

Desse modo, nos deteremos na seção seguinte à discussão sobre a polidez e a impolidez linguística, para nos fundamentar sobre aspectos relacionados ao comportamento linguístico dos alunos nas situações de conflitos na escola, complementando nosso estudo.

2.2 POLIDEZ E IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA

Nesta seção, discorreremos sobre algumas concepções teóricas acerca dos modelos seminais de Polidez. A abordagem do fenômeno é necessária para a compreensão de aspectos relacionados à linguagem utilizada pelos alunos em situação de conflito, visto que mesmo em situações de tensão comunicativa é possível a verificação de estratégias linguísticas que mitiguem os desacordos. A compreensão, bem como a indicação dessas estratégias, é possível revisitando a literatura no que diz respeito aos Atos de Fala e ao Princípio da Cooperação que subsidiam os modelos seminais de Polidez.

Sobre o fenômeno da Impolidez, deteremo-nos sobre a compreensão da teoria da Impolidez de Culpeper (1996; 2011) que descreve o fenômeno considerando o aparato conceitual de Brown e Levinson (1987), mas não entendendo como o simples oposto de Polidez. Desse modo, Culpeper (1996; 2011) descreve a Impolidez não como “ausência de polidez”, visto que não são todos os conceitos do modelo de Polidez que devem ser considerados, pois, caso isto ocorresse, alguns problemas poderiam ser transportados para o modelo de Polidez.

2.2.1 Polidez Linguística

Sathler (2011, p.16) afirma que, “no senso comum, polidez é sinônimo de boas maneiras, cortesia, urbanidade, civilidade, afabilidade, equivalente a ter ou demonstrar boas maneiras e consideração por outras pessoas”. Nessa perspectiva, a definição comum coincide com nossa proposta de reflexão sobre a linguagem utilizada na escola, sobretudo quando nas escolhas lexicais temos o uso de palavras com a intencionalidade de atingir de maneira ofensiva o outro. No entanto, a polidez é um fenômeno que se manifesta bem além da noção de “etiqueta” ou de boas maneiras, se configurando como importante para a compreensão das relações humanas.

De acordo com Muro (2005), falar de polidez é falar de comunicação, sendo a comunicação verbal apenas uma das interações sociais em que a polidez se manifesta. Meier (1995) defende que “a polidez pode ser considerada universal apenas no sentido de que toda sociedade possui normas para um comportamento apropriado, embora essas normas possam variar”⁸ (MEIER, 1995, p. 388). Desse modo, não se manifesta tão somente por meio das estruturas linguísticas, já que as suas normas decorrem de valores morais impressos particularmente em cada sociedade.

House e Kasper (1996) consideram a variação cultural do fenômeno da polidez e que esta se constitui em “um valor social que ocorre em todas as sociedades civilizadas”⁹ (HOUSE; KASPER, 1996, p.157). Watts (2003) considera que os indivíduos aprendem em sociedade a desenvolver comportamentos verbais e não-verbais polidos:

Ao menos uma coisa é certa sobre comportamento polido, incluindo polidez linguística: ele deve ser adquirido. A polidez não é algo que nasce conosco, mas algo que nós devemos aprender e em que devemos nos socializar, e nenhuma geração teve poucos professores ou manuais sobre etiqueta e ‘comportamento correto’ para nos ajudar a adquirir habilidades polidas. Então, dada a natureza rotineira da polidez, pode parecer surpreendente aprender não só apenas que ela ocupa um lugar central nos estudos sociais da linguagem, mas que ela também tem sido assunto de intensivo debate na pragmática linguística, sociolinguística e, em menor extensão, na teoria social [...].¹⁰ (WATTS, 2003, p. 9-10)

⁸ “Politeness can be considered universal only in the sense that every society has norms for appropriate behavior, although these norms may vary” (MEIER, 1995, p. 388). Tradução nossa.

⁹ “a social value that occurs in all civilized societies” (HOUSE; KASPER, 1996, p.157). Tradução nossa.

¹⁰ “At least one thing is certain about polite behavior, including linguistic politeness: it must be acquired. Politeness is not something that is born with us, but that we should learn and we should socialize, and no generation had some teachers or manuals on etiquette and 'right behavior' to help them acquire polished skills. Then, given the routine nature of politeness, it may seem surprising to learn not only that it occupies a central place in social studies of language, but that it has also been intensively debated in linguistic, sociolinguistic, and, to a lesser extent, in Theory Social [...]”. (WATTS, 2003, p. 9-10). Tradução nossa.

Na Pragmática, o fenômeno da polidez passa a ser campo de estudo a partir da Teoria dos Atos de Fala, de Austin (1990 [1962]), quando a concepção de linguagem passa a ser vista como regulação das relações sociais. Desse modo, passaremos a discorrer, na seção que segue, sobre os atos de fala como sendo relevantes para a compreensão dos estudos pragmáticos sobre polidez.

2.2.1.1 *Atos de Fala*

Os Atos de Fala são teorizados por Austin (1990 [1962]), autor que é considerado como um dos expoentes da Filosofia da Linguagem Ordinária (do cotidiano). Em suas conferências, Austin defendia que a complexidade das expressões da linguagem comum e cotidiana é o que justifica o seu estudo, não só para fins de resolução dos problemas filosóficos, mas também pela própria investigação da linguagem e de seu funcionamento (SILVA, 2011).

Austin, em sua primeira conferência em Havard, declara que os gramáticos por um longo período de tempo classificaram uma sentença como declarativa, interrogativa, negativa, que expressa desejo, ordem ou concessão, enquanto que os filósofos acreditavam ter a sentença a função de descrever ou declarar um fato:

Recentemente, muitas das sentenças que antigamente teriam sido aceitas indiscutivelmente como “declarações”, tanto por filósofos quanto por gramáticos, foram examinadas com um novo rigor. Este exame surgiu ao menos em filosofia, de forma um tanto indireta. De início, apareceu, nem sempre formulada sem deplorável dogmatismo, a concepção segundo a qual toda declaração (factual) deveria ser “verificável”, o que levou à concepção de que muitas “declarações” são apenas o que se poderia chamar de pseudo-declarações. (AUSTIN, 1990 [1962], p. 22)

Assim, muitas sentenças poderiam ser consideradas vazias de significado se submetidas ao critério da verdade ou da falsidade.

Com essa constatação, Austin (1962) propõe a Teoria dos Atos de Fala em que dizer nem sempre é somente descrever e/ou declarar sobre o mundo. Dizer, em muitas situações, é fazer; é realizar uma ação ao mesmo tempo em que se diz essa ação. Nessa perspectiva, uma grande parte dos enunciados não passíveis de serem submetidos às condições de verdade (valor de verdade) teriam seu significado explicado através do contexto em que desempenham um determinado ato.” (ESPÍNDOLA, 2012, p. 16)

Concebendo a linguagem como forma de ação, Austin (1990 [1962]) passa a categorizar os enunciados como constatativos ou performativos: constatativos são aqueles que

descrevem ou relatam um estado de coisas, e que, por isso, se submetem ao critério de verificabilidade, isto é, podem ser rotulados como verdadeiros ou falsos; performativos são enunciados que não descrevem, não relatam, nem constata absolutamente nada, e, portanto, não se submetem ao critério de verificabilidade (não são falsos nem verdadeiros). Mais precisamente, são enunciados que, quando proferidos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na forma afirmativa e na voz ativa, realizam uma ação.

A dicotomia constatativos/performativos é abandonada por Austin (1990 [1962]) quando o filósofo observa que “os dois tipos de elocução estabelecem relação com os fatos e que ambas, ao serem realizadas em seus contextos específicos, executam, de alguma forma, uma ação” (SILVA, 2011, p.48).

Quando conclui que todos os enunciados são performativos, já que no momento em que são enunciados realizam algum tipo de ação, Austin (1990 [1962]) retoma o problema em novas bases, e identifica três atos simultâneos que se realizam em cada enunciado: o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário: “o primeiro ato diz respeito à realização de dizer algo, simplesmente. O segundo, diz respeito à realização de um ato ao dizermos algo, carregando uma força ilocucionária. Já o terceiro ato diz respeito ao efeito produzido pela ação de dizer algo” (SILVA, 2011, p.50).

Silva (2011) comenta que o ato ilocucionário é “o mais importante na visão de Austin”, tendo em vista que “carrega uma força performativa e está associado ao modo como o enunciado é proferido e como esse enunciado é recebido”, sendo as intenções do falante expressas por meio do ato ilocucionário.

As concepções de Austin “são retomadas e sistematizadas por John Searle, primeiramente em *Speech acts* (1969) e depois em *Expression and meaning* (1979)” (SILVA, 2005). Searle distingue cinco grandes categorias de atos de linguagem:

- Assertivos (sugerir, insistir)
- Diretivos (convidar, pedir, suplicar, aconselhar, ordenar, exigir)
- Comissivos (prometer, garantir, jurar, apostar)
- Expressivos (desculpar, agradecer, lamentar, congratular, elogiar)
- Declarativos (batizar ou proferir uma sentença judicial) (SILVA, 2011, p. 49)

Silva (2005) comenta que, para Searle (1975), “a força ilocucionária é que pode diferenciar um ato do outro”, sendo o contexto o fator mais relevante dentro da proposição para gerar a força ilocucionária.

Os atos de fala indiretos são incluídos por Searle na Teoria dos Atos de Fala como aqueles cuja força ilocucionária é realizada por meio de outro ato e se manifesta implicitamente:

Em atos de fala indiretos, o falante comunica ao ouvinte mais do que ele verdadeiramente diz, confiando na informação prévia mutuamente compartilhada por eles [informação esta] linguística ou não-linguística, juntamente com os poderes gerais de racionalidade e inferência da parte do ouvinte. (SEARLE, 1975, p.60-61 *apud* SILVA, 2011, p. 49).

Podemos exemplificar um ato de fala indireto com o enunciado: *Você tem uma caneta?* (pedido com aparência de pergunta). Quem enuncia essa frase não está perguntando se o interlocutor tem ou não uma caneta, mas sim, pedindo-lhe que ceda uma.

Desse modo, a Teoria dos Atos de Fala traz para os estudos linguísticos a atenção para os elementos do contexto enunciativo (quem fala, com quem se fala, para que se fala, onde se fala, o que se fala, etc.) que fornecem pistas para a compreensão dos enunciados.

Os mais simples casos de significação são aqueles em que o falante pronuncia uma sentença e quer dizer exatamente e literalmente o que diz [...]. Mas notoriamente, nem todos os casos de significação são tão simples como esse. Em dicas, insinuações, ironias e metáforas, para mencionar alguns exemplos, o significado do enunciado do falante e o significado da sentença distanciam-se de várias maneiras. (SEARLE, 1975, p.59 *apud* SILVA, 2011, p.49)

Assim, os atos de fala indiretos assumem os mais variados valores ilocutórios: uma pergunta pode significar um pedido ou um pedido pode significar uma ordem, tudo em função do contexto enunciativo. Assim, a polidez, em função da necessidade de sociabilidade, orientará o falante a optar por atos de fala indiretos durante a enunciação.

Atos de fala indiretos constituem uma estratégia para manter a polidez nas interações. Estes tendem a ser mais “polidos” porque ampliam o leque de opções de escolhas do interlocutor e à medida que uma ilocução torna-se mais e mais indireta, sua força tende a ser reduzida. Paiva (2008, p.36) comenta que os atos indiretos de fala “constituem formas de polidez linguística, na medida em que seu uso sugere uma atenuação de possíveis atos ameaçadores de face entre os interlocutores”.

Complementarmente à compreensão dos Atos de Fala como significativos para o entendimento do fenômeno da polidez linguística, passamos aos postulados de Grice (1982) sobre o Princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais que também se constituem em importantes contribuições. Sobre esses postulados, discorreremos a seguir.

2.2.1.2 O princípio da cooperação e as máximas conversacionais

Grice foi um dos primeiros teóricos a tratar da distinção entre significado do falante e significado da sentença, descrevendo as relações que supõe existir numa troca comunicativa entre o que é dito e o que é implicado de forma não-convencional.

O Princípio da Cooperação de Grice (1982 [1975]) se relaciona com o fato de que os interlocutores realizam “uma contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que [...] [o interlocutor] está engajado” (GRICE, 1982 [1975], p. 86). Essa cooperação é entendida como um princípio básico que rege a comunicação humana.

Grice (1982 [1975]) postula que, quando os indivíduos interagem, para que a comunicação flua adequadamente, a cooperação é fixada por meio de um comportamento que é definido e construído por meio de trocas. Dessa maneira, podemos dizer que é através do Princípio da Cooperação que os interlocutores durante o ato comunicativo detectam os significados de origem inferencial, além dos explicitados pelo falante.

Segundo a teoria, os interlocutores, ao enunciarem, produzem implicaturas designadas por Grice (1982 [1975]) como convencionais e conversacionais. As implicaturas convencionais são inferíveis através de palavras ou de sequências de palavras. As implicaturas conversacionais são habilidades cognitivas que o locutor e o interlocutor possuem para decifrar e compreender o significado que está implícito no que é comunicado. Desse modo, as implicaturas conversacionais são a realização de operações mentais que interpretam fatos e situações no mundo e em seguida atribuem um significado.

O Princípio da Cooperação estipula que o interlocutor é cooperativo na interação verbal no sentido em que a sua contribuição na conversação deve corresponder àquilo que dele se exige em função da direção que a conversação tomar e em função da finalidade comunicativa tacitamente assumida entre os dois interlocutores.

Grice (1982 [1975], p. 86-88) postula quatro categorias de máximas que, durante a interação, o locutor observa para que a conversação (interação) seja bem sucedida:

- **Máxima de quantidade:** se relaciona com a quantidade de informação a ser fornecida e a ela correspondem as seguintes máximas:
 1. Faça com que a sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito requerido na conversação).
 2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

- **Máxima da qualidade:** está relacionada a que o locutor faça com que sua contribuição seja verdadeira. Está associada a duas máximas:

1. Não diga o que você acredita ser falso.
2. Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.

- **Máxima da relação:** requer do locutor que a sua participação seja pertinente; “seja relevante”.

- **Máxima da maneira/modo:** requer do locutor que participe na conversação com uma elocução ordenada, evitando ser ambíguo, prolixo ou obscuro. Refere-se a como o que é dito deve ser dito, a ser claro.

1. Evite obscuridade de expressão
2. Evite ambiguidades.
3. Seja breve (evite prolixidade desnecessária).
4. Seja ordenado.

Em síntese, as quatro categorias de máximas de Grice (1982 [1975]) - Quantidade, Qualidade, Relação e Modo – propõem, respectivamente: que o nível de informação não deve ser menor nem maior do que o exigido pela troca comunicativa; que só se deve dizer aquilo em que se acredita e sobre o que haja evidências adequadas; que só se deve dizer o que for relevante; que não se deve dizer o que for obscuro, ambíguo, deve-se procurar ser breve e ordenado.

Outras máximas podem ser observadas em trocas conversacionais, como a máxima da moral ou a máxima da polidez, que observaremos quando especificamente tratarmos dos estudos em polidez linguística.

De acordo com Grice (1982 [1975]), os participantes numa dada interação podem deixar de cumprir uma máxima conversacional de maneira “calma e ostentivamente” (GRICE, 1982 [1975], p. 91) o que indica que não querem cooperar de acordo com as máximas. Também podem deixar de cumprir uma máxima sem violar outra, e, ainda podem “abandonar uma máxima, isto é, podem espalhafatosamente deixar de cumpri-la” (GRICE, 1982 [1975], p. 91).

A obediência às máximas conversacionais de Grice (1982 [1975]) se dá quando o processo de inferência exige pouco esforço mental, enquanto que a violação dessas máximas proporciona um maior número de inferências, exigindo mais processos mentais por parte de quem recebe o enunciado. Quando entre os interlocutores ocorre a quebra das máximas conversacionais durante o ato comunicativo, isso torna o enunciado ambíguo ou de difícil compreensão.

Nessa situação, quando os interlocutores não partilham de um conhecimento mínimo comum, no momento em que acontece a quebra de uma ou mais máximas em um enunciado por parte de um dos locutores, o interlocutor inconscientemente realizará inferências que compreenda a mensagem implicada pelo locutor. Desse modo, para que essa interpretação ocorra com sucesso deve existir inicialmente entre os interlocutores o Princípio da Cooperação, que estabelece um acordo prévio na comunicação.

Conhecer as categorias de Grice (1982 [1975]) nos servirá de instrumento para observar as interações comunicativas entre alunos nas situações de conflito envolvendo o uso de palavrões, quando verificaremos quais as máximas que são violadas no processo comunicativo e que geram desacordos. A seguir, discutiremos os modelos seminais de polidez, também relevantes para compreender o uso da linguagem nas situações de conflito.

2.2.1.3 Os modelos seminais de polidez

Nesta seção, apresentaremos os principais estudos sobre polidez, considerando os modelos seminais, a saber: I - Polidez enquanto máxima conversacional; II - Polidez como contrato conversacional; III - Polidez enquanto ato de preservação da face.

I - Polidez enquanto Máxima Conversacional

O Princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais de Grice baseiam a visão de polidez enquanto máxima conversacional. Lakoff (1973) numa tentativa de ampliar o quadro das máximas de Grice numa tentativa de adequação pragmática. Assim, Lakoff (1973) propõe duas regras básicas:

I – Seja claro

II – Seja polido

Escandell (2013) comenta que a primeira regra expressa o mesmo tipo de conteúdo das máximas do Princípio de Cooperação de Grice e está relacionada a garantir uma transmissão eficaz da informação. A segunda visa minimizar as tensões criadas na interação, estando intrinsecamente relacionada à necessidade de se manter a harmonia entre os interlocutores, de se evitar o conflito na interação.

A regra geral *Seja polido* apresenta três modalidades diferentes:

I – Não imponha sua vontade ao ouvinte

II – Ofereça opções

III – Reforce os laços de camaradagem.

Cada uma dessas regras tem uma aplicação determinada, de acordo com o grau de relação que existe entre os interlocutores (SCANDELL, 2013). Muro (2005) considera que as três regras são submáximas que servem como instrumento para minimizar a fricção da interação social e que podem ocorrer simultaneamente em um evento conversacional. Segundo Lakoff (1998 *apud* BARROS, 2007), as suas submáximas da polidez se relacionam com as máximas de Grice, como vemos a seguir:

[...] uma conversação normal e interessante as viola [as máximas de Grice] a cada passo: é a conversação insípida ou rigidamente formal que se baseia nelas. Parece que o caso é que, quando a clareza entra em conflito com a Polidez, muitas vezes [...] a Polidez se impõe: considera-se mais importante em uma conversação evitar a ofensa que conseguir o objetivo da clareza. O que é lógico, posto que na maioria das conversações informais a comunicação real de ideias importantes é algo secundário com respeito ao mero fato de afirmar e estreitar relações. (LAKOFF, 1998 *apud* BARROS, 2007, p.6)

Leech (1983) assume a mesma perspectiva de Lakoff quando afirma que o Princípio de Cooperação de Grice é necessário, no entanto não é suficiente para explicar o uso de atos de fala indiretos. Para esse autor, o Princípio de Cooperação e o Princípio de Polidez se articulam de maneira complementar na interpretação de mensagens implícitas. Desse modo, o Princípio da Cooperação de Grice explicaria como um enunciado poderia transmitir uma mensagem implícita, enquanto o Princípio da Polidez, por sua vez, explicaria por que os interlocutores usavam atos indiretos.

O Princípio da Cooperação de Leech (1983) permite que um interlocutor se comunique partindo do pressuposto de que ele esteja sendo cooperativo. Desse modo, entendemos que seja um regulador de que se diz, contribuindo para o alcance dos objetivos discursivos.

Leech (1983) também assinala que a função social do Princípio da Polidez é manter o equilíbrio social e as relações afetivas permitindo que se presuma que os interlocutores estão sendo cooperativos. Assinala ainda que “crenças polidas e impolidas são, respectivamente, crenças favoráveis e desfavoráveis para o ouvinte e uma terceira pessoa”¹¹ (LEECH, 1983, p.81).

¹¹ “*Polite and impolite beliefs are respectively beliefs which are favourable and unfavourable to the hearer or to a third party*” (LEECH, 1983, p.81). Tradução nossa.

Escandell (2013) comenta que o grau de polidez de Leech (1983) é determinado pela força ilocucionária do enunciado. Baseado nessa assertiva, a autora aponta quatro grupos distintos de atos de fala, de acordo com o modo que cada um desses atos se relaciona com o objetivo discursivo e a continuidade da interação:

- Atos que apoiam a polidez: são os que trazem benefício para o destinatário e um custo para o locutor, mantendo ou melhorando o relacionamento interpessoal entre eles. São exemplos atos como agradecer, parabenizar, oferecer, convidar.
- Atos colaborativos à polidez: são os que não trazem desequilíbrio entre custo e benefício para os interlocutores, com a utilização de formas de polidez que apoiam o relacionamento interpessoal. São exemplos atos como afirmar, informar, anunciar.
- Atos competitivos com a polidez: são os que resultam em custo para o destinatário, caso se queira manter ou melhorar a reação do interlocutor é necessário compensar a impolidez intrínseca nesses atos com outros atos de polidez os que atenuem. Caso isto não ocorra, o relacionamento entre os interlocutores pode ser abalado. São exemplos ações como pedir, ordenar, exigir, implorar.
- Atos de conflito que são contrários à manutenção da harmonia entre os interlocutores: são aqueles cuja polidez não se enquadra porque o objetivo é aumentar a distância e abalar o relacionamento entre os interlocutores, como ameaçar, acusar, reprimir.

Os atos que apoiam a polidez e os atos competitivos com a polidez se relacionam no sentido de que, quando há competição, a polidez aparece para minimizar o conflito entre o objetivo do falante e a necessidade de ser polido. Leech (1983) explica que “objetivos competitivos são essencialmente descorteses [...] O PP [Princípio da Polidez] é então necessário para mitigar a descortesia intrínseca do propósito”¹² (LEECH, 1983, p. 105).

Percebemos que os atos que apoiam a polidez são opostos aos atos competitivos, visto que aqueles são intrinsecamente polidos, valorizando o relacionamento entre os interlocutores, enquanto que estes são intrinsecamente impolidos, podendo abalar esse relacionamento. É notório também que, nos atos colaborativos, a polidez é indiferente, visto

¹² “Competitive goals are those which essentially discourteous [...] The PP is therefore required to mitigate the intrinsic discourtesy of the goal” (LEECH, 1983, p.105). Tradução nossa.

que são atos que se constroem com ou sem polidez, enquanto que os atos de conflito se configuram com polidez nula, já que é intrínseco distanciar os interlocutores.

Escandell (2013) comenta que as quatro categorias de Leech (1983) não são fechadas, mas pontos-chave de um *continuum*. Como exemplo, ilustra a diferença polarizada entre dar uma boa notícia ao destinatário, quando o benefício para ele é grande, e lhe dar uma má notícia, cujo prejuízo para ele é maior.

Assim, a escala de polidez dos enunciados varia de um polo negativo a um polo positivo. As ordens, que são naturalmente indelicadas, extremizam-se em relação às ofertas, que são naturalmente educadas. Desse modo, existem duas formas de polidez: uma positiva e outra negativa. “Na sua forma negativa, a polidez tem função de minimizar as expressões impolidas; na sua forma positiva, a polidez tem função de maximizar as expressões polidas” (LEECH, 1983, p. 83-84)¹³.

Leech (1983) no sentido de explicar como o fenômeno da polidez ocorre na interação entre dois ou mais sujeitos, acrescenta seis máximas ao conjunto de máximas de Grice. Leech pressupõe que o emissor quer manter o equilíbrio social ou o modificar, aumentando a distância ou melhorando a relação. A polidez é definida por Leech como o “princípio que regula a conduta verbal que se situa o meio caminho entre a distância social e a intenção do emissor”.

Leech (1983) assevera que ser polido constitui um propósito fundamental para que o processo interativo aconteça de forma favorável. Desse modo, as seis máximas de Leech (1983) que derivam do Princípio da Polidez são:

1. Máxima do tato:
 - a. Minimize a expressão de crenças que sugerem custo para o outro;
 - b. Maximize a expressão de crenças que sugerem benefício para o outro;
2. Máxima da generosidade:
 - a. Minimize a expressão de benefício para si mesmo;
 - b. Maximize a expressão de custo para si mesmo;
3. Máxima da aprovação:
 - a. Minimize a expressão de crenças que expressem desaprovação do outro;
 - b. Maximize a expressão de crenças que expressem aprovação do outro;
4. Máxima da modéstia:

¹³ “Negative politeness therefore consists in minimizing the impoliteness of impolite illocutions, and positive politeness consists in maximizing the politeness of polite illocutions” (LEECH, 1983, p. 83-84).

- a. Minimize a expressão de elogio para si próprio;
 - b. Maximize a expressão de desaprovação para si mesmo;
- 5. Máxima do acordo:
 - a. Minimize a expressão de discordância entre você e o outro;
 - b. Maximize a expressão de acordo entre você e o outro;
- 6. Máxima da simpatia:
 - a. Minimize expressão de antipatia de você para o outro;
 - b. Maximize expressão de simpatia de você para o outro.

O modelo de Leech (1983), apesar do fato de ter influenciado toda uma geração, sofreu críticas, principalmente, relacionadas ao atrelamento ao Princípio da Cooperação de Grice (1982 [1975]). Alguns anos depois, Leech (2005) modificou em alguns pontos em sua teoria, considerando que as máximas não envolvem valores fixos e absolutos, pois as variações culturais devem ser consideradas. A seguir, desenvolveremos a questão da polidez e contrato conversacional proposta por outros autores que reforçam e complementam os postulados de Grice (1982 [1975]) e Leech (2005).

II - A Polidez como Contrato Conversacional

A proposta de estudo da polidez que considera o contrato conversacional foi elaborada por Fraser e Nolen (1981). A principal característica dessa corrente de estudo se configura na defesa de que os indivíduos quando se engajam numa conversação, são conscientes de que existem obrigações e direitos que norteiam como devem se comportar e proceder no decorrer da interação.

De acordo com esses autores, um contrato conversacional de forma mais generalizada regula essas obrigações e direitos, sendo adaptado à conversação, considerando o tipo de relação social que é estabelecida entre os interlocutores. Esse contrato se constitui basicamente por dois termos: os que são impostos socialmente, como o modo que as pessoas devem se comportar em determinados ambientes, como na escola, suas escolhas linguísticas, tonalidade de voz, por exemplo; e os que se definem de acordo como cada situação específica, que poderão ser renegociados a cada interação, no contexto situacional.

De acordo com Fraser e Nolen (1981) entendemos que os termos e condições do contrato conversacional embasam o modo como será transmitida a mensagem, considerando a sua organização interna e a sua força ilocucionária. Desse modo, para ser polido, é necessário

que o indivíduo respeite o princípio do cooperativismo, o que significa que deve atender os termos e as condições impostas pelo contrato conversacional.

A defesa desse modelo de contato conversacional para a polidez é que esta não é expressa como nas implicaturas conversacionais de Grice, mas que uma sentença para ser considerada polida deve estar de acordo com os contratos conversacionais estabelecidos diante da situação comunicativa exposta.

A seguir, discutiremos alguns conceitos importantes à questão da polidez e a preservação das faces, segundo Goffman (1970).

III - A Polidez enquanto Ato de Preservação de Faces

De acordo com Brown e Levinson (1987) os falantes são dotados de duas propriedades, a saber: a razão, responsável pelas escolhas que permitem escolher os meios adequados para atingir os fins a se pretendem; e a face que, tal como na definição de Goffman (1967) está relacionada à autoimagem pública que o falante constrói, realça ou perde, em função de como se comporta no decorrer de uma interação.

Quando a pessoa conhece bem os outros, saberá quais temas não devem ser levantados e em que situações os outros não devem ser colocados, ficando com a liberdade de introduzir assuntos à vontade em todas as outras áreas. Quando se trata de pessoas estranhas, costuma-se inverter a fórmula, passando-se a se restringir a áreas específicas que se sabe serem seguras. (GOFFMAN, 1967, p. 76-114)

Goffman (1967) comenta que numa conversação é possível que uma ação por parte de um dos interlocutores rompa com o equilíbrio preexistente e ameace a imagem pública (face) de si e/ou do outro, gerando uma situação de conflito. Para esse autor, o conceito de face envolve o respeito com a própria imagem e com a imagem do outro.

Nesse sentido, nas relações interpessoais existentes dentro da escola é importante o discernimento para atenuar as ameaças à face para evitar conflitos que se estendem para situações vexatórias como brigas e ofensas.

Na teoria de Brown e Levinson (1987), é possível perceber a utilização do conceito de face defendido por Goffman (1967) definido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si próprio [...]. Face é a autoimagem delineada em termos de atributos sociais aprovados”¹⁴. (GOFFMAN, 1967, p. 05)

¹⁴ (...) as the positive social value a person effectively claims for himself [...] face is an image of self delineated in terms of approved social attributes. (GOFFMAN, 1967, p. 05)

A Teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson (1987) é fundamentada basicamente na ideia de face que, para que se mantenha ou realce, se apresenta em dois aspectos: a face positiva e a face negativa.

- a) face negativa: contestação de territórios, reserva pessoal, direito a não distração, ou seja, liberdade de ação e de imposição;
- b) face positiva: auto-imagem ou personalidade (incluindo o desejo que essa auto-imagem seja apreciada e aprovada) clamada pelos interlocutores. (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 311)¹⁵

A face negativa se refere ao desejo de não imposição, ou à reserva do território pessoal (nosso corpo, nossa intimidade), o que inclui os nossos pontos fortes ou fracos. A face positiva correspondente à fachada social, à nossa própria imagem valorizante, que tentamos apresentar aos outros e que necessita de aprovação e reconhecimento.

Como qualquer ritual de comunicação pressupõe no mínimo dois participantes, existem, no mínimo, quatro faces envolvidas na comunicação: a face positiva e a face negativa de cada um dos interlocutores.

O conceito de polidez está associado à face negativa, ou seja, em que se entende que não se deve impor nada ao outro, respeitando o seu direito de ação. A face positiva, num entendimento mais complexo, consiste no desejo de ser apreciado, admirado, aprovado pelos demais participantes de uma comunidade.

Um ato enunciativo pode constituir ameaça para uma ou mais destas faces. Por exemplo: o ato de ordenar (mandar) desvaloriza a face positiva do interlocutor, valorizando a face positiva do locutor; o ato de se dirigir uma pergunta íntima a um desconhecido ameaça a face negativa do destinatário por que é uma invasão ao seu “território” (sua intimidade), mas também a face positiva do locutor (que pode ser visto como uma pessoa indiscreta).

Para Brown e Levinson (1987) os atos que ameaçam a face numa interação ordinária são chamados de *atos de ameaça à face* (AAFs) e são classificados em quatro categorias:

- Atos que ameaçam a face positiva do locutor: os que representam auto humilhação como o reconhecimento da própria fraqueza, da incompetência, das limitações pessoais (o que envolve pedido de desculpas, a admissão de um erro) etc.

¹⁵ “a) negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction, i.e. freedom of action and freedom from imposition;

(b) positive face: the positive face consistent self-image or ‘personality’ (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 311).

- Atos que ameaçam a face negativa do locutor: a promessa, por exemplo, compromete o sujeito a realizar atos que exigirão dele o cumprimento da palavra empenhada, atos de avaliação de competências alheias, julgamentos, aplicação de *feedback*, agradecimentos, aceitação de favor, etc.
- Atos que ameaçam a face positiva do interlocutor: receber crítica, insulto, desaprovação etc.
- Atos que ameaçam a face negativa do interlocutor: atos que ameaçam a liberdade de ação do interlocutor, perguntas diretas sem demonstrar cortesia, perguntas indiscretas, conselhos não solicitados, ordens, cobrança de favorecimento anterior, etc.

Em um contexto interacional de mútua vulnerabilidade, qualquer participante tentará evitar os atos de ameaça ou contornar a situação, através de estratégias de negociação da imagem, minimizando suas ameaças, caso as tenha cometido e salvando suas faces, caso tenha sofrido algum tipo de ameaça.

Como a imagem social, segundo Bronw e Levinson (1987), é vulnerável, os falantes empregam estratégias mitigadoras de acordo com a avaliação do risco para a imagem dos participantes. Diante da perspectiva de realizar uma ação ameaçadora de face, existem as opções:

- fazê-la de forma direta, sem ação reparadora;
- fazê-la, com polidez positiva: aponta para face positiva do ouvinte, de maneira que demonstra que em algum nível o falante deseja as mesmas coisas que o ouvinte (mostra pertencimento ao mesmo grupo);
- fazê-la, com polidez negativa: Aponta para satisfazer a face negativa do ouvinte, seus desejos básicos de manutenção de território e de auto-determinação;
- fazê-la de maneira encoberta, de forma indireta;
- não fazê-la.

Assim, de acordo com Bronw e Levinson (1987), o falante pode cometer ou não uma ameaça. Um ato ameaçador, sem ação reparadora, se configura como uma ameaça da forma mais direta, clara e concisa possível. Nessas ocorrências, o falante não teme a reação do ouvinte.

Quando o ato ameaçador acontece, este pode ocorrer de duas maneiras distintas: direta ou indireta. Os atos diretos são designado como *on-record*, e os indiretos como *off-record*. No ato *on-record*, o indivíduo tem a intenção de cometer a ameaça, que pode acontecer com atenuantes ou sem atenuantes. No ato *off-record*, não é possível perceber uma única e exclusiva intenção do falante, visto que pelo seu caráter implícito é possível diversas interpretações.

Um ato *on-record* com atenuantes é aquele em que o falante demonstra que a ameaça não tem a intenção de prejudicar o ouvinte. O falante pode demonstrar isso através da polidez positiva ou da polidez negativa.

Nas estratégias de polidez positiva, o falante demonstra respeito e admiração pelo ouvinte. Já nas estratégias de polidez negativa, o falante evita ultrapassar os limites e respeita o território do ouvinte.

Brown e Levinson (1987) apresentam um esquema de 15 estratégias de polidez positiva, 10 estratégias de polidez negativa e 15 estratégias de indiretividade, conforme podemos ver no quadro a seguir:

QUADRO 2 - Estratégias de Polidez - Brown e Levinson (1987)

Estratégias de Polidez - Brown e Levinson (1987)	
Polidez positiva	1. Perceba o outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do outro.
	2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro.
	3. Intensifique o interesse pelo outro.
	4. Use marcas de identidade de grupo.
	5. Procure acordo.
	6. Evite desacordo.
	7. Pressuponha, declare pontos em comum.
	8. Faça piadas.
	9. Explicita e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro.
	10. Ofereça, prometa.
	11. Seja otimista.
	12. Inclua o ouvinte na atividade.
	13. Dê ou peça razões, explicações.
	14. Simule ou explicita reciprocidade.
	15. Dê presentes.
Polidez negativa	1. Seja convencionalmente indireto.
	2. Questiona, seja evasivo.

	3. Seja pessimista. 4. Minimize a imposição. 5. Mostre respeito. 6. Peça desculpas. 7. Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes “eu” e “você”. 8. Declare os AAF’s como uma regra geral. 9. Nominalize. 10. Va diretamente como se estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte.
Indiretividade	1. Dê pistas. 2. Dê chaves de associação. 3. Pressuponha. 4. Diminua a importância. 5. Exagere, aumente a importância. 6. Use tautologias. 7. Use contradições. 8. Seja irônico. 9. Use metáforas. 10. Faça perguntas retóricas. 11. Seja ambíguo. 12. Seja vago. 13. Hipergeneralize. 14. Desloque o ouvinte. 15. Seja incompleto, use elipse.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Brown e Levinson (1987)

Brown e Levinson (1987, p. 64) afirmam que a escolha da estratégia e de como o ato será realizado está condicionado a três variáveis, a saber,

- a distância social entre os interlocutores;
- a relação de poder entre falante e ouvinte, isto é, o grau de imposição que o falante pode ter sobre o ouvinte ou vice-versa; e
- a classificação cultural do grau de imposição, ou seja, como cada cultura percebe o valor de imposição de um AAF.

Ademais, os atos dependem ainda do contexto situacional. Para amenizá-los, o sistema linguístico desenvolve as estratégias de polidez, mecanismos capazes de promover tal atenuação. As estratégias permitem aos interlocutores preservar a face ameaçada e assegura o

bom fluxo da interação. É por meio do uso das estratégias de polidez que os interlocutores conseguem comunicar, ao mesmo tempo, sua mensagem inicial e a intenção de ser polido.

Assim, na proposta de Brown e Levinson (1987), a polidez deve ser entendida como o ato de preservação da face e os autores concebem a interação verbal como uma atividade inerentemente ameaçadora da face. Para esses autores, assim como para Goffman (1967), o simples fato de os indivíduos entrarem em contato provoca um desequilíbrio das faces e, por essa razão, a interação em si constitui uma atividade de proteção à face.

O jogo de preservação da face deve ser entendido, então, como um processo que ocorre durante toda a interação verbal, em razão da vulnerabilidade da face e da reconhecida intenção dos interlocutores de cooperarem mutuamente para sua manutenção. Isso implica afirmar que, mesmo não explicitamente, os participantes da interação estão o tempo todo monitorando as faces uns dos outros e, sempre que necessário, usam estratégias para afastar a possibilidade de conflito entre as faces.

A atividade de preservação da face deve ser entendida, portanto, como parte fundamental da interação verbal, já que depende do equilíbrio das faces envolvidas o sucesso da interação. Para a manutenção desse equilíbrio, não há dúvida de que a polidez é apreciada no convívio social: Watts (2004) apresenta a raiz etimológica da palavra inglesa *polite* que vem do latim *politus* que significa brilhoso, como no francês *poli*, que aponta o significado de lustrar.

Partiremos, a seguir, para discussão sobre a Impolidez linguística e a relação estabelecida com os estudos da Polidez para que possamos concluir nosso embasamento teórico.

2.2.2 Impolidez Linguística

São muitos os trabalhos e as discussões sobre o Princípio da Polidez, fundamentados nas estratégias que harmonizam a ordem social na interação verbal. Se a polidez define-se como meio de minimizar o confronto na interação (LAKOFF, 1973), a impolidez contraria esse entendimento, sendo o seu oposto.

Desse modo Culpeper (1996) discute as noções de polidez inerente e falsa polidez, construindo uma teoria da impolidez que se fundamenta na perspectiva da Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987). Culpeper (1996) aponta que a impolidez é inerente às interações. Desse modo, pode ser entendida como uma característica natural e o trabalho de

manutenção de faces – as estratégias de polidez – constituem meios para combater os efeitos dessa característica.

Leech (2014, p.219) afirma que “a melhor maneira de começar a teorizar sobre impolidez é construir uma teoria da polidez, o que é claramente um fenômeno intimamente relacionado, na verdade o polar oposto de polidez”¹⁶. Culpeper (2011) descreve um modelo de impolidez por meio de um sistema descritivo e teórico, numa definição complexa e ampla.

Para Culpeper (2011), a impolidez pode ser definida da seguinte forma:

- (a) *O falante comunica o ataque à face intencionalmente, ou*
- (b) *O ouvinte percebe e/ou constrói comportamento de ataque intencional a face, ou*
- (c) *a combinação de (a) e (b)*¹⁷

O autor afirma que “impolidez envolve (a) um atitude composta de crenças avaliativas negativas sobre determinados comportamentos em contextos sociais específicos, e (b) a ativação dessa atitude por esses comportamentos específicos no contexto”¹⁸ (CULPEPER, 2011, p.3233).

Culpeper (1996) afirma que as ações de impolidez são totalmente negativas, provocando desarmonia social. O ataque à face e o conceito sensível emocional do “self” orientam as ações impolidas. Essas ações impolidas são vistas como negativas quando acionam conflitos decorrentes do que era esperado que fossem e/ou de como pensavam que deveriam ser. Desse modo, os comportamentos sempre presumem consequências emocionais, pelo menos sobre um participante.

O conceito de face proposto por Goffman (1967) é utilizado por Culpeper (1996). Para Goffman (1967), as pessoas costumam apoiar a face do outro. No entanto, elas também podem ameaçar a face do outro, com diferentes graus de seriedade. Numa perspectiva de gradação, as ameaças de face podem ser consideradas menos ou mais sérias, como quando uma ação é considerada apenas desagradável, como uma gafe verbal, ou quando se pode perceber a intenção de insultar ou desrespeitar o interlocutor.

Leech (1983) e Brown e Levinson (1987) defendem que alguns atos são inicialmente mais impolidos que outros, como ordens e críticas, ou seja, ameaçam diretamente

¹⁶ [...] the best way to start theorizing about impoliteness is to build on a theory of politeness, which is clearly a closely related phenomenon, in fact the polar opposite of politeness. (LEECH, 2014, p.219). Tradução nossa.

¹⁷ (a) the speaker communicates face attack intentionally, or (b) the hearer perceives and/or constructs behavior as intentionally face-attacking, or (c) a combination of (a) and (b)

¹⁸ Impoliteness involves (a) an attitude comprised of negative evaluative beliefs about particular behaviours in particular social contexts, and (b) the activation of that attitude by those particular incontext-behaviours. (CULPEPER, 2011, p.3233). Tradução nossa.

a face positiva ou a negativa; porém, independentemente da natureza do ato, esse deve ser avaliado considerando-se o contexto e os interagentes, pois mesmo os atos mais impolidos são passíveis de atenuação.

Fraser e Nolan (1981, p. 96), “nenhuma sentença é inerentemente polida ou impolida”. Apesar de algumas expressões serem frequentemente consideradas impolidas, a condição em que são usadas é que determina o seu grau de (im)polidez, não a expressão propriamente.

Culpeper (1996), fundamentado no modelo de Brown e Levinson (1987), mostra que há estratégias fortalecem ou encorajam a face e estratégias que, contrariamente, buscam atacar a face. Com essa reflexão, Culpeper constrói uma teoria sobre impolidez e propõe que há cinco formas de produzir atos de ameaça à face (FTA):

1. A impolidez direta se configura quando um FTA é realizado de forma direta, clara e de maneira simples em circunstâncias em que a face não é irrelevante.
2. A impolidez positiva se configura quando o locutor usa estratégias que objetivam ameaçar a face positiva que o interlocutor busca preservar.
3. A impolidez negativa se configura quando o locutor usa estratégias que ameaçam a face negativa que o interlocutor busca preservar.
4. A falsa polidez ou o sarcasmo: quando o locutor produz um FTA por meio de estratégias de polidez que não são sinceras.
5. Polidez cancelada (“withhold politeness”) quando não há realização de polidez onde ela seria esperada.

Culpeper (2011), quando se refere à “impolidez”, defende que a definição que propõe não deve partir do conceito de “polidez”, mas que é por meio do mesmo aparato conceitual que foi utilizado para descrever a polidez que ele descreve a impolidez. Apesar disso, não são todos os conceitos do modelo de polidez que devem ser considerados, para que não nos levem a crer que a impolidez é resultado simples da “ausência de polidez”.

Caso fossem aplicados todos os conceitos da Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987) alguns problemas poderiam ser transportados para o modelo de polidez, como exemplifica Culpeper (2011):

- (i) não trabalha com o conceito de polidez dos leigos;
- (ii) embora tenha como base o “trabalho de face”, utiliza um conceito inadequado de “face”;
- (iii) tem por base um modelo de comunicação inadequado, centrado na produção da linguagem pelo falante (ignora as contribuições do ouvinte/recipientes);

(iv) tem foco inteiramente na realização lexical e gramatical das estratégias de polidez, não considerando a prosódia ou aspectos não-verbais;

(v) trabalha com uma concepção inadequada de contexto e quase não leva em conta os aspectos culturais para a interpretação de um enunciado como impolido ou não;

(vi) trabalha com atributos sociais pré-estabelecidos de poder e distância, sem considerar como eles emergem e são negociados durante a interação.

Culpeper (1996) propõe uma lista de estratégias de impolidez, tais como as maxiestratégias de Brown e Levinson (1987) que se desdobram em estratégias menores e específicas. Cupelper (1996) não se estende, mas com sua lista exemplifica como a Impolidez pode se manifestar. Entre as estratégias propostas por Culpeper (1996) podemos sinteticamente destacar:

1. Ignore, esnobe o outro, não reconhecendo sua presença, dominando o turno de fala.
2. Use marcadores de deferências ou de identificação inapropriados – como uso de “você” para pessoas com mais idade, ou não reconhecendo títulos ou posições sociais do outro.
3. Procure desacordo – como seleção de tópicos polêmicos, contraditórios.
4. Use linguagem ou expressões baixas: xingue, use palavras abusivas ou profanas.
5. Use outros nomes: nomes depreciativos.

Cupelper (1996) se baseia na dicotomia polidez positiva e polidez negativa, de Brown e Levinson (1987), aplicando a dicotomia impolidez positiva e impolidez negativa. No entanto, seu objetivo não se evidencia em seguir a lógica e sim evidenciar que é possível estabelecer um modelo teórico que comprovasse que as relações não são intencionalmente polidas, não seguindo as estratégias de Brown e Levinson (1987). Cupelper (1996) assegura que existem relações naturalmente conflituosas que seguem estratégias de impolidez e não seguem as estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987).

Entre as estratégias de impolidez negativa propostas por Culpeper (1996), sinteticamente destacamos:

1. Seja condescendente, sarcástico ou ridículo – dê ênfase ao seu poder, diminua o outro.
2. Invada o espaço do outro – literal ou metaforicamente: fale mais perto do que é permitido culturalmente ou pergunte sobre assuntos impróprios.

3. Coloque o outro em débito abertamente.

As estratégias de impolidez possuem como meta comunicativa, primária ou secundária, atacar propositalmente, ou não, a face do outro, ocasionando conflito e dissonância social. Contudo, existe a necessidade de se examinar a ocorrência dessas estratégias de forma situada, contextualizada. Desse modo, ter acesso às intenções do locutor e à avaliação do interlocutor em relação ao uso impolido da linguagem consiste um modo para se considerar o contexto interacional em que dada elocução é produzida.

Com isto, finalizamos nossa fundamentação teórica e apresentamos como desenvolvemos nosso trabalho com os alunos sobre o uso de palavrões nas situações de conflito na escola. Discorreremos a seguir, sobre a metodologia de trabalho que utilizamos para discutir o tema de modo que, diante desse entendimento teórico que apresentamos, tanto professora quanto alunos pudessem refletir sobre o uso da linguagem.

2.3 PASSOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentaremos características do espaço de investigação, o perfil dos participantes da pesquisa e de que modo foi possível investigar e discutir o uso de palavrões e a (im)polidez nos conflitos entre alunos. Descreveremos o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa, as atividades de reflexão linguística sobre o uso de palavrões nos conflitos entre alunos, e de que modo realizamos as atividades de percepção dos aspectos de polidez e impolidez realizadas juntamente com eles.

2.3.1 O espaço de investigação e o perfil dos participantes

Este trabalho foi desenvolvido numa escola pública municipal localizada em Fortaleza, Ceará. Trata-se de um estabelecimento que atende alunos cujas famílias se encontram numa situação de renda mínima, grande parte dependente de programas de auxílio governamentais, como o Bolsa Família ou o Benefício de Prestação Continuada. Algumas crianças e adolescentes atendidos por esta escola se encontram em situação de risco social, verificado pela constatação de que pedem esmola nos supermercados e no terminal rodoviário situado nas imediações¹⁹.

¹⁹ Estas informações constam nos documentos da escola. Pelo caráter científico da pesquisa, optamos por omitir as informações sobre o estabelecimento de ensino.

Na região em que a escola fica situada, os índices de violência são bastante elevados, sendo comuns brigas de rua, furtos, tráfico de drogas e até homicídios. Os assaltos também são constantes nos arredores da escola, sendo os alunos alvos frequentes no trajeto de casa para a escola e vice-versa. As brigas e desavenças entre alunos também são bem recorrentes, sendo muitas vezes reflexo do ambiente em que a escola está inserida.

O público selecionado para a aplicação do trabalho foi composto por alunos 75 alunos do 7º ano do Ensino Fundamental do turno da manhã, sendo 33 do sexo masculino e 42 do sexo feminino, com idade entre 12 e 14 anos. A escolha por esse público se justificou dado o maior índice de ocorrências envolvendo conflitos e palavrões entre os alunos dessa série, que são motivos de encaminhamento para sala de orientação escolar. Nesse local, são registrados e mediados os conflitos acontecidos tanto nas salas, durante as aulas, como no intervalo, momento de recreação escolar. Segundo esses registros de ocorrência, muitos casos envolvem insultos verbais que culminam em agressão física.

A pesquisadora faz parte do corpo docente da escola, onde atua como professora de Língua Portuguesa, vinculada ao grupo efetivo do Magistério Público do Município de Fortaleza. Esse vínculo estabelecido entre professora e escola autoriza que atividades de pesquisa sejam realizadas com o objetivo de minimizar problemas que afetem o bom andamento das atividades escolares, bem como elaborar estratégias de intervenção para estas situações, como preconiza o Projeto Político Pedagógico da escola.

2.3.2 Descrição do método de investigação

Esta pesquisa se configura como de natureza quali-quantitativa, caracterizada como um estudo descritivo de observação participante com características etnográficas, como descritas por Angrosino (2009, p. 16). O método lida com pessoas no sentido coletivo do termo e não com indivíduos, buscando “[...] esmiuçar como as pessoas constroem o mundo à sua volta [...]” (ANGROSINO, 2009, p. 8). Estuda pessoas com algum grau de convivência por algum interesse e objetivo, tal como os alunos do 7º ano da escola em que aplicamos as atividades.

Buscamos nos deter no uso de palavrões em situações de conflito entre os alunos, bem como em aspectos da (im)polidez linguística, de modo que entendemos estes que são aspectos culturais de natureza linguística notadamente marcantes nesse grupo. Isso condiz com a perspectiva da etnografia que, segundo Angrosino (2009), é “a ciência de descrever um

grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”.

O termo etnografia tem sido usado para designar o estudo dos fenômenos sociais a partir de uma investigação em que o pesquisador participa ativamente no contexto pesquisado com o intuito de entender os significados das ações e dos comportamentos dos sujeitos que vivem e se relacionam neste ambiente. Para Angrosino (2009), a etnografia é um método e um ponto de partida, é a interação entre o pesquisador e os seus objetos de estudos. Assim, buscamos investigar o uso de palavrões e a (im)polidez linguística considerando as perspectivas dos alunos no ambiente escolar.

Na sua origem, o objetivo principal dos pesquisadores que realizam pesquisa etnográfica era principalmente o compartilhar experiências dos indivíduos, estudando-os da forma mais natural possível a fim de compreender melhor como as pessoas viviam e davam sentido a seu mundo. Nesse sentido, a etnografia voltava-se, prioritariamente, para a descrição e interpretação dos valores, das crenças, das ações e todos os eventos que envolvem a vida dos sujeitos pesquisados, por entendermos que é necessário compreender a realidade para realizar qualquer intervenção.

Além da descrição dos comportamentos linguísticos do grupo, buscamos ainda realizar uma pesquisa voltada para uma intervenção didática centrada no estudo da língua como objeto de observação e reflexão. Para isso, fundamentamo-nos inicialmente nos estudos conceituais sobre os conflitos, a violência verbal, a multiplicidade de abordagens sobre o uso de palavrões e a (im)polidez linguística. Da apreensão dos conceitos, partimos para realização de atividades de descrição, discussão e reflexão linguística com os alunos, de modo que a contribuição conceitual–científica transformou-se em prática pedagógica.

Para o desenvolvimento das discussões e a produção das análises empregamos a observação participante como técnica principal e o diário de campo como recurso auxiliar. Buscamos atuar como observadora, mas também como mediadora e orientadora, ouvindo atentamente e participando ativamente como membro em todas as atividades realizadas. Buscamos e todas as etapas ver e ouvir atentamente, registrando o mais fielmente possível todas as informações pertinentes.

Angrosino (2009, p. 34) comenta sobre que a observação participante: “não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida”. Desse modo, buscamos registrar em nosso diário de campo aspectos significativos das discussões realizadas

do ponto de vista das inter-relações dos alunos e da escola, considerando as ocorrências, as ilustrações e as manifestações de opiniões dadas pelos alunos.

Além do diário de campo, registramos muitas informações num gravador de voz. Nele captamos as diversas falas dos alunos e após cada momento de trabalho buscamos sistematizar e descrever por meio de narrativas escritas as discussões estabelecidas e as impressões que tivemos suscitadas dos diálogos realizados em sala de aula. Elaboramos também uma planilha²⁰ em que pudemos sistematizar as informações constantes nos relatos dos alunos, de acordo com o que foi discutido em sala.

2.3.3 Dinâmica de trabalho

O trabalho se iniciou quando tomamos conhecimento, por meio de conversas informais com os profissionais que atuam no ambiente de supervisão da escola, que havia registradas numerosas ocorrências envolvendo o uso de palavrões na escola entre os alunos, sobretudo nos conflitos caracterizados como agressivos, tanto do ponto de vista verbal como físico. Estas ocorrências, segundos os supervisores, atribulam o bom andamento das atividades escolares e é reflexo da realidade que os alunos vivenciam fora da escola.

Os supervisores costumam ouvir os relatos dos conflitos e registram estas ocorrências em instrumentais que ficam disponíveis para o acompanhamento escolar de cada aluno. Nas ocasiões em que ocorrem reuniões de pais ou quando os responsáveis visitam a escola para verificar como estão os alunos, ou ainda quando são chamados por motivo de alguma ocorrência pontual, esses instrumentais são acessados e são discutidas estratégias de intervenção disciplinar.

Esses registros escritos, segundo os supervisores, se limitam a esclarecimentos generalizados, expostos em frases simples, como “bateu no colega” ou “xingou o colega”, ficando os detalhes das ocorrências relatados pelo supervisor ou pelos alunos envolvidos nos conflitos. Desse modo, numa tentativa de obter o registro das falas dos alunos, para captar um *corpus* que revelasse como se dava a realização do uso de palavrões nos conflitos, realizamos uma gravação experimental em áudio dos alunos relatando os conflitos com uso de palavrões.

De imediato observamos que essa primeira tentativa metodológica não se concretizaria, visto que os alunos se intimidavam na nossa presença - professora e supervisor – e não verbalizavam os palavrões ditos nos momentos de conflito. Estrategicamente,

²⁰ A planilha com a análise sistematizada encontra-se no apêndice deste trabalho.

pensamos que se fosse solicitado que escrevessem sobre o ocorrido anonimamente, sem que comprometessem a imagem de si ou de outra pessoa, de modo que não fossem punidos disciplinarmente, nos aproximariamos melhor da realidade das ocorrências dos fatos.

O planejamento da metodologia de trabalho foi realizado de modo que pudéssemos discutir o uso de palavrões nos conflitos entre os alunos, considerando aspectos de polidez e impolidez linguística, para que eles pudessem refletir sobre a linguagem utilizada na escola. Primeiramente, elaboramos uma etapa de trabalho na qual o foco das aulas se detivesse na discussão sobre a compreensão sobre conflitos e a relação com o uso de palavrões, se percebem as funções do uso das palavras torpes associadas aos momentos de tensão comunicativa.

Em seguida, numa segunda etapa de trabalho, buscamos fazer com que os alunos apontassem quais palavrões figuravam nos conflitos e percebessem a relação com os campos semânticos. Ainda nesta etapa buscamos fazer com que os alunos percebessem as funções dos palavrões associadas aos atos de fala presentes nos relatos, as intenções comunicativas e a adequação da linguagem de acordo com o ambiente escolar.

A terceira e última etapa do nosso trabalho de intervenção se deteve na compreensão dos aspectos de polidez e impolidez linguística presente nos relatos de conflito. Para isso, discutimos com os alunos a presença de (im)polidez nos relatos de conflito com uso de palavrões, analisamos as implicações decorrentes dos conflitos e buscamos fazer com eles elaborassem estratégias linguísticas hipotéticas de mitigação destes conflitos.

A seguir, apresentamos como se realizou cada etapa de trabalho.

I - 1ª etapa: 4 aulas (200 minutos) – Objetivos específicos: a) compreender o que é conflito e o que é palavrão e a relação entre estes dois termos; b) perceber as motivações para os conflitos com uso de palavrões na escola.

O momento inicial dessa primeira etapa de trabalho objetivou a compreensão, por parte dos alunos, dos conceitos de conflito e palavrão e a relação entre esses dois termos, para que os alunos pudessem entender o contexto situacional de uso da linguagem e mais tarde estabelecer relações de causa e consequência atreladas ao uso da linguagem na escola.

Para esse momento, inicialmente questionamos aos alunos o significado de conflito. Pedimos que eles escrevessem as respostas e em seguida as lemos e discutimos os significados dados, relacionando-os aos nossos conhecimentos teóricos. As respostas foram consideradas para o entendimento de como e o quê os alunos consideram como sendo uma

situação de conflito dentro da escola e se essas definições envolvem agressões físicas e verbais.

Em seguida, questionamos o significado de palavrão, realizando o mesmo processo de discussão, com escrita e diálogo, buscando alinhar conceitos trazidos por eles aos conceitos que fundamentam este trabalho. Esse momento da aula se deteve na compreensão dos conceitos de palavrão e do uso situacional, de modo que pudéssemos entender a definição de palavrões do ponto de vista do aluno, confrontando com a perspectiva dos autores estudados, tais como Orsi e Bueno (2014) e Faggion (2009).

Dando continuidade a esse primeiro momento, questionamos aos alunos qual a relação entre conflito e palavrão e também pedimos que registrassem suas respostas por escrito. Seguimos a discussão sobre a relação entre os dois termos, fundamentados teoricamente, ouvindo as opiniões e registrando as observações, para que eles estivessem preparados para produzirem os textos de relatos de conflitos com uso de palavrões que seriam o *corpus* de análise deste trabalho.

Para finalizar o primeiro momento desta etapa, pedimos aos alunos que produzissem individualmente um texto escrito em que relatassem uma situação de conflito vivenciada na escola por si ou por outro aluno em que tivessem sido usados palavrões. Explicamos que refletissem sobre o que compreendemos sobre palavrões e conflitos, estando este último focado no posicionamento de Chrispino e Chrispino (2002), situações onde existissem “desavença, discórdia ou, mais especificamente, divergência de opiniões, interesses ou sentimentos”.

Para a escritura dos textos, exigimos apenas que eles não se identificassem nem usassem nomes reais nas narrativas, com a finalidade de evitar constrangimento e para que se sentissem à vontade para escrever sem que sofressem qualquer tipo de punição ou sanção. Essa determinação foi pensada para que pudéssemos constituir um *corpus* de análise linguística o mais fidedigno, garantindo a autenticidade e a veracidade dos fatos narrados, garantindo o anonimato na pesquisa e a preservação do aluno.

Ao todo, coletamos 73 textos nas duas turmas, no entanto, dadas as dificuldades de compreensão desses textos, decorrentes de aspectos gráficos, eliminamos 23 produções. A filtragem ocorreu, sobretudo, pela ilegibilidade das letras ou textos muito incompreensíveis, sem sequência narrativa definida, em que se tornava muito difícil compreender o fato conflituoso acontecido. Finalmente, selecionamos 50 produções textuais para análise posterior em sala, o que constituiu nosso *corpus* de análise.

As produções selecionadas foram numeradas de um a cinquenta, de modo que pudéssemos entender sobre qual relato os alunos estavam se referindo ao fazerem as considerações. Como estratégia de decodificação, utilizamos (R1) para Relato 1, (R2) para Relato 2 e assim, sucessivamente, até (R50). Durante o decorrer do texto deste trabalho, realizamos leves adequações gramaticais nos excertos extraídos dos relatos. Estas adequações não alteram o significado do texto, pois foram baseadas nas leituras realizadas em sala e na compreensão feita pelos alunos. Isto foi necessário por motivo de os escritos originais apresentarem alguns desvios de grafia. As produções originais constam em anexo.

O segundo momento dessa etapa se realizou após a escritura dos textos, quando retornamos para a análise do *corpus* obtido. Dividimos os textos aleatoriamente entre os alunos, distribuídos em trios ou duplas, visto que a quantidade de relatos não era mais equivalente à quantidade de alunos. Pedimos que eles lessem atentamente os conflitos narrados porque passaríamos a analisar as motivações pelas quais estes ocorreram.

Paralelamente, apresentamos aos alunos as motivações para os conflitos proposta por Zampa (2005). Essas motivações foram expostas oralmente e também elencadas na lousa, ao passo que pedimos para que eles apontassem trechos dos relatos em que percebiam essas motivações e como as analisavam. Fizemos os registros em áudio desse encontro para que pudéssemos discorrer sobre as considerações dos alunos e posteriormente quantificar os resultados na planilha de análise que construímos para este trabalho.

O resultado dessa aula foi sistematizado posteriormente em gráficos que apontam a incidência das motivações para os conflitos com uso de palavrões. Discutimos as impressões dos alunos sobre essas motivações, relacionadas às características dos conflitos. Ainda nesse momento, foi possível analisar com os alunos, oportunamente, aspectos de polidez e impolidez presentes nos atos de fala e relevantes para a compreensão dos motivos que induzem a eventos situacionais conflituosos.

Finalizamos esta etapa de trabalho e passamos a etapa seguinte, buscando compreender e relacionar os palavrões aos campos semânticos, compreender e discutir as funções do uso de palavrões nos conflitos.

II - 2ª etapa: 4 aulas (200 minutos) – Objetivos específicos: a) categorizar os palavrões em campos semânticos; b) refletir sobre as funções dos palavrões recorrentes nos relatos de conflitos.

Esta etapa se realizou igualmente em dois tempos que se complementaram: em duas aulas (100 minutos) na turma A e duas aulas na turma B, em que a metodologia a seguir descrita pudesse resultar na análise dos cinquenta relatos que foram divididos igualmente para as duas turmas.

A análise dos relatos foi prosseguida nesta etapa, dando continuidade ao nosso trabalho junto com os alunos, de modo que pudéssemos fazê-los compreender a categorização dos palavrões em campos semânticos. Desse modo, apresentamos aos alunos uma lista de classificação semântica sintetizada a partir das Sandmann (1992) e Sveinsdóttir (2010). Para a compreensão desses campos, ao passo que apresentávamos a listagem, os alunos diziam como os compreendiam, davam exemplos e faziam observações.

Em seguida, de posse dos relatos que compõem o *corpus*, os alunos listaram as palavras e expressões entendidas como palavrões encontradas nos conflitos. As listagens foram reunidas posteriormente numa lista única, com os registros quantitativos das ocorrências para cada item ou expressão. Assim, foi possível apresentar na lousa um panorama construído por eles mesmos, no qual eles visualizaram quais os palavrões ocorriam com maior frequência nas situações de conflito na escola.

Neste momento, discutimos as ocorrências e incidências das palavras e expressões que os alunos consideraram como palavrões e passamos a categorizar as ocorrências, juntamente com eles, utilizando os campos semânticos. Relacionamos as ocorrências aos campos semânticos e às impressões expressas sobre o significado que eles apresentaram para estes palavrões, destacando de efeito de sentido como agressividade, *bullying* e violência verbal.

Ainda nesse momento, durante a análise dos campos semânticos, buscamos observar as funções do uso de palavrões nos conflitos, considerando propostas por Dal Corno e Faggion (2011): ofensiva, perturbadora, de desafoço ou revolta, familiaridade ou descontração, e riso. Apresentamos as categorias e discutimos oportunamente as intenções comunicativas presentes no uso de palavrões no contexto de conflito.

Durante a discussão sobre os campos semânticos e as funções dos palavrões, realizamos uma atenta observação juntamente com os alunos sobre o uso de palavrões nos conflitos com o objetivo de ofensa, injúria e/ou difamação. Assim, viabilizamos uma discussão intertextual sobre os interditos da linguagem discutidos por Foucault (1964), bem como as adequações linguísticas exigidas no ambiente escolar, constante nos documentos norteadores do trabalho pedagógico, como é o caso do regimento escolar.

Para finalizar esta segunda etapa, foi realizada uma discussão sobre violência verbal associada ao uso dos palavrões como integrante da violência escolar e como parte da violência social que deve ser temática preventiva a ser tratada dentro da escola. Solicitamos que os alunos identificassem se a ocorrência dos palavrões nos conflitos configura violência verbal e se está associada à violência física.

Essa associação entre violência verbal e física foi realizada na percepção de que o uso do palavrão com propósito agressivo foi antecedido à violência física, sendo gerador de agressão física, concomitante ou resultado dela. Com isso buscamos fazer com que o aluno passasse a perceber e associar as causas e consequências da utilização de palavrões nas situações de conflito.

III - 3ª etapa: 4 aulas (200 minutos) – Objetivos específicos: a) perceber aspectos de (im)polidez presentes nos conflitos com uso de palavrões e suas implicações; b) elaborar estratégias de mitigação de conflitos com uso de palavrões na escola.

Nesta terceira e última etapa, demos sequência a análise dos relatos de conflito buscando fazer com que os alunos percebessem os aspectos de (im)polidez presentes nos relatos. Inicialmente, fizemos breves considerações sobre os conceitos de polidez e impolidez linguísticas, embasados na fundamentação teórica que apresentamos. Em seguida, pedimos que os alunos, divididos em vinte grupos de três ou quatro participantes (dez em cada turma), apontassem excertos que consideraram evidências de polidez e de impolidez no discurso dos interlocutores dos conflitos.

Para esse momento, reduzimos o número de relatos analisados, visto que percebemos que havia uma exaustiva repetição de traços de polidez e impolidez no discurso e que seria suficiente analisar somente uma parte dos textos. Desse modo, elencamos os vinte primeiros relatos na ordem que já havíamos estabelecido inicialmente. Ao passo em que os alunos iam apresentando os excertos desses relatos, fomos discutindo com eles o que a teoria aponta como sendo atos de fala com traços de polidez e de impolidez linguística.

Desse momento, seguiu-se a percepção de quais as implicações decorrentes do uso de palavrões nos conflitos. Pedimos que eles percebessem e elencassem as implicações dos conflitos com uso de palavrões. Durante a apresentação dessas implicações, buscamos segmentá-las didaticamente em três aspectos que consideramos pertinentes: a) implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões sem agressão física; b) implicações

decorrentes dos conflitos com agressões físicas anteriores ao uso de palavrões; c) implicações decorrentes dos conflitos com agressões físicas posteriores ao uso de palavrões.

O propósito desta segmentação foi fazer com que os alunos percebessem que o uso da linguagem torpe nas situações de conflito gera efeitos que muitas vezes são incoerentes com a conduta do aluno dentro da escola. Esses efeitos são notórios quando observamos aspectos de polidez e impolidez linguística, do ponto de vista do fortalecimento ou afrouxamento das relações sociais. A classificação realizada pelos alunos foi sistematizada na planilha de análise, os dados foram contabilizados e as considerações transcritas para o texto da discussão.

Para finalizar esta etapa de trabalho, pedimos aos alunos que, ainda distribuídos em grupos, criassem estratégias que pudessem mitigar os conflitos estabelecidos nos relatos que foram analisados em sala. A turma A elaborou em conjunto oito estratégias mitigadoras para os conflitos com uso de palavrões na escola e a turma B elaborou nove estratégias. As estratégias foram discutidas com análise direcionada aos aspectos de polidez e impolidez linguística observados pela professora e pelos os alunos complementarmente.

Com isto, finalizou-se a aplicação das atividades de discussão sobre o uso de palavrões na escola e a (im)polidez linguística nas situações de conflito. No capítulo a seguir, apresentaremos as discussões e análises realizadas juntamente com os alunos no decorrer da aplicação desta metodologia de trabalho.

3 PALAVRÕES, (IM)POLIDEZ E CONFLITOS NA ESCOLA

Neste capítulo, descreveremos as discussões realizadas juntamente com os alunos sobre o tema, bem como as análises realizadas de acordo com cada etapa de trabalho desenvolvida juntamente com os alunos nas aulas de Língua Portuguesa, a saber:

na primeira seção descrevemos como desenvolvemos as atividades de modo a fazer com que os alunos compreendessem as definições de conflito e de palavrão e a relação entre esses dois termos; além disso, percebessem as motivações para os conflitos com uso de palavrões na escola.

na segunda seção, apresentamos como foi possível levar o aluno a reconhecer e categorizar os palavrões em campos semânticos, de modo que pudessem melhor compreender os significados dos termos e expressões por eles utilizadas; e como foi realizada a reflexão sobre as funções dos palavrões recorrentes nos relatos de conflitos entre alunos.

na terceira seção, apontamos quais os aspectos de (im)polidez se fizeram presentes nos relatos de conflitos com uso de palavrões e suas implicações de acordo com a análise destes relatos e, por fim, quais as estratégias de mitigação de conflitos com uso de palavrões na escola foram elaboradas pelos alunos após as análises.

3.1 CONCEPÇÃO DE CONFLITO E PALAVRÕES E A RELAÇÃO ENTRE ELES NA VISÃO DOS ALUNOS

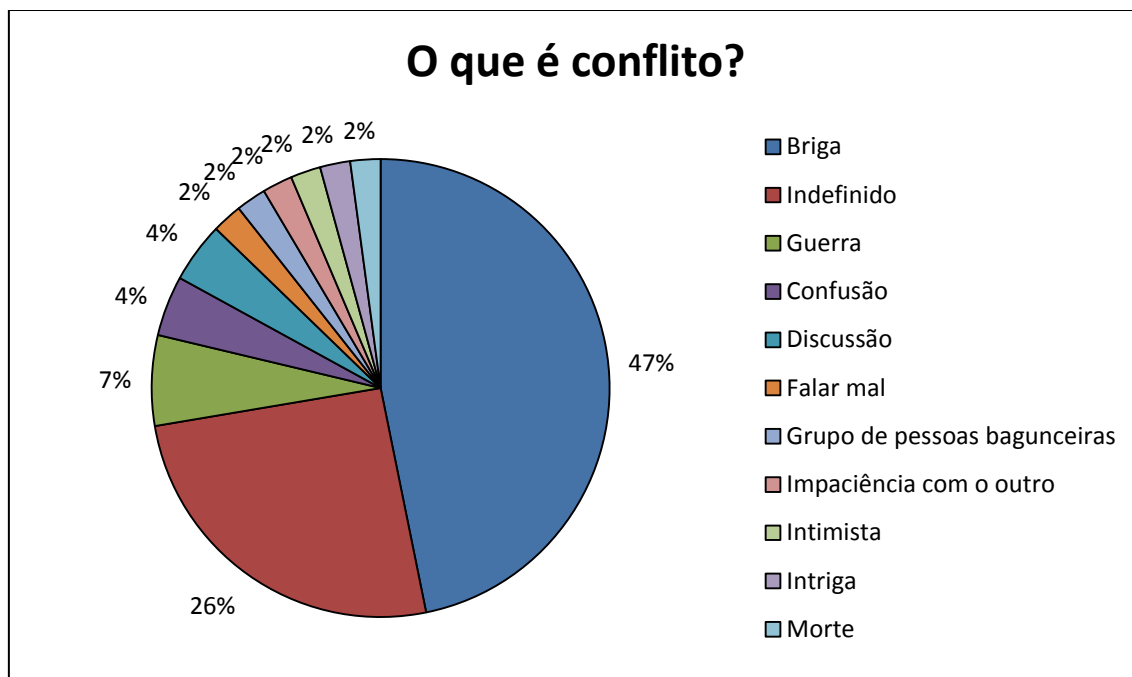
Nesta seção, apresentamos a primeira etapa deste trabalho que objetivou sondar quais os conceitos que os alunos traziam de conflito e palavrão e qual relação estabeleciam entre os dois termos. A sondagem da definição desses dois elementos nos embasou no entendimento de como os alunos concebiam o significado de conflito e de palavrão para que pudséssemos apresentar os conceitos e definições já propostos e discutir os significados por eles trazidos. Desse modo, foi possível alinhar as definições propostas na nossa fundamentação teórica e agregar os significados dados por eles, numa perspectiva de construção de sentidos.

3.1.1 Concepção de conflito na visão dos alunos

A pergunta inicial realizada foi “o que é conflito?”. Pedimos que registrassem por escrito o que pensavam e em seguida discutimos oralmente as respostas dadas de modo que pudséssemos compreender como os alunos concebem o significado dessa palavra comumente

utilizada no ambiente escolar, quando se trata do uso de palavrões pelos alunos. Percentualmente, obtivemos o seguinte resultado nas respostas escritas:

GRÁFICO 1 - O que é conflito?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A maioria dos alunos, 47%, associou imediatamente a definição de conflito como sinônimo de briga. As definições surgidas foram relacionadas por alguns alunos a uma briga entre duas pessoas. Nesse sentido, os alunos percebem o conflito como um evento interpessoal e par. Notamos que durante a apresentação das definições, eles não se colocaram como agentes da ação, sempre atribuindo os sentidos a terceiras pessoas.

Numa abrangência de multiplicidade de agentes, ampliaram também o conceito para brigas que envolvem mais pessoas e novamente não assumiram pessoalidade nos eventos, tanto que usaram expressões como “as pessoas”, “outras pessoas”, “com outras pessoas”, “de pessoas com pessoas”, “entre pessoas”, “entre adultos” e “entre crianças”. Alguns alunos comentaram que é “quando ‘você’ se mete em uma briga”. Dessa forma, notamos que há uma valoração negativa para o conceito de conflito pelos alunos, visto a impessoalidade por eles apresentada.

Outro ponto significativo foi a relação entre briga e violência que os alunos estabeleceram para definir conflito. Muitos disseram que conflito era uma briga “e feia”, num sentido de intensificação da palavra. Também assinalaram que “tem violência”, e associaram

o termo “conflito” a brigas pelo tráfico de drogas e a brigas intensas como guerras, como “já tinham visto na televisão”.

Um aluno observou que conflito era a própria guerra e outro ratificou que conflito era “uma guerra entre países ou cidades”. Nessa ratificação acrescentou, portanto, uma visão espacial delimitando o conceito da palavra. A ideia de conflito “entre países” já é assinalada por Chispino e Chispino (2002).

Ainda sobre a definição de conflito relacionada a brigas, comentaram que nas brigas sempre tinham xingamentos e intrigas, já adiantando o que discutiríamos a seguir, a relação entre conflito e o uso de palavrões. Outra definição que expuseram foi que conflito significava uma briga com morte, o que intensifica o caráter violento de como concebem o vocábulo.

Observamos que 26% dos alunos não definiram conflito. Esse dado mostra uma dificuldade na compreensão que têm sobre os conflitos, que mesmo tão intensos entre eles, não são entendidos como “toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento” nem tampouco vislumbrados como decorrentes das diferenças, como assegura Chispino e Chispino (2002, p.37).

Diante da dificuldade da definição de conflito apresentadas pelos alunos, alguns utilizaram a palavra “coisa”, caracterizada como “difícil de lidar”, “triste”, “que ninguém gosta”. Na primeira adjetivação, revelaram a dificuldade em solucionar o conflito; na segunda, o sentimento de tristeza decorrente; e na terceira caracterização, a insatisfação que é suscitada ao se vivenciar o conflito.

“Confusão” e “intriga” foram definições que reforçaram que conflitos ocorrem nos relacionamentos interpessoais. Seguindo esse conceito, dois alunos definiram conflito como sendo uma “discussão”. Nessa caracterização, o desentendimento entre as pessoas foi evidenciado no uso da linguagem, seguida pela ideia de outro aluno de que conflito é “quando uma pessoa fala mal da outra pessoa”, o que já denota a presença da difamação, da qual trataremos na nossa sequência didática.

A intolerância com o outro foi evidenciada na definição de conflito expressa em “quando a pessoa se sente impaciente com a outra pessoa”. A especificidade do espaço físico se apresenta em “um monte de pessoas em um lugar”, seguida pela ideia também coletiva de “um grupo de pessoas bagunceiras”, onde se vê latente a característica de desordem dos agentes que promovem a bagunça diretamente associada a conflito.

Por fim, apenas um aluno manifestou que o significado de conflito estava associado a um sentimento intrapessoal. Embora não tenha conseguido especificar o sentido

de conflito, pois se utiliza da palavra “coisa”, define claramente o momento relacionado a conflito, quando expressa que conflito é “quando a pessoa está passando por alguma coisa que a pessoa fica nervosa ou preocupada”.

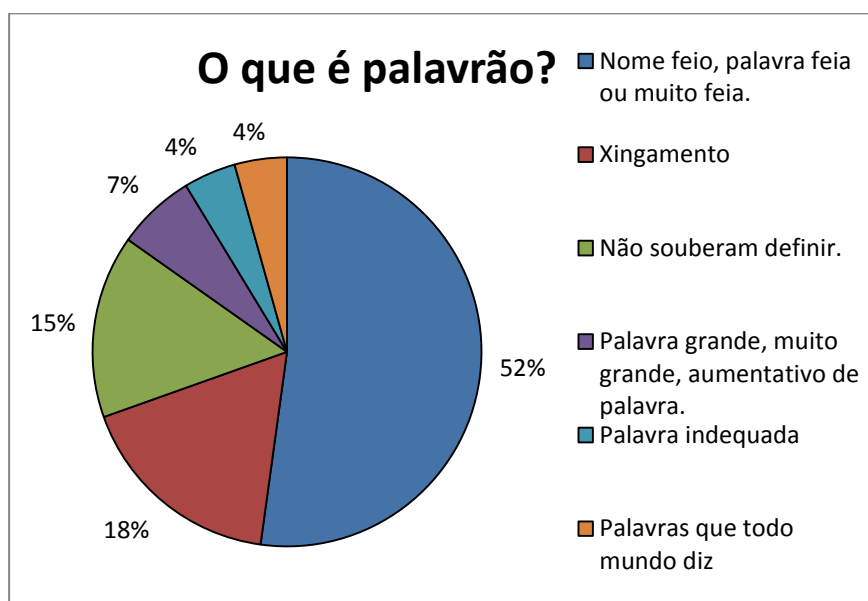
Após buscarmos a definição de conflito, passamos a explorar a definição de palavrão juntamente com os alunos, na tentativa de sistematizar e alinhar a definição proposta por eles às definições apresentadas na fundamentação teórica deste trabalho.

3.1.2 Concepção de palavrão na visão dos alunos

Demos continuidade ao primeiro momento da atividade didática, buscando a definição de palavrão concebida pelos alunos. Acreditamos que essa construção dos conceitos nesse momento é bastante significativa em virtude de podermos entender como eles compreendem o fenômeno do uso de palavrões do ponto de vista das escolhas lexicais que fazem.

Perguntamos “o que é palavrão?”. Pedimos que escrevessem as respostas e em seguida passamos às discussões orais. Obtivemos o seguinte resultado percentual nas respostas escritas:

GRÁFICO 2 - O que é palavrão?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A maioria dos alunos, 52%, definiu palavrão como nome feio, palavra feia ou muito feia. É de conhecimento popular que a expressão “nome feio” é comumente utilizada no Ceará em substituição ao termo “palavrão”. A característica “feio(a)”, considerando seu traço “pejorativo”, se assemelha a origem latina do termo “torpe” que significa, como já vimos “disforme, desfigurado, feio; vergonhoso; ignóbil”.

Desse modo, a expressão utilizada se aproxima da definição de turpilóquio proposta por Faggion (2009, p. 634) quando comenta que “podemos definir ou descrever alguma coisa utilizando dado termo torpe, o que por si só já deprecia a coisa assim definida ou descrita”. Os alunos acrescentaram ainda que palavrão é um nome feio para quem fala e feio e ruim para com quem se fala.

Quando os alunos comentaram “quem fala” e “com quem se fala”, observamos a percepção dialógica sendo considerada por eles, locutor e interlocutor sendo considerado no contexto discursivo. Isto já sinaliza um entendimento intrínseco dos alunos sobre conceito de face utilizado na teoria da polidez e proposto por Goffman (1970) que envolve o respeito com a própria imagem e com a imagem do outro.

A preocupação especificamente com a face (cf. GOFFMAN, 1970) do interlocutor foi expressa quando disseram que os palavrões configuram “falta de respeito com os outros”, que são “palavras que machucam os outros” e “uma palavra feia para o outro”. Também comentaram que era muito feio dizer/falar “com uma criança ou adolescente”.

Foi possível notar no discurso dos alunos a categorização de gênero relacionada ao uso dos “nomes feios” e a interlocução feminina. Os alunos comentaram que “esses nomes ofendem muito a classe feminina”. A percepção da ofensa foi reforçada quando consideraram que a função do nome feio era “para ofender”, sendo um “xingamento”, e, ainda, um “*bullying*”. Essa referência ao “*bullying*” foi coerente com Malta *et al.* (2010).

Os alunos apresentaram também, durante a discussão, a percepção da inadequação do uso dos “nomes feios”, demonstrando competência pragmática referente às escolhas lexicais. Consideraram os “nomes feios” como “palavras inadequadas”, porém não especificaram em qual contexto enunciativo assim podem ser consideradas.

Durante a discussão sobre as definições, alguns alunos que entenderam palavrão como “palavra feia” ou “muito feia” acrescentaram o adjetivo “horrível”. Esse adjetivo suscita uma gradação do significado de “feio”, demonstrando uma característica mais negativa para essas palavras e uma menor aceitação de uso, considerando que “ninguém podia/devia falar/dizer” porque “não são certas”, “que ninguém gosta”.

Essas considerações remetem ao conceito de tabu linguístico apresentado por Guérios (1979, p.11) “a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira”, complementada por Orsi (2011, p.336) quando comenta sobre a “permissão ou a interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais”. Percebemos também a presença dos interditos da linguagem definidos por Foucault (1964) quando trata da linguagem proibida, indevida.

Alguns alunos, 18%, definiram diretamente palavrão como sendo xingamento. Na discussão, acrescentaram que xingamentos são palavras para “esculhambar” o outro, termo que significa “repreender, criticar ou censurar de maneira áspera, rude, ofensiva”²¹. Consideramos esse entendimento como limitado, porque, segundo Pail (2012, p.79), “apesar de no senso comum os palavrões serem considerados xingamentos, na prática nem sempre são usados com a finalidade de xingar”.

Acrescentaram ainda que palavrão era uma “palavra ignorante”. Nesse caso percebemos uma personificação da palavra, quando o comportamento grosseiro (ignorante) passa a ser, a própria palavra. Nesse sentido afirmaram que a “palavra ignorante” ocorre quando se erra alguma coisa ou quando fica zangado. Desse modo, são coerentes com o que defende Orsi (2011, p. 2): “é válida a utilização de palavrões como recurso expressivo, independente de fatores extralinguísticos”.

Dois alunos se limitaram em definir palavrão como sendo uma “palavra grande” e o “aumentativo de palavra”. Essa restrição de significado ficou detida na visão morfológica de grau do substantivo, considerando o número de letras que formam uma palavra qualquer. Diante do contexto da aula, essas respostas figuraram como uma fuga temática válida pela dificuldade encontrada em definir o termo em questão.

Finalizada a discussão sobre o entendimento do significado de “palavrão”, lançamos novo questionamento, com a finalidade de associar as duas definições – conflito e palavrão – e compreender qual a relação que os alunos estabelecem entre os dois termos.

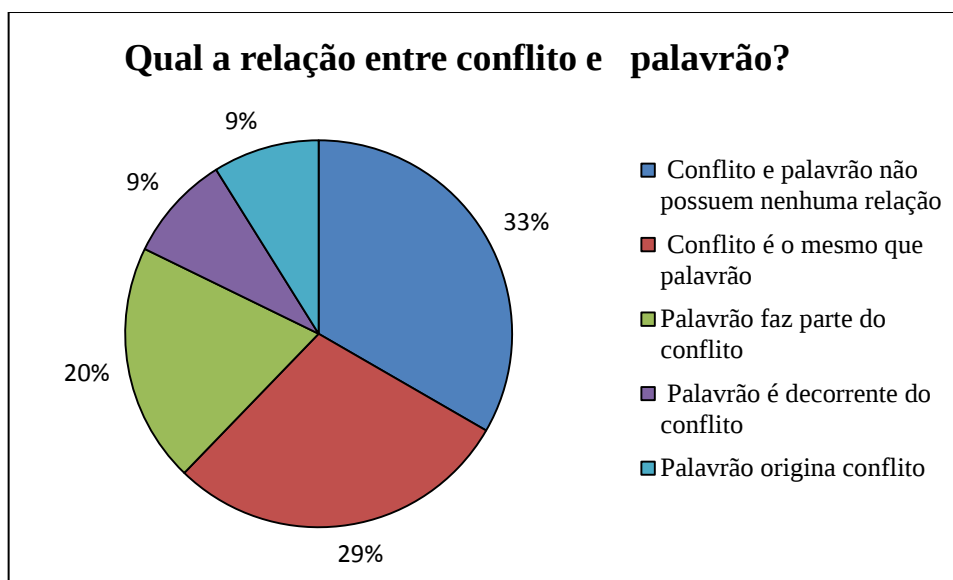
3.1.3 A relação entre conflito e palavrão na visão dos alunos

Após exporem a compreensão dos termos “conflito” e “palavrão”, perguntamos aos alunos “qual a relação entre conflito e palavrão?”. Para facilitar o entendimento da pergunta, oralmente retextualizamos por meio de uma expressão comumente utilizada: “o que tem a ver uma coisa com outra?”, desse modo, facilitamos a compreensão do nosso

²¹ Conforme dicionário Aurélio online. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 18/02/2017.

questionamento. Novamente pedimos que eles registrassem por escrito e obtivemos o resultado a seguir:

GRÁFICO 3 – Qual a relação entre conflito e palavrão?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Analisando as respostas dadas pelos alunos para a relação entre conflito e palavrão, categorizamos em cinco traços característicos da relação que os alunos estabeleceram entre as definições dos vocábulos “conflito” e “palavrão”, a saber:

- Conflito e palavrão não possuem nenhuma relação;
- Palavrão é decorrente do conflito;
- Conflito é o mesmo que palavrão;
- Palavrão faz parte do conflito;
- Palavrão origina conflito.

A seguir apresentaremos como os alunos discutiram os resultados da pergunta que responderam, considerando cada traço elencado acima. Desse modo, pudemos sistematizar a compreensão que trazem da estreita relação entre os conflitos na escola e o uso de palavrões, bem como elaborar as atividades seguintes da nossa sequência didática.

a) Conflito e palavrão não possuem nenhuma relação

Os alunos que disseram que conflito e palavrão não tinham nenhuma relação, equivalente a 33% dos colaboradores da pesquisa, justificaram suas percepções de diversos modos, os quais apresentaremos a seguir.

Um aluno considerou que não tinham nada a ver, pois “eram palavras diferentes”. Nesse caso, percebemos que não foi dado o devido entendimento à pergunta, ficando a resposta limitada ao nível superficial da compreensão da sequência escrita de ambas as palavras. Entendemos que se trata repetidamente de uma fuga legítima, como numa ocorrência tratada quando perguntamos sobre a definição de palavrão, o que revela incompreensão ou recusa em responder o questionamento.

A diferença passou a ser evidenciada por meio de enunciados coordenados entre si, que foram comparados pelos alunos como tendo significados distintos. A seguir apresentamos o quadro comparativo distintivo por eles estabelecido.

QUADRO 3 - Distinção entre conflito e palavrão

Conflito(s)...	Palavrão(ões)...
é outra coisa que são brigas	fala palavras
discussão que acontece com frequência	São palavras
uma coisa difícil de lidar	ofendem muito a classe feminina
são brigas sem palavrões	são ofensas por palavras
são ideias pensadas	são xingamentos
é para resolver um problema	são para brigar
é uma briga	uma palavra feia
gera brigas e violência	são palavras feias
é briga e intriga	é uma palavra feia
é quando duas pessoas brigam	são palavras feias e grandes
é uma briga	nome ruim
é uma intriga	é um xingamento
é uma guerra, brigas	são palavras feias
é uma confusão	são palavras feias

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No quadro acima, percebemos que esses alunos se detiveram na repetição das definições, sem estabelecer correlação semântica entre as duas palavras. Esse afastamento de

sentido denota que esses alunos não associam as situações de conflitos à utilização de palavrões no discurso. Outro aspecto percebido foi o distanciamento, por parte de alguns alunos, da discussão que se estabelecia durante a aula, numa recusa em participar das trocas de ideias.

b) Conflito é o mesmo que palavrão

Na perspectiva de igualdade de definições, foi interessante notar que os alunos percebem os dois significados como tão imbricados que uma palavra se insere no significado da outra. A relação estabelecida pelos alunos foi definida como sendo “as duas coisas não boas” ou “ambos são ruins”. A percepção tanto do conflito como do palavrão são evidenciadas como elementos negativos.

Ainda nessa perspectiva, foi dito também que ambos “são motivos para uma briga”. Nesse caso, os dois elementos, embora distintos, possuem uma relação que os une de desencadeamento de ação violenta, o que se evidenciou ainda quando um aluno disse que tanto o conflito quanto o palavrão “são iguais porque servem para mostrar ‘muita raiva’”.

Outra associação realizada pelos alunos para relacionar conflito e palavrão foi que “os dois elementos fazem parte de uma discussão”. Nesse caso, a relação reforça a característica interlocutiva percebida no conflito e no uso de palavrões, este último com o objetivo de “maltratar o outro”.

c) Palavrão é decorrente do conflito

Nessa perspectiva, os alunos entenderam que o palavrão é decorrente do conflito. Condicionaram que o conflito quando é “estilo uma briga” e está estabelecido “entre duas ou mais pessoas”, então é que “entra o palavrão”. Nesse caso, a pessoa pode “falar mais ou menos palavrões, dependendo da educação que a pessoa tenha”. Nessa visão assumem que todo conflito quando se torna briga tem palavrões, em menor ou maior quantidade, isto sendo associado ao nível de “educação” que o locutor demonstre.

d) Palavrão faz parte do conflito

Vinte por cento dos alunos consideraram que palavrão faz parte de um conflito. Esses alunos entendem que “conflito é uma briga entre pessoas”. Reforçaram que essa briga

“envolve os palavrões”, que nela “tem palavras feias que agravam a situação”, “sempre tem pessoas falando palavrões”, “as pessoas ficam se xingando e elas falam palavrões umas com as outras”.

Essa visão envolve uma compreensão de conflito como algo violento e ameaçador, estreitando a relação entre os termos e o que entendemos na definição de violência verbal, cuja manifestação se mostra de modo mais evidente nos altos índices de agressões após discussões acirradas; a mais constante é a infração dos códigos elementares de conduta civilizada.

Após as discussões que foram realizadas com os alunos, os apresentamos a definição de conflito proposta por Chrispino e Chrispino (2002). Dissemos aos alunos que todo o entendimento que eles trouxeram sobre conflito era válido, pois agregava novas informações à definição e ilustravam os conceitos. Apresentamos também o conceito de palavrão proposto por Faggion (2009) e Orsi e Bueno (2014). Comentamos que o termo “turpilóquio” não era muito utilizado no nosso meio, mas era também uma designação para palavrões.

Para finalizar esse primeiro momento, pedimos que eles relatassem uma situação de conflito que envolvesse o uso de palavrões especificamente na escola, quer vivenciada por si ou por outra pessoa. Ressaltamos que deveriam ser verdadeiros, que seria importante que eles escrevessem os palavrões e que não precisariam nem se identificar nem usar nomes reais. Essa estratégia foi utilizada para que se sentissem mais à vontade em suas declarações.

A seguir, passamos às análises dos relatos que os alunos expuseram nas produções textuais.

3.2 ANÁLISES DOS RELATOS DE CONFLITOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Nesta seção, que compõe a segunda etapa do trabalho buscamos categorizar os fenômenos linguísticos presentes nos relatos dos alunos, numa tentativa de sistematização da relação entre os conflitos entre os alunos e o uso de palavrões. Inicialmente apresentamos quais os motivos que os alunos elencaram como geradores de conflitos relacionados ao uso da linguagem torpe. Junto dos alunos, buscamos compreender quais os motivos que provocaram os conflitos com uso de palavrões por eles relatados.

Em seguida, pedimos que os alunos listassem os palavrões encontrados nos relatos e os categorizassem nos campos semânticos conforme Sveinsdóttir (2010). Esse momento do

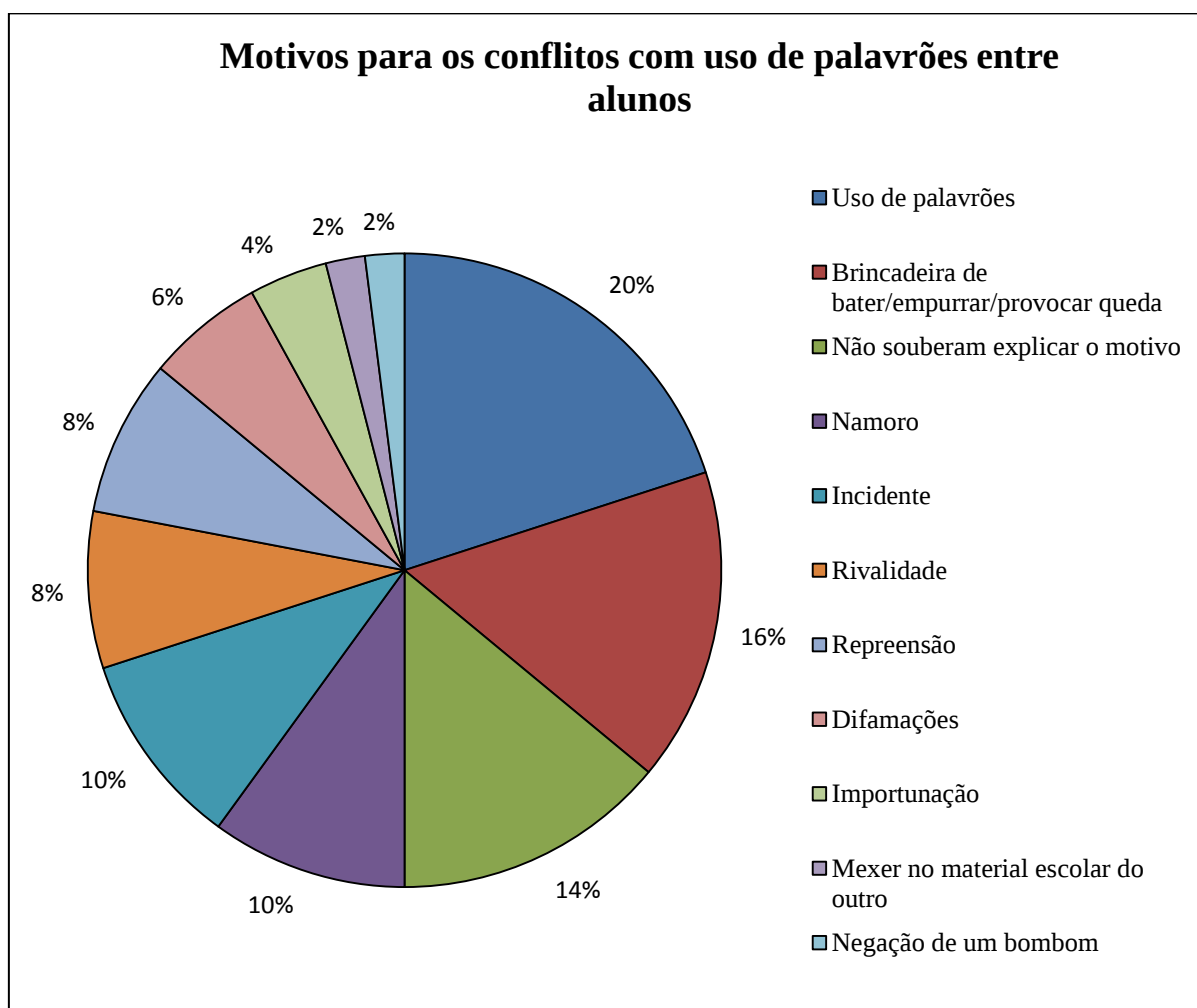
trabalho buscou investigar quais os significados que os alunos atribuem aos palavrões nos contextos de uso expostos nos relatos de conflito.

Por fim, apresentamos as ocorrências de palavras e expressões que eles consideravam como sendo palavrões, os relatos, e a discussão sobre os campos semânticos utilizados. Nessa seção, apresentamos como os alunos elencaram as ocorrências de palavrões em cada relato associado aos campos semânticos e discutiram oralmente sobre o porquê de entenderem como sendo determinado campo.

3.2.1 Motivação dos conflitos com uso de palavrões

Zampa (2005) elaborou uma lista em que classifica as maiores incidências motivacionais para os conflitos entre alunos. Essa listagem foi apresentada aos alunos para que pudessem associar os fatos aos motivos geradores de conflito com uso de palavrões e suas recorrências. Adiante, expomos esses motivos usando uma nomenclatura que os próprios alunos categorizaram para os apontados em seus relatos ao passo que relacionaremos ao pensamento de Zampa (2005).

No gráfico a seguir, temos uma visão geral desses motivos, do ponto de vista dos alunos:

GRÁFICO 4 - Motivos para os conflitos com uso de palavrões entre alunos

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Coerentes com o gráfico, notamos que uso de palavrões foi responsável por 18% das ocorrências expressas nos relatos dos alunos:

R14: Eu tava caminhando na escola e se deparei com essa duas pessoa, eles estava xingando a mãe de cada um (...) e quando dei fé eles já tavam era se atracando...

R12: Eu tava no intervalo e vi uma menina e chamou a outra menina de [palavrões] ...as duas meninas começaram a rir (...) elas acham isso [dizer os palavrões] lindo...

R16: Quando eu estava brincando no recreio e quando eu fui ver era duas meninas brincando aí uma falou assim sua [palavirão]...

R20: ...aconteceu um fato muito interessante na hora do recreio eu e as minhas amigas estávamos perto do banheiro, brincando etc aí passou umas meninas chamando eu e minha amigas de [palavirão]...

R29: Eu e minha amiga Bruna discutimos porque ela me chamou de puta e eu não gosto que me chame de uma coisa que eu não sou.
R30: ...eu e ela brigamos por causa que eu chamei ela de putiane e ela me chamou de quenga...
R39: ...uma amiga me chamou de vaca, aí eu chamei ela de filha da puta...
R42: ...Eu fiquei sabendo que uma guria estava mim esculhambando e esculhambando a minha mãe, logo a minha mãe, não dá certo...
R44: ...eu estava sentada no banco do pátio da escola aí passou a a[?] eu disse olha a vaca passando ela ficou com raiva
R49: ...a gente tava lá na quadra aí a Marina esculhambou a Brenda (...) a Brenda partiu pra cima dela...

Na análise dos motivos para os conflitos presentes nesses relatos foi interessante notar que os próprios alunos sinalizaram que a provocação estimula um comportamento linguístico agressivo espelhado: “se a pessoa esculhamba, a outra esculhamba também”, “vira uma bagunça”. Essa reflexão é coerente com o que Culpeper (1996) afirma sobre as ações de impolidez que são totalmente negativas e provocam desarmonia social.

Conversamos com os alunos que, no caso do insulto por meio de palavrões, o ataque à face orienta as ações impolidas que são vistas como negativas quando acionam conflitos e que esse tipo de comportamentos sempre presumem consequências emocionais, pelo menos sobre um participante (CULPEPER, 1996). Nesse caso, se a pessoa é insultada e tem sua reputação atingida, é esperado que o conflito seja estabelecido. Também nos adiantamos e comentamos sobre a intencionalidade da ação impolida.

O uso de palavrões como provocador de conflito não é apresentado diretamente por Zampa (2005). No entanto, entendemos que no caso de xingamentos, se aproxima da definição de *bullying* proposta Malta *et al.* (2010). Os alunos logo observaram que em todos os relatos em que os conflitos foram gerados pelo uso de xingamentos como agressão verbal e insulto houve uma reação agressiva da pessoa atingida. Sobre esse comportamento, discorreremos quando, adiante, tratarmos das consequências dos conflitos agravados pelos palavrões.

Ainda sobre o uso de palavrão como provocador de conflito, os alunos categorizaram como sendo um motivo para os conflitos as brincadeiras de se esculhambar. Nessas ocorrências os xingamentos são realizados, mas eles compreendem que é “só de

brincadeira”, “não é para ficar com raiva”. Comentaram que a regra é “esculhambar um ao outro para ver quem ganha”. O vencedor é aquele que mais disser palavrões.

Os alunos compreendem que a brincadeira existe com objetivo de exercício e ampliação do vocabulário torpe, sendo para “treinar”. Reforçaram essa compreensão quando comentaram que era “pra ver quem esculhambava melhor”, apresentando um caráter competitivo. Acrescentaram que os conflitos se estabeleciam quando “alguém não aguentava e se estressava”. Desse modo, o conflito seria uma resposta à impolidez simulada, quando a ameaça à face é feita em forma de brincadeira em sua superfície, implícita (CULPEPER, 1996).

No caso da impolidez simulada, ao interlocutor é dada a responsabilidade pela interpretação da brincadeira. Considerando que há uma gradação na competição para quem diz mais palavrões, o que é considerado brincadeira pode ou não se tornar um conflito. No relato (R12) as interlocutoras não estabeleceram desarmonia, porém a relatora expressa juízo negativo quando diz que as interlocutoras acham o fato “lindo”.

O gráfico aponta também que grande parte dos conflitos foi provocada por “brincadeiras de bater”, “brincadeira de empurrar”, “brincadeira de provocar queda”. Essas atitudes são percebidas pelos alunos como brincadeiras, porém, desencadeiam até lesões corporais graves. É a violência disfarçada de brincadeira que configura o *bullying*, como trata Zampa (2005).

Abaixo, os excertos dos relatos cujas motivações dos conflitos entre alunos com palavrões são expressas por essas brincadeiras:

R2: ...eu estava brincando de bater nos outros...
R3: ...as meninas estavam brincando juntas, começaram a empurrar umas as outras...
R8: ...as duas meninas estavam brincando duma brincadeira chamada castanha, quando se senta tinha que dizer castanha. Aí, uma se levantou e se esqueceu de dizer castanha aí a outra deu um murro nas costas da outra...
R9: ...quando passei correndo por lá, alguém colocou o pé fazendo eu tropeçar
R13: ...eu estava ensinando um golpe de jiu-jitsu... ela se intrometeu e ficou puxando o meu pé
R24: ...eu estava brincando com as minha amigas e eu fiquei na escadinha do palco e tinha dois meninos da minha sala e eu não tinha feito nada com eles e um menino me empurrou com força... eu ia tacando minha cara no chão, sorte minha que a minha amiga me segurou...

R32: ...alunos que colocam o pé na passagem para o outro cair...
R37: Eu e minhas colegas tava brincando de empurrar. A menina me empurrou na areia e eu caí.

Durante a discussão com a turma sobre esses relatos, especificamente sobre os motivos do relato (R2), os alunos afirmaram que esse tipo de brincadeira era bastante comum e que “não tinha jeito” para pararem de fazer isso. Um aluno adiantou que quando esse tipo de brincadeira acontece com ele, ele “esculhamba²² logo” e “parte pra cima”. Nesse caso, comentou que o uso de palavrões serve para “desabafar e é também um jeito de ‘descontar’”.

Sobre o relato (R8), os alunos comentaram que a brincadeira de castanha sempre termina em briga, porque nem todo mundo aguenta calado. Segundo eles, a regra da brincadeira se dá num acordo que consiste em toda vez que um aluno participante vai sentar ou levantar deve dizer a palavra “castanha”. Caso descumpra o acordo, leva um “porrada”, de cada um dos participantes. Tem gente que “bate com muita força aí machuca e dói muito”, disse uma aluna.

Os alunos comentaram que a “brincadeira de botar o pé no meio pro outro cair”, presente nos relatos (R9) e (R32), é muito comum e também “causa muito conflito”, “muita briga” que “dá até suspensão”. Esse tipo de brincadeira, segundo eles, “é perigoso”, mas também “engraçado” para quem coloca o pé porque vê o outro “se lascar” no chão. Percebemos um sentimento de perversidade embutido na brincadeira, típico de violência e vias de fato, como assegura Michaud (1989, p. 9).

Sobre o relato (R13), os alunos comentaram que também se tratava de uma brincadeira violenta, porque, segundo eles, embora a brincadeira do esporte permita os golpes “quando a menina que não está lutando puxou o pé da outra fez com que ela se machucasse de propósito”. As conclusões dos alunos foram coerentes com Michaud (1989, p.9) quando comenta a permissão da violência no esporte, como é o caso do jiu-jitsu e quando trata da intencionalidade da ação violenta.

As motivações presentes nos relatos (R3), (R24) e (R37) foram caracterizados pelos alunos como “engraçados” e “legais”. Alguns alunos afirmaram que na hora do recreio brincam de empurrar ou outro. Duas alunas disseram que “era mó paia²³”. Essa última fala significa que não gostam desse tipo de brincadeira, porque essa expressão é muito utilizada na

²² O verbo esculhambar é utilizado como sinônimo de xingar em algumas regiões do Brasil tipicamente no estado do Ceará. In: PONTES, C. G. **Super dicionário de cearês**. Livro Técnico. Fortaleza, 2000; SERAINE, F. **Dicionário de termos populares** - registrados no Ceará. Stylus. Fortaleza, 1991

²³ Mó paia: ‘sem graça’. **Dicionário de termos populares** - registrados no Ceará. Stylus. Fortaleza, 1991

escola como sinônimo para uma coisa que não é boa. A intencionalidade da ação violenta permanece nessa brincadeira como Michaud (1989) assegura.

Como observamos no gráfico, em grande parte dos conflitos narrados pelos alunos, em 16% das ocorrências, os alunos ao analisarem os relatos não foram capazes de identificar o motivo gerador que ocasionou o conflito com uso de palavrões. Em todas essas ocorrências os conflitos foram relatados como já estando estabelecidos em forma de discussão ou briga. Apresentamos os excertos abaixo:

R1: ...duas alunas estavam discutindo...
R19: ...duas meninas estavam discutindo...
R22: ...aconteceu uma briga entre uma colega e um colega...
R31: ...eu peguei uma briga com um menino...
R34: ...eu briguei com o menino que estuda onde eu estudo...
R46: ...duas meninas estavam discutindo...
R50: ...os alunos da minha sala de aula começaram a brigar...

Diante da inexistência de motivos, durante a análise os alunos acrescentaram uma informação considerável quando comentaram que “esses motivos sempre são por besteira”, “esses meninos se batem por qualquer coisa” e “um dia eu briguei e eu nem me lembro por que foi”. Ao fazerem esses comentários, assumiram um tom de descaso em suas falas, como sendo fatos comuns, corriqueiros e, por isso, desprezíveis.

Aproveitamos, então, para apresentar que essas falas caracterizam que os reais motivos dos conflitos são fúteis, insignificantes, banais. O que para o aluno pode ser considerado como uma besteira, algo insignificante, perante a lei é agravante para punição de infração penal, como comenta Masson (2014). Essa informação foi recebida com surpresa, principalmente quando adiantamos que o xingamento pode ser considerado uma infração, um crime contra a honra.

Nesse ponto, foi discutida ainda, de modo breve, a intencionalidade do uso dos palavrões durante os conflitos, e diante da surpresa, a discussão assumiu um tom de descontração. Um aluno disse que quando fosse “esculhambar alguém” agora teria mais cuidado. Outro aluno comentou que “tem que ter cuidado” porque o palavrão servia para humilhar e que isso não era certo, demonstrando um reconhecimento de ato de fala (AUSTIN, 1990 [1962]).

Ainda coerente com a classificação de Zampa (2005), o namoro representa uma motivação para os conflitos entre os alunos. Cinco relatos apontaram que essa motivação. Abaixo os excertos:

R6: ...eu e minha amiga estava conversando sobre o menino lindo. Nós gostava muito dele. Eu disse que ele gostava de mim. Ela disse que ele não gostava de mim...
R10: ...nós ficamos a ter uma briguinha besta que um queria namorar e o outro também...
R26: ...foi por causa de menino...
R33: ...eu vi duas meninas brigando por causa de menino...
R45: ...ela tinha muita raiva de mim porque eu sempre ficava do lado que o namorado dela ficava...

Durante a discussão que fizemos com os alunos sobre esse tipo de motivação, eles se utilizaram das expressões “isso é coisa de quem tá viçando”, “isso é horrível”, “coisa de vagabunda”. Essas expressões sugeriram uma repulsa ao comportamento provocador do conflito.

Os incidentes foram considerados pelos alunos nos relatos como provocadores de conflitos. Em quatro relatos, as situações inesperadas foram suficientes para provocar conflito. Apresentamos os excertos a seguir:

R4: Eu estava com uma garrafa de água, eu bebi, e sem querer, quando eu fui fechá-la eu derrubei e a bolsa do meu colega molhou toda...
R27: ...quando minhas amigas foram entrar para dentro da cantina para merendar houve um incidente, uma das minhas amigas tinha ido pelo lado esquerdo para mesa quando de repente o menino veio contudo e bateu de frente com ela..
R28: ...um menino inventou de dar uma sarrada em um amigo mas ele desviou e pegou no meu amigo e ele chamou ele de [palavrão]
R41: ...eu tava passando pelo pátio e uma amiga tropeçou em mim e a gente não se viu...
R47: ...eu estava jogando bola aí eu peguei a bola e chutei aí a bola pegou no meu amigo.

Os motivos acima elencados, embora tenham sido categorizados pelos alunos como incidentes, consideramos que se aproximam do que Zampa (2005) considera como mal entendido, visto que não foram atos de caráter intencional: a água derrubada, o esbarrão na

cantina, o tropeço no pátio, a “sarrada” e a bolada foram causas de conflito que não tiveram origem intencional e sim factual. Os alunos comentaram que não foi buscada a compreensão nem a interpretação para o acontecimento, tendo “explodido a confusão” imediatamente.

A rivalidade foi apontada pelos alunos como motivação para conflito com uso de palavrões expressa em quatro relatos. Essa motivação também foi apontada por Zampa (2005), como rivalidade entre grupos, e é possível ser notada nos excertos a seguir:

R7: ...chamei o Jubileu e a gente correu e derrubou o outro na areia.
R21: ...na escola eu estava conversando com a minha amiga Ana aí a gente estávamos perto do estacionamento e lá estava a menina que não gostava dela daí ela falou para as amigas dela desse jeito “um dia eu meto a peia nessa rapariga”...
R23: ...Sara Kelly e Maria Isabel estava conversando aí uma menina chata, insuportável pegou e interrompeu a conversa...
R43: ...quando meu time ganhou o cara do outro time ficou com raiva...

Sobre esses relatos, os alunos interpretaram que em (R7) e em (R23) os participantes da ação eram rivais porque houve a presença de dois contra um. No caso de (R23), a informação de que a menina era chata e insuportável dava a entender que era rival das outras duas que estava conversando. Percebemos que a formação de dupla ou grupo foi significativa para que eles entendessem a ideia de rivalidade, também apresentada no relato (R43), expressa na palavra “time”.

Os alunos revelaram que, como nos casos citados, é muito comum na escola a presença de formação de “grupinhos” e “panelinhas” “para arengar” ou brigar. Consideraram que isso era muito “chato”, que não era bom.

A repreensão foi apontada pelos alunos como causadora de conflito com uso de palavrões. Na proposta de Zampa (2005), não há essa categoria, como foi percebida nas ocorrências abaixo:

R15: ...dois alunos estavam brigando por causa que um mandou o outro calar a boca...
R18: Um belo dia eu cheguei na escola 1h da tarde, mal cheguei a menina disse – isso é hora da chegar...
R25: ...mulher para de falar palavrão na escola com [palavrões]. Isso é muito feio pra sua cara sua criatura. Aí ela ficou com muita raiva de mim...

R40: um dia a minha amiga ela estava conversando aí eu falei cala essa tua boca ela ficou com muita raiva ela mandou eu ir [palavrão]...

Percebemos que nessas ocorrências os atos expressos nos relatos (R15) e (R40) foram potencialmente impolidos (CULPEPER, 1996), maximizando a possibilidade do conflito. Os alunos mesmos reconheceram que nesses casos em que um aluno manda o outro calar boca “sempre dá briga”. Um aluno comentou que se alguém mandar ele calar a boca, ele responde logo comum palavrão, manda “pra puta que pariu”. Ela fala corrobora com a ideia de que o ato é potencialmente ofensivo.

No caso do relato (R18), a interpretação que a interlocutora faz da pergunta sobre a hora de chegar à escola foi recebida como ofensiva. Os alunos justificaram que, nesse caso, “a colega dela não tinha nada a ver com a hora que a outra estava chegando”, e que essa pergunta só tinha sido feita para “se mostrar”. Nesse caso, independente da intenção comunicativa do locutor, se percebe um ataque intencional à face, o que provocou o conflito.

No relato (R25), o conflito se estabeleceu porque uma amiga repreendeu a outra por ter falado palavrão dentro da escola. Essa repreensão quebrou o clima amigável da conversa que estavam tendo. Os alunos comentaram que “a menina que falou palavrão estava errada” e “não soube receber a ‘chamada’ por que era bruta”. Julgamos interessante a caracterização de “bruta” porque mais uma vez os alunos reforçara a imagem negativa de quem usa palavrão e “fica criando problema”.

As difamações foram consideradas como pivô de conflitos em três ocorrências:

R11: ...uma menina tava falando mal da outra e a menina foi tirar satisfação...

R35: ...as duas meninas eram grandes amigas... mas alguém disse para uma delas que sua amiga estava falando mal dela...

R48: ...minhas amigas estavam falando coisas de mim para a minha outra amiga...

Os alunos comentaram que esses casos só aconteciam porque as meninas são “fofoqueiras” e “faveladas”, “ficam falando mal uma das outras”. Nesse ponto, observamos que o comportamento foi associado diretamente ao gênero e à classe social. Intervimos explicando o caráter ofensivo da difamação e que é previsto em lei para todas as pessoas, independente de gênero e classe social, como estavam associando. Desse modo, qualquer pessoa poderia ferir a lei.

Adiantamos aqui, indiretamente, o conceito de face de Goffman (1967), embutido no exemplo da imagem que temos de nós mesmo e a imagem que temos do outro, quando devemos nos preservar e preservar o outro. Os alunos interviram aqui comentando e reconhecendo que ficava “muito feio” tanto para quem fala como para de quem se fala. Salientaram para quem “fala mal dos outros fica pior ainda”. No entanto, alguns reforçaram o comportamento dizendo que “todo mundo faz isso”.

Nessa tentativa de generalização, duas alunas se manifestaram contrariamente dizendo que não são assim, que não fazem isso e que só “quem não tem vergonha” é que faz. Percebemos que aqui se estabeleceu um conflito acirrado numa tentativa de preservação de face, da autoimagem pública (GOFFMAN, 1967) e ameaça a face do outro (BROWN; LEVINSON, 1987). Oportunamente, comentamos com os alunos que essa estratégia de defesa seguida de desaprovação, na medida em que valoriza o falante, desvaloriza os outros alunos, gerando um conflito desnecessário.

A importunação foi apresentada nos relatos, na visão dos alunos, como também responsável pelos conflitos com uso de palavrões. Eles consideraram que nos dois relatos abaixo, houve duas situações em que o conflito só se estabeleceu porque alguém teve o “sossego atrapalhado”.

R36: ...teve um dia que eu estava fazendo a tarefa e umas “amigas” (entre aspas) estava puxando o meu cabelo, cutucando as minhas costas com a caneta e eu pedi para ela parar e ela não parava...
--

R38: Um dia na escola eu tava na sala aí começou a aula, passo 10 minutos, 20, 30... eu perguntei: ei má, me dá a resposta da atividade!
--

No relato (R36), foi dado como motivo para o conflito com uso de palavrões uma situação de importunação que, no entendimento dos alunos, também era violento, mas num grau de menor intensidade, visto que o fato – puxar o cabelo – não devia ser “com força” e sim só pra perturbar. No entanto, “como podia também doer” ou “arrancar alguns cabelos”, eles considerariam também como *bullying*.

Comentamos com os alunos sobre esse fato que a importunação causada viola a regra do contrato conversacional (FRASER; NOLEN, 1981). Na situação descrita, em que a garota está na escola, dentro da sala e fazendo a tarefa, a regra que é imposta socialmente de modo como os alunos devem se comportar é quebrada por uma atitude inoportuna. O princípio do cooperativismo, que propõe que as regras sejam respeitadas, não é cumprido.

No relato (R38), os alunos atribuíram a importunação ao fato de alguns alunos não fazerem nada e ficarem só perturbando pela resposta. Demonstrando compreensão da quebra do contrato conversacional, disseram que a sala de aula era “para fazer a tarefa” e que a perturbação era porque o aluno não cumpria com sua obrigação, “não cooperava”.

No relato (R17), os alunos verificaram que a negação de um bombom foi motivo para um conflito. Essa motivação, tão específica, não havia sido encontrada em Zampa (2005) e também não foi associada a nenhuma motivação proposta por esse autor:

R17: ...um menino chegou e pediu um bombom aí eu disse dou nada aí o menino falou enfia [palavrão]...

Sobre essa ocorrência, alguns alunos comentaram que o motivo era “uma besteira”. No entanto, outro aluno disse que era muito difícil conseguir dinheiro pra comprar bombom e não era obrigado a dar o bombom a ninguém. Por essa fala, percebemos a violação à máxima de generosidade de Leech (1983) e comentamos com os alunos sobre a possibilidade de acordos, que não foi realizada.

Por fim, para os conflitos com uso de palavrões, verificamos junto com os alunos que no relato (R5) mexer no material escolar do outro foi motivo para uma ocorrência. Os alunos entenderam que este motivo está relacionado ao que Zampa caracteriza como perda ou danos de bens escolares. Eles entenderam que nessa ocorrência o conflito se deu não pelo uso do palavrão, mas pelo fato do aluno ter pegado a bolsa do outro:

R5: ...um menino chamado Talison ele estava no recreio, deu o toque de encerramento do recreio tinha um menino chamado Adison aí pegou a bolsa do menino chamado Talison e ele não encontrou sua bolsa no devido lugar. Logo ele perguntou onde estava a sua bolsa mas ele estava rindo o Talison mandou ele se [palavrão]

Comentaram que essa atitude se trata de uma “brincadeira chata” e que eram muito comum as brigas provocadas por isso. Então questionamos até que ponto era engraçado esconder a bolsa do colega e eles prontamente responderam que era “pra ver o menino apereado” e ressaltaram que se tratava de *bullying*, numa compreensão clara da impolidez da ação.

Após discutirmos com os alunos sobre as motivações para os conflitos com uso de palavrões, passamos a analisar junto com eles os campos semânticos que fizeram parte dos palavrões que foram utilizados nesses conflitos. É o que veremos na subseção a seguir.

3.2.2 Campos semânticos dos palavrões utilizados nos conflitos relatados pelos alunos

Apresentamos aos alunos uma síntese dos campos semânticos para os palavrões de acordo com a classificação de Sandmann (1992) e Sveinsdóttir (2010). Analisamos conjuntamente qual a compreensão que eles tinham de cada campo semântico listado por esses autores, a saber:

- Animalização
- Partes do corpo humano
- Palavras que giram em torno do sexo
- Homossexualidade
- Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.
- Palavras que fazem referência à baixa capacidade intelectual das pessoas
- Funções físicas e escatológicas
- Blasfêmia
- Palavras diabólicas
- Antonomásia
- Diminutivos e aumentativos
- Morte
- Comer e beber
- Desprezo
- Raiva
- Surpresa
- As palavras do mundo das drogas

Ao passo que citávamos os campos semânticos, os alunos apresentavam definições e exemplos que ilustravam cada campo. Assim, do ponto de vista dos alunos obtivemos as seguintes observações e exemplificações:

Animalização: “chamar o outro de bicho”, fazendo uma associação feia como: “burro, jumento, cavalo, égua, galinha, pata, rato”. Nesse aspecto semântico notamos e

comentamos com alunos que a associação feita por eles sempre está relacionada a traços pejorativos, coerente com Faggion (2009). Assim, expusemos que a palavra gata, por exemplo, na frase “ela é uma gata”, seria uma animalização, mas não um palavrão.

Partes do corpo humano: “falar alguma característica do corpo da pessoa, como cabeça de melancia, pé de prancha, cabelo de Bombril ou Assolan [metonímia para espoja de aço], perna de alicate, braço de radiola, beijo de sola”. Percebemos e comentamos com os alunos que a compreensão desse aspecto semântico esteve voltada para a adjetivação das partes do corpo num traço metafórico.

Palavras que giram em torno do sexo: “dizer alguma palavra imoral, como pau, pica, buceta, piroca, cu, rola”. Percebemos e comentamos que nos exemplos citados as partes do corpo foram expressas por termos torpes. Notamos que eles não exemplificaram esse campo semântico com palavrões que fizessem referência ao ato sexual em si. Comentamos isso e os alunos, demonstrando compreensão, acrescentaram os exemplos “foder” e “trepár”.

Homossexualidade: “falar que a pessoa é gay (homem) ou sapatão (mulher). Dizer baitola, viado, baitinga, entendida”. Nesse campo semântico, associando os exemplos dados, oportunamente questionamos aos alunos qual era o problema que eles viam em ser homossexual. Alguns responderam que não era certo, associando sua resposta a questões religiosas. Outros argumentaram que não tinha nada demais, mas que não queriam ser chamados por esses nomes, caso não fossem homossexuais.

Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição: “dizer que a pessoa é rapariga, quenga, galinha, rodada, prostituta, puta”. Sobre esse campo semântico, os alunos comentaram que era muito feio para uma mulher ser chamada por esses nomes. Ela podia ficar “mal vista” e “mal falada”.

Percebemos um aspecto marcante envolvido nessa definição: a misoginia no discurso relacionada à depreciação da mulher. Diante dessa colocação, indagamos se não haveria um termo que fizesse referência à prostituição masculina. Apenas um aluno citou a palavra “gigolô”, explicou que se tratava de “homem que pedia dinheiro para a mulher” e acrescentou que conhecia um caso assim.

Palavras que fazem referência à baixa capacidade intelectual das pessoas: “dizer que a pessoa é burra, jumenta, inteliumento [inteligente com jumento], débil mental, debilóide [débil com mongoloide], Down [portador da síndrome], doido, perturbado”. Nessa definição o uso de termos relacionados à animalização foi associados à capacidade intelectual.

Também citaram os distúrbios psiquiátricos como sendo palavrões e disseram que era palavrão quando usado para nomear a pessoa sem ela ser.

Funções físicas e escatológicas: “falar coisas feias que o corpo faz como peidar, cagar, mijar”. Nesse campo semântico, foi percebida a utilização de termos chulos como mencionou Faggion (2009). Os alunos ressaltaram que “o certo” era dizer “flatulências”, “defecar” e “urinar”. Mas que todo mundo falava essas palavras no dia a dia, que eram comuns. Percebemos, dessa forma, uma consciência do uso e acrescentamos a ideia de adequação da linguagem ao contexto utilizado.

Blasfêmia: explicamos aos alunos a definição de blasfêmia como relacionada a ofender de alguma forma a Deus, a Virgem Maria e aos santos (SVEINSDÓTTIR, 2010). Comentamos ainda que blasfêmia também pode ser entendida como desrespeitar coisas sagradas, num sentido geral. Nesse campo semântico, apenas um aluno exemplificou como sendo palavrões “dizer que Deus não existe” ou o “Diabo é quem manda”.

Evitamos estender a definição de blasfêmia para “palavra gravemente injuriosa contra alguém”²⁴ (SVEINSDÓTTIR, 2010, p.22) porque discutiríamos oportunamente sobre a injúria e a difamação. Optamos por deixar essa temática para quando fôssemos discutir sobre ofensas relacionadas ao uso de palavrões e as infrações às regras de convivência da escola e os crimes contra a honra.

Palavras diabólicas: os alunos comentaram que os palavrões diabólicos eram quando se referiam ao diabo, como “satanás, demônio, capeta, inferno e macumba”. Esta última palavra foi refutada por um aluno que disse que “macumba” era “uma religião e não era do demônio”. Outro aluno argumentou que era “uma religião”, mas não era “de Deus”. Percebemos um conflito de ordem religiosa, e para não estender a discussão nesse aspecto, afirmamos que todas as religiões precisam ser respeitadas.

Antonomásia: explicamos aos alunos que se trata de quando ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique. Afirmamos ainda que estava associada ao uso de apelidos. Os alunos exemplificaram como sendo palavrões os apelidos pejorativos como “aleijado”, “cabeção”, “piolhenta”, “fedorenta”, “verminosa”, “ameba”.

Diminutivos e aumentativos, explicamos que se tratava de sufixação em grau nas palavras que as tornam com sentido pejorativo como, por exemplo, “bichinha” num contexto de depreciação, como numa briga você ameaçar: “vou te pegar bichinha!”. Os alunos

²⁴ “palavra gravemente injuriosa contra alguém” (SVEINSDÓTTIR, 2010, p.22).

exemplificaram com os termos “viadim(nho), viadão, bichão, bichona”. Percebemos e comentamos a associação pejorativa a termos relacionados à homossexualidade.

Para fugir dessa percepção da homossexualidade no aumentativo e no diminutivo, um aluno acrescentou “girafa, poste, anã e tamborete”. Essas palavras fizeram referência à altura dos nomeados, como mais altos ou mais baixos. Entendemos como uma associação válida, embora não contemplada por Sveinsdóttir (2010). A turma acrescentou que também podiam ser os apelidos (antonomásia) dados por causa do tamanho da pessoa, como ‘vara de espanar’ e “tamborete de anão”.

Morte: para este campo semântico, os alunos expuseram que eram “todos os palavrões que tinham a ver com a morte” e exemplificaram com expressões de juramento de morte: “vou te matar”, “você vai morrer”, “cuidado com a vida”. Ampliaram o entendimento para palavras que estavam, na compreensão deles, relacionadas à morte, como “caixão”, “vela”, “vela preta”, “cemitério”. Acrescentaram ainda palavras associadas atos violentos: “facada”, “tiro” e “estupro”.

Comer e beber: para este campo semântico os alunos citaram expressões como “come bosta”, “come merda”, “come ovo”, “bebedor de cachaça”, “cachaceiro”, “pinguço”, “passa fome”. Questionamos o significado de “come ovo” e nos chamou atenção à definição dada que, segundo eles, era “a pessoa pobre que não podia comer carne e só comia ovo”. Ficou evidenciada uma distinção de classe social tratada pejorativamente na definição e na exemplificação.

Tendo em vista essa definição, oportunamente discutimos de maneira rápida com os alunos que esses termos – “come ovo” e “passa fome” – refletiam uma discriminação incidente sobre o poder aquisitivo e a classe social. Também chamamos atenção para o consumo de álcool como sendo um problema de saúde, inclusive sendo o alcoolismo classificado como doença, sendo importante a conscientização sobre esse tema.

Desprezo: os alunos compreenderam esse campo semântico como sendo expressões utilizadas para “diminuir alguém, como quando você não gosta da pessoa”. Exemplificaram com as expressões “porra”, “fuleragem”, “rapariga”, “diabo”. Comentaram que era a mesma coisa de quando você está com raiva da pessoa e acrescentaram palavrões de raiva, como vemos a seguir.

Raiva: nesse campo semântico retomaram o sentido do desprezo e exemplificaram com “porra”, “puta que pariu”, “arre égua”, “vai dar o cu”, “filho da puta”, “fi (filho) de rapariga”, “fi de quenga”. Notamos a associação do palavrão com o palavrão direcionado da

mãe da pessoa e pedimos que eles refletissem sobre o porquê disso. Responderam que era “pra raiva ser maior porque ninguém quer ter sua mãe esculhambada”.

Surpresa: “eita”, “eita diabo”, “diabo é isso”, “diabeisso (contração)”, “vixe”, “valha”, “valha meu Deus”, “Ave Maria”. Notamos que foram utilizadas as palavras torpes numa entonação de espanto e surpresa, as aproximando da definição de interjeição. Pedimos que refletissem se “valha meu Deus” era um palavrão, uma palavra torpe, assim como refletissem também sobre “ave Maria”. Os alunos negaram e disseram que não deveríamos considerar como palavrão porque era de Deus. Dessa vez, percebemos uma interferência religiosa na compreensão do que é palavrão.

As palavras do mundo das drogas: esse campo semântico foi definido pelos alunos como sendo os palavrões que se referem a quem usa droga e também aos nomes das drogas. Os alunos exemplificaram com os vocábulos e expressões “maconheiro”, “fumador de crack”, “cheirador de pó”, “doidão”, “drogueiro”, “noiado”, “maconha”, “crack”.

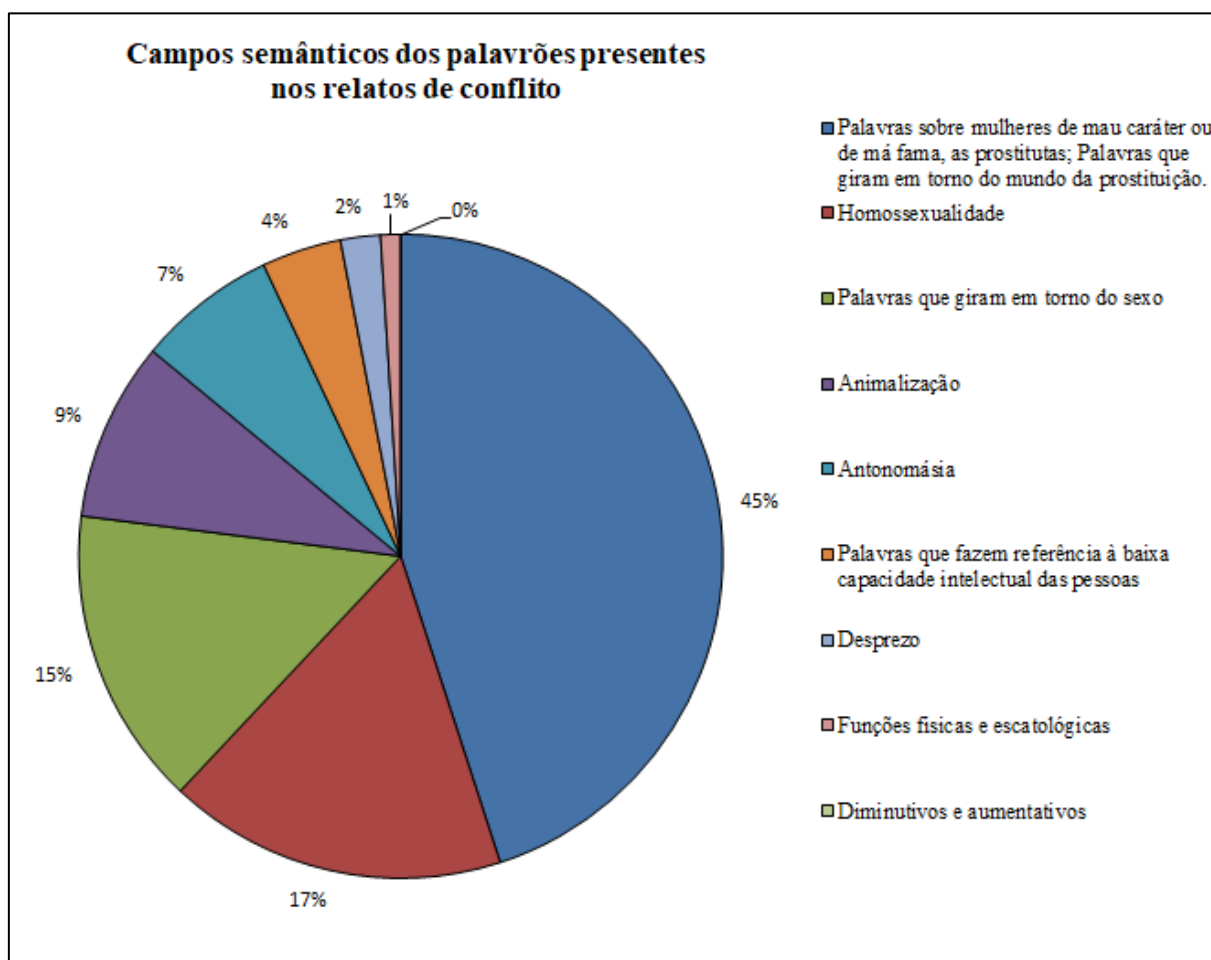
Durante a discussão, os alunos acrescentaram espontaneamente três campos semânticos para os palavrões: religião, raça e idade. Consideramos importante que os próprios alunos verificassem a existência de vocábulos e expressões torpes para essas categorias e pedimos que eles exemplificassem. Eles citaram para religião: “crente do cu quente”, “macumbeiro”, “pai de santo”, “mãe Diná”, “santinha do pau oco”; para raça: “macaco”, “nego preto”, “lora burra”; para idade: “pivete”, “menor”, “toquinho”, “anão”.

Após esta atividade de reflexão sobre os campos semânticos que envolviam os palavrões, passamos à análise dos palavrões utilizados nos relatos de conflito narrados pelos alunos. A seguir, apresentaremos o resultado dessa atividade.

3.2.3 Os palavrões presentes nos relatos

Solicitamos que os alunos relesem os relatos e listassem as ocorrências de palavras e expressões que eles consideravam como sendo palavrões, para que pudéssemos discutir os campos semânticos utilizados de fato nos relatos dos conflitos escritos por eles. Os alunos apresentaram a listagem de cada relato associado aos campos semânticos e discutiram oralmente sobre o porquê de entenderem como sendo determinado campo.

GRÁFICO 5 - Campos semânticos dos palavrões presentes nos relatos de conflito



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A maioria das ocorrências de palavrões nos relatos foi associada pelos alunos como pertencentes ao campo semântico das “Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição”. Ao todo foram elencadas ocorrências que correspondem a 45% de todos os palavrões ditos nos cinquenta relatos de conflitos. Notamos ainda que de todos os relatos, em apenas três não foram ditos palavrões classificados nesse campo semântico.

O campo semântico “homossexualidade” foi apresentado pelos alunos como bastante recorrente, acompanhado das “palavras que giram em torno do sexo”. Percebemos que em alguns casos, o mesmo palavrão foi classificado em diferentes ocorrências como pertencentes a campos semânticos diferentes, dependendo da compreensão dada pelos alunos. Apresentaremos esse aspecto no decorrer da análise, quando tratarmos da classificação dos palavrões nos diferentes campos semânticos arrolados pelos alunos.

Os alunos também classificaram muitos palavrões como sendo pertencentes ao campo semântico “animalização”. Veremos, adiante, quais conceitos eles relacionam aos palavrões ditos nos conflitos atrelados a esse campo. O mesmo será possível perceber nas discussões sobre o campo semântico: “Antonomásia”, quando ao invés de chamar pelo nome próprio, o locutor usa uma palavra ou uma expressão que lembra uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma identifica a pessoa.

O campo semântico dos palavrões que envolvem “as palavras que fazem referência à baixa capacidade intelectual das pessoas” também figurou em alguns palavrões, assim como os campos “Desprezo”, “Funções físicas e escatológicas” e, por fim, “Diminutivos e aumentativos”. A seguir, apresentamos as considerações sobre os palavrões (palavras e expressões) ditos e associados a cada campo semântico.

- a) Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.

Com relação ao campo semânticos dos palavrões sobre “mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição”, os alunos fizeram algumas considerações sobre de que modo compreendem o significado de cada palavrão que listaram. As definições justificaram a classificação semântica e revelaram conceitos curiosos que mostram pontos de vista sobre o uso desses palavrões, traços de comportamento do enunciador e do receptor e atos de fala que se realizam no discurso presente nos conflitos na escola.

A palavra deste campo com maior incidência e considerada como palavrão foi “rapariga”. Sobre o significado, uma aluna comentou que, quando se usa esse palavrão, se quer dizer que a outra “é moça” e que não tem o sentido de ofender. No entanto, notamos que essa justificativa se fundamenta no uso da ironia como uma estratégia de polidez indireta (BROW; LEVINSON, 1987), com o objetivo de minimizar a ameaça a sua face, pois a aluna assegura que na mente dela é isso, mas não pode responder pelos outros.

Essa justificativa irônica se baseia no uso da palavra “rapariga” no português de Portugal, onde não carrega um significado pejorativo como no Brasil. Os alunos asseguraram que para se saírem de situações complicadas em que usaram esse palavrão é melhor dizer que queriam falar o contrário, que a pessoa nomeada “é moça”, dando um sentido positivo para a palavra, mas que no fundo não é verdade.

A maioria dos alunos, afirmou que o palavrão “rapariga” é usado mesmo é pra xingar, diminuir a pessoa quando “ela não presta”. Nessa explicação fica evidente o uso do palavrão como ofensa explícita. Como uma intensificação do sentido do palavrão “rapariga”, figuraram as expressões “rapariga ruim”, “rapariga sem vergonha”, “rapariga dos infernos” e “filho de rapariga”.

Os alunos explicaram o significado de cada palavrão do seguinte modo: “rapariga ruim” é a que pega²⁵ os machos das outras, não presta, é vagabunda; “rapariga dos infernos” é a pior de todas; e a “rapariga sem vergonha” “é enxerida e faz as coisas e não admite que fez”. Essa última também foi citada como a que “fica com o marido das outras e não admite”. A designação de rapariga, figura ainda na expressão “filho/a de rapariga” ou ainda “fi de rapariga”.

Nessas últimas expressões, a ofensa, segundo os alunos, se torna ainda mais intensa porque “mexe com a mãe da pessoa, que não tem nada a ver com isso”. Desse modo, isso é uma “humilhação”. Seguindo esse mesmo sentido de ofensa à mãe, figuraram nos relatos de conflitos os palavrões: “filho de/da puta”, “fela²⁶ da puta”, “filha de rapariga”, “filho de prostituta”, “filho de quenga”. Na compreensão dos alunos, quando usam essa palavra – filho/fela – pra ofender os outros, o conflito se torna muito pior porque não aguentam calados pois “toda mãe é uma santa”.

Ainda sobre a ofensa à mãe também foi comentado que alguns alunos se sentem ofendidos com o nome da própria mãe. Por exemplo: “filho da Maria”, “filho da Francisca”. Segundo eles, “não se pode nem pensar na mãe do outro porque dá problema” porque a mãe é só deles, “é uma propriedade”. Dizer também “filho da mãe” “não é certo”. Falar a palavra “mãe” já é um problema. “Se fosse o pai não tinha problema, mas falar o nome da mãe, sim”. Falar que a mãe é bonita também, na visão deles, é ofensivo.

Outro palavrão citado pelos alunos para este campo semântico foi “R.D. da favela”. Uma abreviação de “rei delas” ou “rei deles” que significa “a pessoa que pega todas, todo mundo da escola, e só pega favelados, pega a favela todinha”. Para a justificativa da abreviação e como outro exemplo dessa formação de palavras, os alunos citaram “G.L.” que é, segundo eles, um palavrão que significa “galinha”.

O sentido de “R.D.” também se estende para “rodada”, como sendo, no sentido figurado, a mulher que já se envolveu sexualmente com várias outras pessoas. Explicaram o termo “rodada” como “catraca, porta de metrô”. Detalharam que “a catraca pega de um por

²⁵ O verbo “pegar” assume nessas expressões o significado de “se envolver sexualmente”.

²⁶ Fela: variante popular de filho.

um” e “a porta de metrô pega tudinho ao mesmo tempo”. Essa definição reforça a visão pejorativa do envolvimento sexual com vários parceiros, quer seja um de cada vez ou vários ao mesmo tempo, o que eles designaram como “suruba”.

Figurou ainda neste campo semântico como sendo palavrão a expressão “roda bolsinha²⁷ no terminal da Parangaba”. Essa expressão foi definida pelos alunos como “aquela menina que vai rodar bolsinha pra dar o cu”. Acrescentaram que “quem roda bolsinha é porque se vende, tipo prostituta”. A relação com o terminal da Parangaba²⁸, segundo eles, se deu porque tem um ponto de prostituição nesse lugar, onde travestis se prostituem perto de uma igreja que fica perto desse terminal.

A palavra “raputenga” também figurou nos relatos como palavrão. A definição, segundo os alunos, é “uma mistura de rapariga com puta e com quenga”. Sobre esse palavrão, percebemos a formação de uma palavra a partir de três outras e comentamos rapidamente com os alunos sobre esse processo de formação de palavras, a composição por truncação. Eles apontaram também a palavra “putiane”, em que “puta” se junta a “-ane” terminação de nome de pessoa. Nesse caso, mostramos a presença do segmento “-ane”, que eles associaram como presente em “Rosiane, Mariane, Luciane”, configurando, também, composição por truncação.

Considerando as falas dos alunos sobre os palavrões pertencentes ao campo semântico das “palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição”, conversamos com os alunos sobre a banalização do discurso ofensivo proferido contra a mulher e que sustenta o discurso machista historicamente cristalizado. A linguagem utilizada carregada de palavrões pertencente a esse campo semântico exprime o desprezo social em relação à prostituta, fincado numa imagem de degradação e estigma da mulher.

O uso desses palavrões, sobretudo relacionados à sexualidade feminina, endossam a reprodução e perpetuação da violência contra a mulher. Além disso, a violência moral pode ficar evidenciada como uma conduta configurada em calúnia, difamação ou injúria. Nesse ponto, reforçamos a ofensa verbal como crime contra a honra e a preservação da face, da autoimagem e da imagem do outro como sendo uma importante saída para a resolução pacífica dos conflitos surgidos dentro da escola e, mais ainda, fora dela, onde se vivenciam os mais variados conflitos sociais.

²⁷ Rodar bolsinha é popularmente entendido como o ato realizado pela prostitua de girar uma pequena bolsa em um ponto de prostituição para sinalizar que a ela está disponível para o programa sexual.

²⁸ Terminal da Parangaba: terminal rodoviário localizado no bairro Parangaba, em Fortaleza. O lugar é muito movimentado por ser ponto de interligação de várias linhas de ônibus.

Em resposta a essa orientação e consoante com a discussão, os alunos apontaram que nos próprios relatos em estudo a violência verbal está explícita, como quando por um motivo qualquer, bastando “uma raiva de nada” os alunos começam a se esculhambar e não pensam sobre o que estão falando. Desse modo, percebemos que essa discussão reforçou uma percepção pragmática sobre o uso dos palavrões na escola, visto que os alunos se conscientizaram claramente de causas e consequências dos atos de fala (AUSTIN, 1962).

b) Homossexualidade

Os alunos elencaram como sendo palavrões presentes nos relatos de conflito relacionados ao semântico da “homossexualidade” as palavras e expressões que fazem referência à homossexualidade masculina e feminina. Em 40% dos relatos escritos por eles, os participantes dos conflitos usaram palavrões deste campo semântico e em todos esses usos o objetivo do uso, segundo análise dos alunos, foi ofender porque “ninguém gosta de ser chamado de viado ou sapatão, nem mesmo quem é”.

Os palavrões utilizados nesses relatos de conflito para ofender a masculinidade que foram mais recorrentes foram “viado” e “viado encubado”. Durante a discussão, os alunos disseram que “viado com a letra i é o mesmo que gay, enquanto que veado com a letra e é o animal”. “Encubado” na visão deles é o homossexual “que não se revela, que todo mundo sabe que é, mas não admite”. Seguiram-se como sinônimo para homossexual masculino as ocorrências “baitola”, “gay” e “arrombado”.

Sobre essa última palavra, “arrombado”, os alunos comentaram que às vezes é um elogio e ilustraram que “quando alguém faz um gol, uma coisa boa, a gente chama também de arrombado”. Esta fala revela um conhecimento sobre a pluralidade pragmática das funções do uso dos palavrões, tal como expõe Dal Corno (2011). Nesse caso também entendemos como um reconhecimento dos atos de fala intrínsecos no contexto situacional.

A referência ao ato sexual entre homossexuais ficou expressa em “chupa pau”, “cheira pênis”, “vai se fuder”, “vai tomar no cu”, “vai dar o cu”. Os alunos caracterizaram essas expressões como sendo “as coisas que os viados fazem”. Essa definição foi acompanhada de muita risada e um aluno disse que “isso é normal, não tem nada demais”. Como forma de contestação, outro revidou que “isso era horrível” e se seguiu um clima de deboche na turma.

Se, no campo semântico discutido anteriormente, sobre as prostitutas, ofender a mãe é considerado um ato mais grave que ofender o pai, no campo semântico da

“homossexualidade”, a ofensa ao pai é tão intensa quanto ofender a mãe. Sobre esse aspecto, os alunos comentaram que a expressão “seu pai dá o cu todo dia”, dita no relato (R3) acompanhado de “sua mãe é uma puta” era motivo bastante para uma briga “feia”, porque além de ofender à mãe ainda “chamou o pai de viado”.

A homossexualidade feminina também foi apontada como presente nos relatos de conflito nas palavras “sapatão” e “sapatona”. A primeira foi definida pelos alunos como “uma mulher que gosta de namorar e outras coisas com mulheres”. A segunda forma, “sapatona”, foi definida por vários alunos como sendo a mesma coisa de “sapatão”, porém uma aluna comentou que sapatão era um sapato grande e que “lésbica é sapatona”. Nesse caso, percebemos uma diferenciação atrelada ao uso do sufixo na formação da palavra.

Comentamos oportunamente sobre o processo de formação de palavras em que o segmento “-ão” é formador de aumentativo e que esse poderia ser a razão da preferência pelo segmento “-ona”. Fizemos uma relação com o sentido lexicalizado em que “sapatão” estaria relacionado também a pé de homem, ou a simplesmente o tamanho do pé, num sentido aumentativo, e que para deixar claro o significado desejado, houve a preferência por “sapatona”.

Até aqui percebemos que o discurso dos alunos é consoante com o pensamento de Roselli-Cruz (2011) sobre a agressividade do palavrão quando se refere à sexualidade do ofendido e/ou de sua família, em especial à mãe, e à homossexualidade. Desse modo, consideramos oportuno intervir e pontuar alguns aspectos relevantes sobre o preconceito, os estereótipos e a discriminação nas relações sociais, especialmente reforçando a percepção sobre a misoginia e a homofobia.

Apontamos no nosso discurso que para além da violência verbal e da polidez linguística, o discurso violento contraria a importância e a valorização da mulher nas relações sociais, sobretudo no papel da maternidade. Reforçamos também o respeito ao pai como a figura masculina a ser preservada e valorizada, sobretudo pelo ser humano culturalmente idealizado que representa na criação dos filhos. Independente da real situação, das diferentes relações familiares existentes, essas duas figuras merecem respeito, sobretudo por serem humanos, por ser gente.

No caminho desse pensamento e consoante com Roselli-Cruz (2011) quando trata da importância de se discutir o uso de palavrões por meio de ações efetivas, ressaltamos para os alunos o comportamento homofóbico no discurso. Mostramos que a homofobia se fortalece não só nas falas presentes nos relatos de conflito, como também no discurso deles sobre o campo semântico “homossexualidade”. Isso é percebido no comportamento linguístico crítico

e hostil, que alimenta a discriminação e a violência, com base na percepção de que todo tipo de orientação sexual não-heterossexual é negativa.

Comentamos ainda a explicitude dos atos sexuais presente nos palavrões dos relatos e nas explicações dos alunos, fundamentados em Foucault (1964, p.156) que “tudo não é dito nunca”, que era preciso uma reflexão sobre o contexto situacional de fala para que não incorressem em atos impolidos (CULPEPER, 1996). Falamos também que é necessário refletir sobre as adequações da linguagem ao ambiente, considerando o tabu linguístico de Guérios (1979) quando trata da “proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira” (GUÉRIOS, 1979, p.11).

Os alunos receberam positivamente todas as orientações e em resposta ilustraram com um caso recente de homofobia seguido de morte ocorrido em fevereiro de 2017, em Fortaleza. Citaram a travesti Dandara que foi espancada e assassinada por dois homens armados com paus, pedras e revólver, que a arrastaram pela rua, enquanto outro “filmava, xingava e relatava todos os detalhes do crime”. Consideramos importante essa associação, pois entendemos que os alunos foram capazes de relacionar a discussão à realidade das ruas da cidade.

c) Palavras que giram em torno do sexo

Para o campo semântico das “palavras que giram em torno do sexo”, os alunos elencaram como sendo palavrões as palavras e expressões “buceta”, “cara de buceta”, “cara de tabaco”, “chinin” como referentes ao órgão sexual feminino. Para o órgão sexual masculino citaram “pau” e “pau no cu”, além de “Gi – gigantesca cabeça da minha rola”. Curiosamente comentaram que as expressões “enfia no seu cu” e “enfia essa porra todinha no seu cu” eram palavrões masculinos “coisa de homem”, mas não souberam definir o porquê.

Os palavrões “carai”, “caralho” e “porra” foram classificados nesse campo semântico, mas os alunos não explicitaram uma definição clara sobre o significado. Apenas um aluno comentou que “caralho é pênis”, mas não tinha “muita certeza” desse significado. Nesse instante, notamos certo pudor na turma, e preferimos não seguir com a busca da definição, por motivos de restrições pedagógicas, para que não entendessem como uma atitude lasciva, que ferisse a moralidade.

Questionamos o porquê de essas palavras serem consideradas por eles como palavrões que giram em torno do sexo e eles responderam que era porque eram palavras feias. Comentamos então a definição de turpilóquios, proposta por Faggion (2009) sobre as escolhas

linguísticas depreciativas, com termos torpes, designando de modo mais desprestigiado socialmente com o objetivo ofender, sobretudo nas comparações “cara de”.

d) Animalização

As palavras e expressões que os alunos retiraram dos relatos como sendo palavrões pertencentes ao campo semântico “animalização” foram inicialmente “vaca” “cara de vaca” e “vi tua mãe no pasto”. Questionamos qual a relação que eles percebiam entre as pessoas nomeadas e esses palavrões, considerando o que tinham lido nos relatos de conflito. O palavrão “vaca” foi associado ao corpo feminino, como sendo “quem é gorda”. A associação também foi feita ao fato de “ter chifre”, “ser chifruda”, no sentido de ter sido traída pelo namorado.

“Cara de vaca” foi indicado pelos alunos como sendo uma comparação com a menina nomeada e a “cara gorda que ela tem”. A interpretação foi dada pelo contexto, e não pelos fatos, visto que não sabiam, pelo relato, quem era a pessoa. Comentaram que quem tem cara de vaca é porque parece com a “Rasputia”, personagem gorda do filme *Norbit* (2007)²⁹. A comparação pejorativa foi entendida por um aluno como sendo *bullying*. Aproveitamos para discutir rapidamente o tema fundamentados em Malta *et al.* (2010) frisando as brincadeiras que são ofensas camufladas.

Os alunos comentaram que o uso do palavrão “porca”, especificamente no relato 16 (R16), estava relacionado ao sentido de “imunda e sebosa”. Essa associação se liga ao comportamento de higiene pessoal da pessoa nomeada. Também apontaram que este palavrão pode significar “gorda”, sendo a relação estabelecida com o aspecto físico. Seguidamente, comentaram que “porcaria” tinha relação com porca, mas era também “uma coisa que não presta e tem que jogar no lixo”.

A capacidade intelectual ficou evidenciada no palavrão “égua”. Os alunos comentaram que “quando alguém tira a sua paciência porque não sabe de nada” eles chamam de “égua, burra e cavala”. Também é dito “quando a pessoa não presta”. A expressão “filho duma égua”, também presente nos relatos, é entendido pelos alunos como sendo uma pessoa sacana, que gosta de enganar os outros, estando relacionado à conduta moral do indivíduo.

A palavra “besta” foi caracterizada pelos alunos como sendo um palavrão porque ataca a autoestima da pessoa. Comentaram também que “besta é a mulher do cavalo”, associando a palavra diretamente à animalização da pessoa. Usaram também como sinônimo

²⁹ **Norbit - Uma Comédia de Peso.** Direção: Brian Robbins, Produção: Davis Entertainment e Tollin/Robbins Productions. EUA: Paramount Pictures, 2007.

as palavras “égua, jumenta e cavala”. Comentaram um traço significativo de afetividade “quando alguém diz que a outra pessoa é besta, é porque não gosta dela”, implicando assim num afastamento sócio afetivo do outro.

Os alunos definiram a palavra “galinha”, também elencada como palavrão nos relatos, como sendo “uma menina que fica com um menino e com outro”. Relacionaram o traço comum da ave, “não tem só um galo”, ao comportamento da nomeada. Acrescentaram ainda a expressão rimada, como sendo “galinha” a menina que é “o mesmo que corrimão, todo mundo passa a mão”. Também afirmaram que era “a mesma coisa de chamar a pessoa de rapariga”.

Questionamos como os alunos entendiam que os nomeados nos relatos se sentiram ao serem chamados de nomes de animais. Eles verbalizaram que “com certeza não gostaram” e que era “muito feio, uma falta de respeito, falta de educação porque a pessoa não é animal”. Justificaram que não eram “bicho”, que “não andavam de quatro nem tinham rabo ou as coisas que um animal tem”. Concluímos que a relação semântica estabelecida se deu somente no âmbito da estrutura física e comportamental, sendo desconsiderado o traço psicológico e cognitivo.

Diante dessa conclusão, finalizamos a análise desse campo semântico mostrando que a animalização do homem afasta os traços que o diferenciam do animal irracional. Ressaltamos que o homem tem inteligência e consciência que precisam ser valorizadas. Por isso, diante do contexto escolar, a linguagem utilizada e seu significado admite uma reflexão sobre o uso, tal como defende Orsi e Zavaglia (2012). Consequentemente, esse uso da linguagem de modo reflexivo nos torna mais humanizados e menos animalizados.

e) Antonomásia

Os alunos classificaram algumas palavras e expressões dos relatos como antonomásias, que eles entenderam como palavrões. Recuperamos a definição de antonomásia para que eles entendessem mais claramente e buscassem uma classificação adequada. A primeira ocorrência citada por eles foi “piranguera”, como sendo “a pessoa que rouba, fuma maconha, é malandra, que não faz nada na vida, que fuma cigarro, não trabalha, vive em gangue, pula catraca, não presta e é sem noção”.

A palavra “magricela”, no entendimento deles, é um palavrão porque nomeia, de forma pejorativa, “quando a pessoa é magra, é o pau e o osso, é só o esqueleto”. Uma aluna comentou que achava que “magricela”, ao contrário da classificação da maioria, “não é

palavrão e sim *bullying*, porque a pessoa é muito magra e os outros ficam frescando”. Diante desse impasse, comentamos, fundamentados em Sveinsdóttir (2010), que a escolha por chamar o outro por um nome que o caracterize de forma pejorativa pode ser entendida como um palavrão. Os alunos endossaram esse entendimento reforçando que o objetivo era mesmo ofender, dizendo que a pessoa do relato quis dizer que a nomeada era “só pau e o osso, seca”.

Os alunos, observando os relatos que escreveram e dos quais retiraram as palavras e expressões por eles consideradas como palavrões, entenderam como antonomásia a expressão “sem vergonha”. Julgaram que era ofensiva e também poderia ser considerada como palavrão por esse motivo. Explicitaram que “sem vergonha é quando a pessoa é gaiata, mala sem alça, gosta de se amostrar, descarada, gosta de se exhibir, pega as coisas dos outros e é safada”.

Apresentaram também a expressão “boca de prata” como sendo uma característica: “quando a pessoa é feia, bocão, usa aparelho”. No entendimento deles, a característica física fica evidente. A característica comportamental para esta expressão é “uma pessoa fofoqueira, que fala muito palavrão”. Um aluno entendeu que seria “alguém que fala de Deus porque prata é algo caro e precioso” e que nesse sentido não era palavrão, mas que não era o caso do significado expresso no relato.

Com essa ambivalência de significado, os alunos comentaram que, dependendo de quem fala, essa expressão admite um significado diferente. Um aluno disse que um primo dele, no Rio Grande do Norte, falou que “boca de prata é quem tem lábia pra ganhar dinheiro”, mas quando a pessoa é “pirangueteira a gente entende no sentido de que vai levar um tiro na boca porque mexeu com sua mulher ou com seu macho”. No caso dos relatos de conflito, explicitaram que, como quem falou era jovem, o sentido real mesmo era de quem usa aparelho ortodôntico na boca.

Outros palavrões elencados como antonomásias, mas brevemente definidos foram “ordinária” – “o mesmo que mal caráter”; “pivete” – “a pessoa que é mal tratada, moleque só vive na rua”; “cara de capim” – “quando a pessoa parece uma vaca”; “vadia” – o mesmo que prostituta; e “filho de vagabunda” – uma ofensa a mãe. Sobre esse último, comentaram que às vezes a me da pessoa nem é, mas a pessoa fica conhecida e chamada assim. Entendemos e comentamos com os alunos que, desse modo, seria considerado uma calúnia e uma difamação, crime contra a honra da pessoa nomeada.

A palavra “vagabunda” também foi considerada por eles como sendo um palavrão. O entendimento da antonomásia ficou claro quando eles expuseram que a justificativa para ser chamado de vagabundo era o fato da pessoa não fazer nada na vida,

embora pudesse não ser verdade, o que seria uma ofensa. Um aluno comentou que essa palavra era injusta porque “todo mundo faz alguma coisa, qualquer coisa”. Houve controvérsias, haja vista que outro aluno comentou que “tem gente que só faz dormir”.

Outra definição nesse sentido de antonomásia para a palavra “vagabunda”, dada por um aluno, causou polêmica: ele disse que “vagabunda” era o mesmo que “travesti”. Diante das contestações, intervimos questionando ao aluno o porquê dele entender a palavra neste sentido. A explicação foi contextualizada por uma experiência vivenciada pelo aluno, quando uma travesti foi assim nomeada por pessoas de seu convívio, que o caracterizaram por esse palavrão.

Diante dessa explicação, intervimos em dissociar a imagem pejorativa vinculada aos termos “travesti” e “vagabunda”. Comentamos que “travesti” é uma palavra que representa uma caracterização de gênero diferente da qual a pessoa nasceu. Relembramos que o comportamento de um “vagabundo(a)” pode ser entendido como quem não assume uma atividade laboral ou não tem uma conduta coerente com a lei. Como eles próprios caracterizaram, é uma conduta humana que independe do gênero: nem masculino, nem feminino, nem homossexual.

Buscamos alinhar nosso discurso com o que propôs Roselli-Cruz (2011), quando comenta que o uso de palavrões reflete homofobia e agressividade. Esse pesquisador mostra em seu trabalho que, diante desse fato, é necessária uma discussão linguística associada à educação sexual escolar e familiar, sobretudo quando se refere à homossexualidade. Concluímos nossa fala observando a necessidade da reflexão sobre o “uso instintivo da língua” (PINKER, 2008) em detrimento da percepção dos atos de fala embutidos de intolerância e preconceito.

f) Palavras que fazem referência à baixa capacidade intelectual das pessoas

Neste campo semântico, os alunos elencaram como presentes nos relatos de conflito as palavras “doido”, “louco”, “abestado”, “idiota”. Segundo os alunos, essas palavras têm significado semelhante, porém comentaram que “doido” significa aquela pessoa que “não entende nada ou não sabe fazer nada”. Outra definição para “doido”, que não estava nos relatos, foi “uma pessoa corajosa, que topa fazer tudo”, ou ainda “aquele que sai correndo pela rua”, como se não tivesse destino.

O nome próprio “Aderbal” também figurou nos relatos como tendo o sentido de “quem não tem muito juízo, não sabe fazer as coisas”. Questionamos qual a relação entre o

nome próprio e a intelectualidade da pessoa, mas eles não souberam responder. Disseram apenas que quando a pessoa é doida, eles chamam de “Aderbal” e que era um nome que ninguém queria ter porque “é feio, um palavrão”.

“Morena burra”, segundo os alunos, também é um palavrão. A expressão envolve além da característica física da pessoa, a sua intelectualidade. Eles comentaram que seria o mesmo que “loira burra”, uma mulher ignorante, “que não sabe nada e é uma prostituta que dá o cu para um bocado de macho”. Consideramos a caracterização forte e relembramos a discussão sobre a personalidade feminina, o respeito pela mulher e a sexualidade exposta nas expressões torpes, nos palavrões.

Sobre a capacidade intelectual das pessoas, questionamos aos alunos como eles se relacionavam com pessoas que eles percebiam que eram diferentes no sentido de compreender o mundo, as pessoas que eles tratavam por essas palavras que figuraram nos relatos. Usamos para nosso discurso palavras como tolerância e respeito, que, quando ausentes nos relacionamentos sociais, podem provocar problemas de baixa autoestima e sentimento de inferioridade na pessoa nomeada por um palavrão como estes.

Em resposta, os alunos explicitaram que “às vezes a pessoa nem é e a gente chama só porque fez uma besteira, por exemplo, esbarrou sem querer no outro no refeitório”. Referiram-se à situação presente em um dos relatos, quando um acidente foi motivo suficiente para o xingamento. Reconheceram que os fatos presentes nos relatos foram insuficientes para a provocação e que os palavrões utilizados forma demasiadamente agressivos em resposta a um acidente como o tal.

g) Desprezo

As palavras e expressões que semanticamente foram relacionadas ao campo “desprezo” foram consideradas pelos alunos como sendo uma falta de consideração pela pessoa. Notamos essa definição coerente com Sveinsdóttir (2010). A primeira expressão citada pelos alunos foi “cala a boca”. Eles consideraram como sendo “muito ruim dizer isso pra alguém, porque a pessoa quer falar algo”. Esse impedimento, segundo eles, é um desprezo pelo que o outro tem a dizer, é uma “falta de educação”.

Apesar dessa compreensão, os alunos perceberam que nos relatos em análise a expressão “cala a boca” foi utilizada como um impedimento a uma provocação com uso de palavrão. Nesse caso, “o cala a boca foi porque o aluno já tinha dito um palavrão”. No relato (R3), especificamente, “cala a boca, seu viado”, na visão dos alunos, se tornou mais

desprezível pela expressão “seu viado”. No relato (R5) ocorreu a intensificação do desprezo pelo acréscimo de “filho de rapariga”.

No relato (R10) os alunos apontaram que chamar de “porcaria, lombriga e infeliz” uma menina que é rival da outra por causa de namorado significa que a despreza totalmente, que a mesma é insignificante. O motivo do desprezo também foi apontado como sendo “inveja ou despeita com a menina que queria o namorado dela”. Esse mesmo motivo foi percebido pelos alunos no relato (R11), quando uma aluna diz a expressão “cria vergonha nisso que tu chama de cara”.

A conclusão que os alunos atingiram desse campo semântico foi bem significativa: eles comentaram que “o desprezo pela pessoa fica expresso em quase todos os palavrões”. Nesse sentido, entendemos que este campo semântico elencado por Sveinsdóttir (2010), na visão dos alunos, teria um entendimento mais amplo, sendo possível imbricar outros campos semânticos mais específicos dentro do conceito de “desprezo”.

h) Funções físicas e escatológicas

As funções físicas e escatológicas não figuraram de modo significativo nos relatos de conflito produzidos pelos alunos. Esse campo semântico foi apontado pelos alunos em apenas dois relatos e duas ocorrências: “vai pra merda” foi entendido pelos alunos como ir a um lugar indefinido, “que não existe”. Mas que esse lugar não era bom e era tão ruim “como merda”. Comentaram também a expressão “da tua boca só sai merda” presente no relato (R36) como sendo “que a pessoa não fala nada que preste”.

A comparação feita pelos alunos admitiu um significado diferente da função escatológica, definida em Sveinsdóttir (2010), sendo relevante apenas o traço negativo de “merda” associado ao afastamento do outro. Apresentamos esse aspecto aos alunos e eles comentaram que deveriam entender o significado como sendo “quando a gente fala a palavra merda ao invés de fezes”, quando se referiam “às fezes mesmo, num sentido real e não figurado”. Desse modo concluíram que iriam classificar como função escatológica, mas que podia ser entendida também no campo semântico do desprezo.

i) Diminutivos e aumentativos

A única palavra que os alunos elencaram nesse campo semântico como palavrão foi “cuzão”. Diante do contexto do relato, a realização dessa palavra no relato (R28) aproximada de outros palavrões como “gay” e “pau no cu”, denota que o aumentativo

significa homossexualidade. Desse modo, os alunos entenderam que o aumentativo faz com que o palavrão adquira outro significado. Essa conclusão foi coerente com o que defende Sveinsdóttir (2010).

Finalizamos esse momento de discussão e interpretação dos campos semânticos. Passamos agora para a análise das consequências do uso dos palavrões nos relatos de conflito, em que consideraremos, juntamente com os alunos, os resultados das atitudes impolidas apresentadas por eles neste trabalho de intervenção.

3.3 ANÁLISE DA (IM)POLIDEZ E SUAS IMPLICAÇÕES NOS CONFLITOS COM USO DE PALAVRÕES

Nesta seção, apresentaremos o resultado da discussão realizada juntamente com os alunos sobre a presença de polidez e impolidez nos relatos de conflitos com uso de palavrões. Essa atividade possibilitou que os alunos refletissem sobre os atos de fala e associassem a relação de movimento entre as causas e consequências decorrentes do uso da linguagem torpe.

Na primeira subseção, apresentaremos as análises realizadas sobre a presença de polidez e impolidez nos relatos de conflito com uso de palavrões que os alunos apresentaram. Na segunda subseção, buscamos analisar juntamente com eles quais implicações decorreram dos conflitos apresentados nos relatos. Na terceira subseção, os alunos apresentaram estratégias hipotéticas de preservação de faces que julgaram oportunas para minimizar as consequências desarmoniosas ou violentas.

3.3.1 A (im)polidez nos conflitos

Nesta atividade buscamos discutir didaticamente alguns conceitos de polidez e impolidez linguística, embasados na nossa fundamentação teórica. Os alunos apontaram excertos dos relatos que consideraram como evidências de polidez ou de impolidez no discurso dos interlocutores, o que direcionou nossa discussão sobre as características desses eventos polidos ou impolidos.

R1: [...] Estavam discutindo quando uma das alunas ofendeu a mãe da outra chamando de filha de rapariga [...]
--

No relato (R1), no trecho apontado pelos alunos para a análise, discutimos com os alunos que a presença de uma ofensa verbal foi resultante de um conflito já estabelecido. Mostramos aos alunos que o ato de fala poderia ser interpretado como um evento impolido por, além de apresentar o uso de palavras com o objetivo claro de ofensa, pode-se perceber a intenção de insultar ou desrespeitar o interlocutor (CULPEPER, 1996).

R2: [...] uma vez eu estava brincando de bater nos outro e um garoto não gostou e então o garoto falou: - Se faz de doido, seu viado? [...]

Sobre o excerto do segundo relato (R2), comentamos que o trecho “se faz de doido, seu viado”, entendido pelos alunos como uma pergunta, pode ser considerado como um ato de ameaça à face negativa do interlocutor (BRONW; LEVINSON, 1987) por se tratar de uma pergunta direta, sem demonstrar cortesia. A ausência da cortesia também se percebe no uso do vocabulário torpe para demonstrar a insatisfação do garoto com a brincadeira.

R3: [...] O Kevin falou uma palavra que era filho da puta, Victo ficou zangado e falou vai para a puta que te pariu, seu viado [...]

No terceiro relato (R3), os alunos interpretaram que o interlocutor nomeado neste relato como “Victo” teve a intenção de ofender o interlocutor “Kevin”. Desse modo, explicamos que o sentimento “ficou zangado” foi externalizado com um ato *on-record*, sem atenuantes (BRONW; LEVINSON, 1987). Isto é notório quando o interlocutor “zangado” teve, por esse sentimento, a intenção de cometer a ameaça ao outro com o uso de palavras.

R4: [...] eu estava com uma garrafa de aula, eu bebi e sem querer quando eu fui guardá-la eu derrubei e a bolsa do meu colega molhou toda. Aí ele disse: Tá louco? “Filho da Puta”. E eu pedi desculpas e expliquei porque a garrafa tinha caído ele ficou com mais raiva ele veio pra cima de mim [...]

Em Bronw e Levinson (1987), temos como estratégia de polidez negativa o respeito pelo território do ouvinte. No relato, o pedido de desculpas por parte do interlocutor, mesmo já tendo sido ofendido, mostra o respeito pelo outro, como expõem esses autores nas estratégias de polidez. Os alunos interpretaram a “falta de educação” do interlocutor que

xingou e não aceitou as desculpas como sendo indícios de uma pessoa “impolida” que “não tem polidez”.

Com essa reflexão, lembramos a definição de Culpeper (1996) e mostramos aos alunos que os atos impolidos visam ofender e alimentar o conflito. Contrárias à valorização da face dos envolvidos, essas atitudes buscam ameaçar. Especificamente nesse relato, é possível verificar que não só o uso de palavrões, como a atitude grosseira de agredir fisicamente o outro, são fatos claramente inaceitáveis, sobretudo no contexto escolar.

R5: [...] toque de encerramento do recreio tinha um menino chamado Adison aí pegou a bolsa do menino chamado Talison e daí chegou na sala o Talison e daí chegou na sala o Talison e ele não encontrou a sua bolsa no seu devido lugar. Ele perguntou a onde estava a bolsa dele outro menino falou cala a boca filho de rapariga

Os alunos comentaram que no relato (R5) a mentira foi descoberta pela atitude de rir após a resposta dada. Isso negaria a afirmação de “não vi a bolsa”. Esse fato (a mentira) causou a reação impolida do aluno que xingou o outro e iniciou as ofensas com uso de palavrões. Comentamos com os alunos que a motivação para o ato impolido desse interlocutor era validado diante da situação de insatisfação com a mentira e o sumiço de suas coisas e lembramos que Culpeper (1996) comenta ser a impolidez inerente às interações.

Diante dessa justificativa para o ato de fala impolido, provocamos os alunos de modo que refletissem sobre qual seria uma estratégia linguística possível para amenizar o conflito estabelecido. Dissemos a eles que um uso racional da linguagem seria um trabalho de manutenção de faces, para que se preservassem. Portanto, a busca racional de uma estratégia de polidez no ambiente da escola é sempre necessária para mitigar os efeitos da impolidez no discurso.

R6: Eu e minha amiga estava conversando sobre o menino lindo nós gostava muito dele eu disse que ele gostava de mim. Ela disse não, ele gosta de uma sapatão? – É melhor ser sapatão que morena burra. Mulher, tu me respeita que eu não sou como tu, pirangueira [...]

A disputa amorosa pelo mesmo “menino” provocou, segundo os alunos, o conflito entre as meninas. A troca de ofensas com palavrões culminou numa comparação “tu me respeita que eu não sou como tu, pirangueira”. Mostramos aos alunos que esse trecho revela uma crença avaliativa negativa sobre a interlocutora e que isto era indício de impolidez

(CULPEPER, 2011). Nesse contexto situacional, embora fossem “amigas”, para desvalorizar a face da outra foram expostos nos palavrões traços negativos de caracterização pessoal.

Sobre a veracidade desses traços, os alunos comentaram que seria difícil entender se as afirmações feitas por meio dos palavrões eram verdadeiras ou falsas, se eram difamações ou não. Isto porque como eram amigas, se conheciam bem e que nesse conflito elas revelaram uma à outra. No entanto, confirmaram que essas expressões claramente atacam a “imagem” de ambas, na visão de um possível expectador que visualizasse essa discussão: “alguém pode pensar que nenhuma das duas presta”. Como foi o caso do julgamento que eles próprios fizeram nessa análise, de que as interlocutoras eram “duas quengas brigando por macho”.

R7: [...] Cheguei na escola alei como Marcos gay e falei “Fala aí arrombado” ele me falou “Diz pau no cu” aí depois foi pra sala [...]

Nesse excerto do relato (R7), os alunos comentaram que o trecho “fala aí arrombado” tratava-se de um cumprimento comum entre os meninos. No entanto, comentaram imediatamente a inadequação dessa fala, visto que “outro poderia não gostar”, isto porque “poderia não estar num dia bom”. Associamos o comentário feito por eles à impolidez simulada (CULPEPER, 2011) sendo um ato que é feito em forma de brincadeira, mas que cuja ofensa pode estar implícita, visto que o interlocutor pode interpretar ao seu modo.

R8: [...] deu um murro nas costa da outra e ele não gostou e começaram a brigar e teve uma hora que a outra disse que era muito melhor e que manou a outra tomar no cu

Nesse excerto os alunos destacaram o trecho “a outra disse que era muito melhor” como um ato de fala de valorização de face da locutora e desvalorização da face da interlocutora: “ela se valoriza e desvaloriza a outra”, “diz que é melhor que a outra”. Os alunos lembraram o excerto do relato (R6), em que também poderíamos perceber este efeito na comparação “eu não sou como tu, pirangueira”. No entendimento deles, “se não é como a outra, ‘pirangueira’, é melhor que ela”.

Considerando as máximas conversacionais de Leech (1983), esse ato de fala contraria a máxima da modéstia prevista para a polidez, que pressupõe que se deve minimizar a expressão de elogio para si próprio; bem como a máxima da aprovação, que pressupõe que se deve minimizar a expressão de crenças que expressem desaprovação do outro. Dizer que é

melhor, nesses dois relatos, já configura, portanto, ausência de polidez. Já a impolidez fica marcada diretamente, com o ataque a face da interlocutora (CULPEPER, 1996), em ambos os excertos.

R9: [...] quando passei por lá, alguém colocou o pé fazendo eu tropeçar em cima das pernas da menina que estava sentada no chão, logicamente eu pedi desculpas e ela me respondeu assim: “Não quero saber de conversa não, porra”! Novamente pedi desculpas e continuei correndo. [...]

Nessa situação apresentada, no excerto do relato (R9), os alunos comentaram que mesmo sem ter culpa de tropeçar nas pernas da menina que estava sentada no chão a locutora ainda foi pedir desculpas. Nitidamente indignados com o fato exposto, os alunos declararam que “foi humilhante porque nem tinha culpa e ainda levou um nome e um desaforo”. Mostramos que realmente esse ato de fala se configurou numa ameaça à face dessa locutora porque representou uma auto-humilhação (BROWN; LEVINSON, 1987).

No entanto, questionamos como interpretavam o segundo pedido de desculpas seguido de “continuei correndo”. Eles entenderam que a locutora não se importou com o palavrão e nem com a falta de educação da interlocutora e continuou a brincadeira de correr. Isso mostrou que o pedido de desculpa teve uma força locucionária que apoiou a polidez, visto que trouxe um benefício para o interlocutor, que não foi hostilmente revidado pela locutora; e um custo para o locutor, que aceitou o palavrão e a provocação a si dirigidos (LEECH, 1983).

R10: [...] na hora do recreio nós ficamos a ter uma briguinha besta, que um queria namorar, outra também, aí ficou chamando de puta, porcária, lombriga e infeliz [...]

Mais uma vez foi possível perceber a disputa por causa de namoro como sendo motivo para o conflito com uso de palavrões. Os alunos apontaram que se tratava de “mais uma briga por causa de macho”. Comentamos com eles que, quando o objetivo da interlocução é competitivo, é natural que se perceba atos essencialmente descorteses (LEECH, 1983). Pedimos que eles percebessem o grau de seriedade das ofensas dirigidas na interlocução considerada como uma “briguinha” e tentassem refletir sobre o quão desagradável ou sério se poderia interpretar o ataque à face.

Nessa perspectiva, mais uma vez retomamos a discussão sobre a ofensa verbal como passível de punição em determinados contextos situacionais, principalmente na escola, onde as regras de convivência são estabelecidas de modo que o convívio seja harmonioso. Eles reforçaram que uma situação como essa apresentada traz consequências negativas como até a suspensão das alunas e o “pai ou mãe ter que vir na escola por causa de uma falta de educação”.

R11: [...] mulher por que tu anda falando de mim rapariga cria vergonha nisso que tu chama de cara vagabunda sem vergonha.

Nesse excerto, os alunos apontaram que a locutora – que questiona o porquê de a interlocutora estar falando dela – claramente se propõe a maximizar a situação de conflito. O uso dos palavrões “rapariga” e “vagabunda” são fortes comprovações de que “ela queria logo era brigar”. Endossando o posicionamento dos alunos, apresentamos que os atos de conflito (LEECH, 1983) são contrários à manutenção da harmonia entre os interlocutores, como se percebe neste relato (R11), aumentando a distância e abalando o relacionamento entre eles.

R12: Eu tava no intervalo e veio uma menina e chamou a outra menina de rapariga aí a menina que foi chamada também chamou a menina de palavrão só que foi de Puta e de Quenga de trinta macho aí as duas meninas começaram a rir. Tocou para entrar na sala aí essas meninas começaram a se esculhambar aí [as] meninas começaram a rir. Elas acha isso lindo [...]

Nesse excerto (R12) os alunos entenderam que o uso de palavrões se configurou como um recurso de proximidade, com a intenção de provocar riso. Afirmaram que era “só brincadeira, pra rir” e percebemos que essa observação é coerente com o que defende Dal Corno (2011). Comentamos que a existência da intimidade entre as interlocutoras de fato minimiza a ameaça à face, como sugerem Brow e Levinson (1987). Acrescentamos ainda que as interações realizadas entre pessoas próximas podem ser marcadas inclusive pela impolidez como estratégia de engajamento e aproximação (CULPEPER, 1996).

No entanto, advertimos que, fundamentados em como explicita Culpeper (1996), essa falsa impolidez, marcada pela brincadeira cujo sentido se mantém na superfície, sem intenção de ofender, pode ser quebrada por uma interpretação adversa do que pressupõe o locutor. Para tanto, basta que o interlocutor entenda o uso dos palavrões não com o intuito de

brincadeira, mas como uma ofensa. Isto foi percebido pelos alunos no trecho que a narradora comenta “elas acha isso lindo”.

R13: quando a Mariana puxou o meu pé eu dei dois chute nela porque ela estava puxando o meu pé e estava sujando a minha blusa e quando eu mim levantei ela começou a mim chamar de Filha da Puta muitas vezes e eu comecei a bater nela a dar voadora [...]

No relato desse excerto (R13), os alunos apontaram que a ação de puxar o pé da interlocutora para que a locutora se posicionasse em desvantagem num treino de jiu-jitsu foi motivo bastante para incitar um conflito agressivo. O fato de a locutora ter a blusa sujada também incitou a agressão física. Na ação verbal, o xingamento de “filha da puta” agravou a situação. Assim como no relato (R11), os alunos entenderam que a briga com consequências físicas foi resultante do afastamento provocado por um ato de conflito (LEECH, 1983).

R14: [...] na escola e mi se deparei com essa duas pessoa eles estava chimgando a mãe de cada um chamando de filho da puta filho de rapariga [...]

Os alunos apontaram que nesse excerto ficou evidenciada a provocação num grau de ofensa considerado por eles como intolerável, que é caracterizado pela ofensa à mãe. Isto já havia sido comentado nas análises sobre os campos semânticos dos palavrões, quando os alunos revelaram que a ofensa à mãe é um ato de extrema gravidade. Foi retomada essa discussão e comentamos que, como afirma Culpeper (1996), os atos impolidos, de fato, provocam desarmonia social, dado o elevado grau de negatividade presente no discurso.

R15: Um dia eu cheguei na sala de aula depois do recreio e dois meninos estavam brigando por causa que um mandou o outro calar a boca e ele mandou o menino ir tomar no cu [...]

A atitude impolida retratada no excerto (R15) é refletida no discurso dos interlocutores por meio das trocas de palavrões. Os alunos mostraram que quando alguém é xingado, naturalmente reage com outro xingamento: “é no impulso”. Mostramos que nesses casos de tensão comunicativa, não há uma atitude reflexiva no discurso, por isso a resposta impulsiva agrava o conflito. Essa falta de deferência traz prejuízo para ambas as partes, mostrando uma falta de civilidade revelada não só na agressão física, como na impolidez do discurso.

R16: [...] meninas brincando e aí eu ouvi a menina falando assim sua rapariga sua porca sua égua e a outra menina que estava ouvindo aquilo e falou a sim é a sua mãe e a sua vó e é você sua quenga sua prostituta e elas começaram a brigar [...]

Contrariamente ao que é percebido nas brincadeiras envolvendo o uso de palavrões nos relatos anteriores (R7) e (R12), a brincadeira nesse relato se desdobrou num conflito. O que defende Cupelper (2011) é válido quando notamos que a impolidez foi estabelecida quando o interlocutor percebe um ataque intencional a face. No caso desse excerto (R16), num contexto em que as interlocutoras estavam brincando, algum fato pode ter gerado a desarmonia.

Os alunos perceberam que nesse relato há uma omissão de informações importantes ao julgarem que “alguma coisa ela fez para ser xingada”. Apesar disso, comentaram que “não precisava resolver desse jeito, com tanto palavrão, porque fica feio pra duas”. Essa conclusão nos mostrou a percepção por parte dos alunos da preservação da face, da autoimagem pública (GOFFMAN, 1967) e ameaça a face do outro (BROWN; LEVINSON, 1987).

R17: [...] da sala e entrei eu sentei e eu tava comendo bom-bom aí um menino chegou e pediu um bom-bom aí eu disse dou nada aí o menino falou enfia essa porra todinha no teu cu [...]

Os alunos apontaram, nesse relato (R17), que a resposta ao pedido do bombom foi desproporcional à pergunta. Comentaram que poderia ter sido inventada uma desculpa para evitar o mal-estar provocado pela negação. Nesse caso, comentamos com os alunos que a “mentira branca” além de proteger as faces de ambos os interlocutores, minimiza os efeitos do conflito. Explicitamos que a resposta entendida pelos alunos como grosseira, “dou nada”, rompeu com o equilíbrio preexistente e gerou essa situação de conflito, como atesta Goffman (1970).

R18: Um belo dia cheguei na escola 1h da tarde, mal cheguei a menina disse – isso é hora de chegar rapariga, e eu – virou minha mãe quenga e passei por ela sorrindo ela – mulher tu pensa que é quem pra me chamar de quenga e eu – e tu pensa que é quem pra me chamar de

rapariga, ela respondeu a popular do colégio e a R.D. da Favela [...]

Neste excerto (R18), os alunos comentaram que o rompimento do equilíbrio preexistente (GOFFMAN, 1970), no horário da entrada dos alunos, se realizou na pergunta feita seguida do palavrão. Elencaram como ameaças a face (BROWN; LEVINSON, 1987) dois aspectos: primeiro o questionamento sobre o horário de chegada; segundo o uso do palavrão como vocativo. O ato de ameaça à face também foi observado na resposta grosseira interpretada por eles em forma de pergunta “virou minha mãe, quenga?”.

R19: Certo dia na sala de aula duas meninas estava discutindo na sala de aula uma menina estava chamando a outra de rapariga filha da puta mais a outra menina não gostou a outra menina então elas começaram a chinga a outra de baitola rapariga pau no cu [...]

No excerto (R19), os alunos comentaram que a troca de palavrões entre as alunas numa discussão dentro da sala de aula era uma situação absurda. Retomaram espontaneamente a ideia de que os atos impolidos provocam desarmonia social (CULPEPER, 1996), explicitando que a “provocação com uso de palavrões só traz problema”. Os alunos ainda reforçaram a intencionalidade da ameaça à face, quando julgaram que os palavrões usados tinham mesmo a intenção de ofender as interlocutoras.

R20: [...] tava sentado perto do banheiro aí passo umas mininas chamando eu e as minhas amigas de (Rapariga indo) em direção ao banheiro, aí quando elas estavam dentro do banheiro eu e as minhas amigas ficamos chamando elas de galinha aí quando elas saíram do banheiro elas vinheram pra cima [...]

Sobre este excerto os alunos comentaram que se repete a provocação intencional com ameaça à face, quando, sem justificativa aparente, “essas meninas passam xingando”. Comentaram sobre a injustiça que existe dentro da escola quando “quem começa a implicar e esculhambar não é punido e por isso quem foi insultado vai lá e desconta, parte pra briga”. Comentamos com os alunos sobre a importância da manutenção das faces dos envolvidos no discurso, da preocupação com a autoimagem e a imagem do outro para a manutenção da harmonia, sobretudo dentro da escola, quando os objetivos de estadia são bem delimitados.

Após a análise do excerto (R20), passamos a discutir com os alunos sobre quais as principais consequências observadas por eles nos relatos dos conflitos com uso de palavrões.

A seguir apresentaremos quais as observações que os alunos fizeram sobre essas consequências.

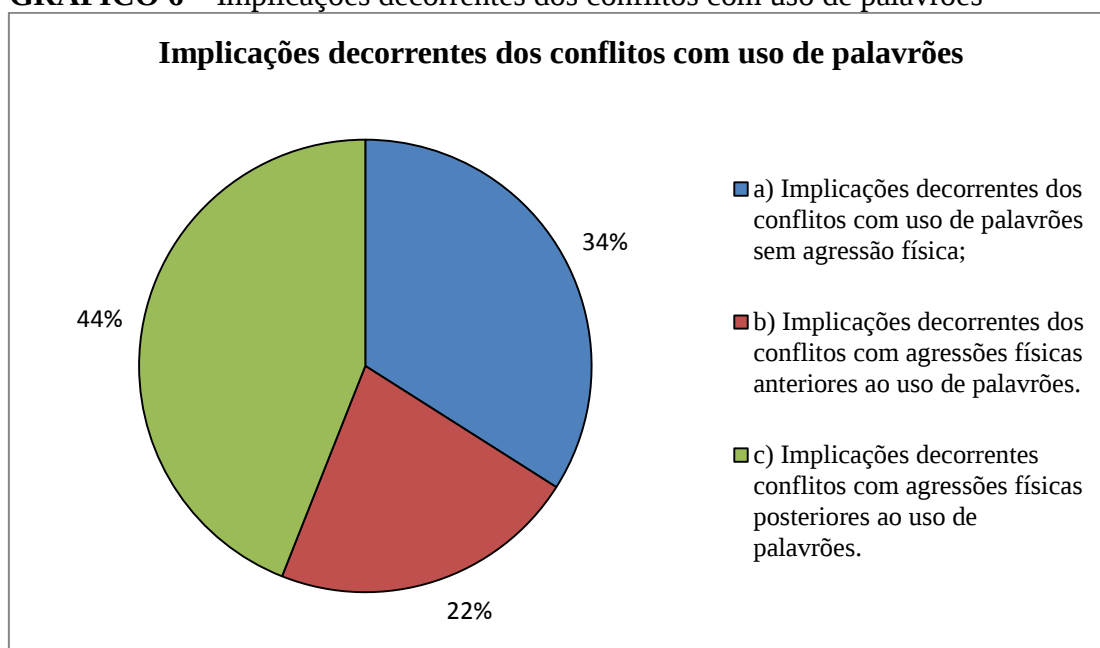
3.3.2 Implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões

Os alunos observaram e elencaram, sob nossa orientação, as principais implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões. Partimos do pressuposto que o uso da linguagem torpe é um traço de impolidez nestes conflitos, considerando o que foi discutido sobre os campos semânticos dos palavrões. Considerando a discussão realizada em sala juntamente com as duas turmas, segmentamos estas implicações presentes nos relatos em três aspectos que consideramos pertinentes:

- a) Implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões sem agressão física;
- b) Implicações decorrentes dos conflitos com agressões físicas anteriores ao uso de palavrões.
- c) Implicações decorrentes dos conflitos com agressão física posteriores ao uso de palavrões.

Percentualmente, essas implicações se distribuíram de acordo com o gráfico a seguir:

GRÁFICO 6 – Implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões



Fonte: elaborado pela pesquisadora

Considerando a perspectiva de Culpeper (1996), destacamos para os alunos que as ameaças à face podem ser consideradas menos ou mais sérias, como quando uma ação é considerada apenas desagradável, como uma gafe verbal, ou quando se pode perceber a intenção de insultar ou desrespeitar o interlocutor. No caso dos conflitos que envolviam agressões físicas, os alunos elencaram quais os tipos de agressões expostas nos relatos, de modo que avaliassem quais as gravidades dessas ações percebidas nos conflitos.

Reforçamos ainda o posicionamento de Michaud (1989) que apresenta a violência como sendo atos “através dos quais se exprimem a agressividade e a brutalidade do homem, dirigidas contra seus semelhantes e causando-lhes lesões ou traumatismos mais ou menos graves”. Isto foi necessário para que os alunos percebessem a relação de proximidade ou de afastamento entre atos impolidos e atos violentos, de modo que pudessem tecer suas considerações e participar efetivamente das discussões.

a) Implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões sem agressão física;

Neste grupo de relatos, os alunos comentaram que, embora não tivesse agressão física, o uso de palavrões com o propósito de humilhar o outro tornou o conflito também agressivo, sobretudo se entenderem que o xingamento é uma agressão verbal.

Relato	Implicações
R6	As meninas participantes do conflito se tornaram inimigas.
R12	- As meninas participantes do conflito provocaram riso na sala de aula; - Fizeram um papel feio, expresso em “Elas acham isso lindo”.
R17	Os alunos envolvidos no conflito foram tirados de sala.
R18	Houve uma ameaça de briga de gangues.
R19	Foram para a diretoria e se caso brigassem de novo iam ficar sem recreio e seria suspensas.
R22	Apesar de o professor pedir para que eles se desculpassem, os participantes do conflito não atenderam e foram encaminhados para a diretoria. Ficaram suspensos por uma semana, mas quando voltaram já estavam amigos.

R23	• As participantes do conflito foram advertidas por uma amiga que não era dessa forma que se revolviam os problemas; • Uma interlocutora gritou ameaçando a outra para que saísse dali para que não ficasse com olho roxo.
R25	• A interlocutora que proferia os palavrões foi repreendida pela sua amiga que repetiu os palavrões ditos por ela na escola.
R26	• Diante da ameaça as garotas participantes do conflito foram contidas e levadas para a diretoria.
R29	• As interlocutoras ficaram uma semana sem se falar até que a provocadora do conflito pediu desculpas e ficou tudo acertado entre elas.
R34	• O ofendido pelos palavrões teve que pedir para conversar e para que o agressor não esculhambasse sua mãe porque ele não estava fazendo isso e é muito feio brigar e esculhambar a mãe dos outros.
R36	• A interlocutora xingada e importunada sai de perto da que ofendeu primeiro, reúne-se com outras garotas que não gostam da ofensora e passa a discutir usando também palavrões.
R38	• Durante a discussão com uso de palavrões, um aluno ameaçou de bater no outro.
R39	• As envolvidas no conflito não são mais amigas e até hoje não se falam mais.
R41	• Diante de um incidente [tropeço], as alunas ficaram se xingando.
R44	• Apesar de a provocadora ter justificado que o uso de palavrões era brincadeira, a provocada não acreditou e ambas foram encaminhadas para a supervisão.
R48	• Depois do conflito com xingamento, as interlocutoras passaram semanas sem se falar; • Depois de um pedido de desculpas, as interlocutoras passaram a se falar e agora são melhores amigas.

As principais considerações que fizeram sobre as implicações desse tipo deste grupo de conflito foram associadas às inimizades criadas, mesmo que temporárias, e terem “perdido aula por causa de besteira”. Também acrescentaram que quando os alunos são

suspensos da escola, muitas vezes as mães ou os pais têm que faltar o trabalho para ir falar com a diretora.

b) Implicações decorrentes dos conflitos com agressões físicas anteriores ao uso de palavrões.

Neste grupo de relatos, os alunos comentaram que as agressões físicas provocaram o uso de palavrões pelos participantes do conflito. Acrescentaram que, nestes casos, os palavrões intensificaram a violência, piorando a situação.

Relato	Tipo de agressão física	Implicações
R2	Pancadas	O interlocutor que iniciou o conflito foi suspenso das aulas.
R3	Empurrões	Um dos participantes do conflito saiu chorando.
R8	Murro nas costas	A briga terminou espontaneamente depois de uma ter xingado a outra.
R9	Botar a perna para derrubar a outra	A interlocutora que foi vítima de agressão física, pediu desculpas por ter tropeçado em cima das pernas de outra menina, mesmo assim foi xingada. Pediu desculpas outra vez.
R13	Chute Murro	- A supervisora foi informada do ocorrido por meio da agressora e conversou com as meninas. - A menina que apanhou ficou com medo da agressora.
R24	Empurrões	Depois de ter levado um empurrão, quase ia tacando a cara no chão, a amiga ter lhe segurou e ela falou palavrão.
R27	Esbarrão	Diante do incidente [esbarrão], a menina xingou o menino que bateu de frente com ela.

R32	Colocar a perna para provocar a queda do outro	O professor reclamou dos dois participantes do conflito e mesmo assim eles fizeram tudo de novo.
R33	Pancadas	Os alunos fizeram um círculo para a participantes do conflito brigarem dentro.
R37	Empurrões	A menina empurrada caiu e passou a xingar e também foi xingada.
R43	Empurrões	Após brigarem e se xingarem, os meninos envolvidos nos conflitos forma para a diretoria.

Embora tivessem justificado o uso dos palavrões nesses conflitos com agressão física, alguns alunos reforçaram que esse tipo de violência precisa ser combatido na escola, que os alunos não podiam “se comportar como animais” e que o certo seria diminuir o problema. Por outro lado, ouvimos alunos que defenderam que o “certo mesmo não era esculhambar e sim matar quem viesse pra cima”, apresentando marcas de violência no discurso descompassadas com o propósito do nosso trabalho.

c) Implicações decorrentes dos conflitos com agressão física posteriores ao uso de palavrões.

Neste grupo de relatos, foi possível verificar, juntamente com os alunos, que o uso de palavrões ora provocou, ora intensificou o conflito, ao ponto de as agressões físicas serem realizadas. Nesses relatos, os alunos apontaram que as implicações poderiam ser abrandadas caso a linguagem tivesse sido melhor utilizada.

Relato	Tipo de agressão	Implicações
R1	Puxão de cabelo	- As alunas envolvidas no conflito foram tiradas de sala de aula para a sala da coordenação; - As alunas envolvidas no conflito voltaram para a sala de aula e continuaram a brigar (indício, segundo eles, de que não foi tomada nenhuma medida eficaz); - Os colegas incentivaram o conflito; - As mães, quando chamadas à escola, também brigaram

		verbalmente; • A menina que levou o puxão de cabelo foi transferida para outra escola.
R4	Empurrões	• Mesmo pedindo desculpas pelo incidente, o aluno agressor não as aceitou e agrediu o outro fisicamente; • A professora tirou o aluno agressor da sala; • A briga continuou na saída da escola.
R5	Murros Empurrões	• Os dois alunos envolvidos no conflito foram suspensos.
R7	Queda na areia	• Um aluno que não estava na brincadeira foi derrubado na areia.
R10	Briga	• Uma ficou xingando a outra e ficou por isso mesmo.
R11	Tapa na cara	• Uma das meninas saiu chorando muito e machucada; • As alunas envolvidas no conflito foram levadas para o supervisor; • As alunas foram detidas [suspensas] por cinco dias e só voltavam no 6º [dia] com a mãe; • As alunas ficaram sem saber o que fazer; • A menina que apanhou teve que sair mais cedo porque estava com medo de apanhar lá fora de novo; • A menina que apanhou levou outra pisa da sua mãe.
R14	Atracaram-se	• A diretora precisou separar as alunas; • Foram suspensas por 6 dias.
R15	Pancadas	• Os alunos participantes do conflito só pararam a briga quando o professor chegou; • No dia seguinte, os mesmos alunos já estavam jogando bola.
R16	Pancadas	• O conflito se estendeu no dia seguinte para uma terceira menina que as duas primeiras acreditavam que tinha filmado a briga; • Uma amiga das duas que estavam brigando filmou e botou a briga na Internet;

		• Até quem não tinha a ver com o conflito se envolveu e falou palavrão.
R20	Pancadas	• As ofendidas foram para a coordenação e as provocadoras levaram “uma correção” da coordenadora.
R21	Puxão de cabelo	• A diretora veio e separou a briga das duas garotas; • A diretora as suspendeu da aula por uma semana.
R28	Pancadas	• A coordenadora foi chamada; • Os dois alunos que estavam brigando levaram suspensão; • Um dos alunos ficou com olho roxo.
R30	Tapa na cara	• A agredida pediu desculpas, mas a agressora não aceitou e a xingou mais ainda.
R31	Murro	• O aluno agredido desmaiou; • As mães brigaram também de porrada e ficaram intrigadas por um bom tempo.
R35	Murro	• Foi preciso uma terceira menina chegar e confessar que tinha causado a confusão porque tinha inveja das meninas que estavam brigando; • As meninas que estavam brigando pediram desculpa uma para a outra e fizeram as pazes.
R40	Pancadas	• As meninas que estavam envolvidas no conflito acabaram brigando.
R42	Puxão de cabelo	• Houve uma ameaça de morte; • Uma das envolvidas no conflito ficou sangrando.
R45	Tapa na cara	• A duas alunas envolvidas no conflito foram suspensas das aulas.
R46	Pancadas	• A turma começou a gritar na sala.
R47	Pancadas	• O aluno que jogou a bola pediu desculpas, mas não foram aceitas; • O aluno envolvido no conflito que levou a bolada agrediu o outro no dia seguinte;

		No dia seguinte, ainda continuou a discussão e os xingamentos.
R49	Pancadas	- As duas envolvidas no conflito foram para a coordenação; - As envolvidas no conflito foram consideradas pela narradora como erradas porque uma esculhambou e a outra bateu.
R50	Murro na cara	- Um dos meninos envolvidos na briga ficou com o olho roxo; - Alguém filmou a agressão e o vídeo foi para o Facebook. - A mãe do menino que ficou com o olho roxo foi na sala de aula e fez o maior barraco.

Nestes relatos, os aspectos que os alunos consideram mais graves foram os transtornos causados dentro da escola, bem como a desordem criada no ambiente. Sobre a gravidade das agressões, comentaram que, em alguns relatos, os alunos tem ficado com olho roxo era muito sério e que “se fossem adultos teriam sido presos”. Isso mostra a conscientização sobre as punições pelas agressões físicas. Reforçaram ainda que o afastamento temporário da escola não era positivo, pois não tinham como “aprender os conteúdos sem estar na aula”.

A seguir, passaremos às análises de como seria possível minimizar os conflitos estabelecidos no ambiente escolar, considerando a opinião dos alunos durante as discussões sobre as implicações dos conflitos e a (im)polidez linguística.

3.3.3 Estratégias de mitigação de conflitos com uso de palavras na escola

Com o objetivo de finalizar nossa análise, perguntamos aos alunos de que modo seria possível mitigar os conflitos estabelecidos no ambiente escolar, tais como os apresentados nos relatos. As respostas foram elencadas a seguir, seguidas de análise de aspectos de (im)polidez observadas nessas estratégias tanto pelos alunos como pela professora.

a) Estratégias elaboradas pela turma A.

Estratégia A1: *“Não começando [o conflito] ou ignorando a pessoa que quer começar, porque você xinga e quer respeito.”*

Os alunos reconhecem que a preservação da face é necessária para evitar os conflitos com uso de palavrões e que o xingamento pressupõe um ataque e desautoriza o pedido de respeito. Percebemos que eles observaram que “ignorar o outro” pode ser compreendido com uma atitude de proteção à face, visto que, como apresenta Goffman (1967), o simples fato de os indivíduos entrarem em contato provoca um desequilíbrio das faces.

Estratégia A2: *“Respeitando os alunos, respondendo bem aos colegas, não tirando brincadeiras pesadas para evitar os palavrões, declarar que respeita os amigos, independente do que aconteça, ouvir o colega antes de responder a ele.”*

Nessa estratégia, percebemos atitudes que corroboram com o contrato conversacional de Fraser e Nolen (1981). O respeito pelo outro, a resposta elaborada positivamente, o policiamento nas brincadeiras e na linguagem e a atenção na escuta do outro são indícios de engajamento na conversação. Isto mostra o entendimento de que existem obrigações e direitos que norteiam como devem se comportar e proceder no decorrer da interação.

Estratégia A3: *“Só falar educadamente e sem ignorância, falar com respeito e educação para as outras pessoas não responderem com palavrões. Se for falar com outra pessoa, falar direito sem palavrões”*

Nessa estratégia, percebemos, além de atitudes comportamentais que corroboram para o contrato conversacional de Fraser e Nolen (1981), um distanciamento com o objetivo claro de que seja para “as outras pessoas não responderem com palavrões”. Desse modo, percebemos a preservação das faces ao modo como Goffman (1967) aponta quando comenta que quando conhecemos o outro, sabemos quais temas não devem ser levantados e as situações nas quais não devem ser colocados. Trata-se, portanto, de um comportamento preventivo válido com relação aos conflitos na escola.

Estratégia A4: *“Você pode evitar os palavrões na escola, você pode se segurar para ficar na paz e amor”*

O trecho “se segurar” pressupõe um contexto no qual, tendo recebido um ataque de ameaça à face, o falante se dispõe a evitar outros atos de ameaça à face de modo a contornar a situação, tal como teoriza Brown e Levinson (1987). Não realizar o ato de ameaça à face é uma estratégia mitigadora resultante da avaliação do risco para a autoimagem e para a imagem do outro, além da pressuposição da quebra da harmonia social com o objetivo de ficar na “paz e amor”.

Estratégia A5: *“Evitar falar com aquela pessoa que só procura confusão.”*

Nessa estratégia, como o perfil do interlocutor já é conhecido como negativo, o locutor já se resguarda de lhe dirigir a palavra. Escandell (2006) defende que o mais poderoso meio de relação interpessoal é a linguagem. Ora, se não há comunicação entre os alunos, é provável que não haja conflitos estabelecidos por meio da linguagem. No entanto, lembramos aos alunos do aspecto da violência verbal manifestada no silenciamento: a agressão verbal se manifesta pelo que se diz, mas também pelo que não se diz.

Os alunos comentaram que, em relação a esse último aspecto, quando são ignorados por um colega de escola, sentem-se diminuídos. Isso se dá, principalmente, quando falam com alguém e essa pessoa não responde. Isso demonstra que essa estratégia, embora válida, manifesta também o afastamento das relações afetivas dentro da escola, contrariando o estreitamento buscado nas estratégias de polidez.

Estratégia A6: *“A melhor forma é a pessoa ser educada, pedir desculpas, falar: não faça isso, todos somos colegas. Deus quer corações puros e limpos e não cheios de maldade. Converse com os colegas ou a diretora ou seu responsável.”*

Nessa estratégia elaborada pelos alunos percebemos um ato de ameaça à face do próprio locutor. De acordo com Brown e Levinson (1987) o pedido de desculpas se configura como uma auto-humilhação, como o reconhecimento da própria fraqueza, da incompetência, das limitações pessoais. No entanto, notamos ainda que essa auto-humilhação pode estar relacionada ao discurso religioso expresso em “Deus quer corações puros e limpos e não

cheio de maldade”. Considerando a crença cristã, o discurso da auto-humilhação³⁰ e da igualdade em “somos todos colegas”, é intrínseco da própria religiosidade.

A orientação da busca por uma autoridade, representada na figura da diretora da escola ou do responsável, se configura numa estratégia de mitigação do conflito na qual o locutor busca um representante. Desse modo, a estratégia utilizada para o desfecho ficaria condicionada à relação de poder entre falante e ouvinte, isto é, o grau de imposição que o falante pode ter sobre o ouvinte ou vice-versa, tal como considera Brown e Levinson (1987).

Estratégia A7: “Ignorar as ofensas de um amigo, ficar longe de conflitos, brigas e ofensas, ficar na sua e não se meter em nenhum conflito, não falar nenhum palavrão e ficar calado quando alguém te chama de um palavrão.”

Observando essa estratégia, percebemos claramente a avaliação do risco para a imagem dos participantes realizada pelo locutor. Se diante da perspectiva de realizar uma ação ameaçadora de face existem as opções de cometê-la ou não (BRONW; LEVINSON, 1987), com essa estratégia formulada pelos alunos, eles são coerentes com o que defendem esses autores.

Comentamos que ignorar as ofensas e ficar calado diante de um xingamento também pode ser compreendido como um comportamento de subordinação aos atos de ameaça à face, conjugados com a ofensa verbal. Que é preciso que atentem a esse aspecto, não no sentido de revide, mas de compreensão do contexto em que estão inseridos e nas relações sociais estabelecidas dentro da escola, de modo que não se sintam violentados verbalmente e que isso não se torne uma prática aceitável ou despercebida.

Estratégia A8: “Não escutar o que eles falam”

Contrariamente ao percebido na estratégia A5, “não falar”, percebemos nesta estratégia A8 a ação de “não escutar”. Compreendemos, neste caso, que corresponde a ignorar o que foi dito, do mesmo modo como compreendido na estratégia A7, na perspectiva de

³⁰ “Ó Deus, tende piedade de mim, que sou pecador!” (Lc 18 13). [...] A súplica do Evangelho segundo S. Lucas é ao mesmo tempo uma confissão do pecado e um pedido por misericórdia. Foi introduzida pelo cristianismo esta noção bem específica de transgressão e perdão, que não existe fora do âmbito cristão. [...] Ora, confessar-se pecador é humilhar-se, e humilhar-se nada mais é que reconhecer as próprias incapacidades, insuficiência e finitude diante do Poder, da absoluta Suficiência e da Infinitude de Deus. Fonte: <http://www.ofielcatolico.com.br/2006/09/por-que-o-cristao-precisa-se-humilhar.html>. Acesso em: 12 de março de 2017.

Bronw e Levinson (1987) de cometer ou não a ameaça. Reforçamos a ideia de que a estratégia é válida para mitigar conflitos ou ainda evitá-los, mas que é preciso uma atenção para a força ilocucionária do ato de fala dito, de modo que as falas que contrariam as regras da escola e as leis estabelecidas não sejam admitidas nem reforçadas.

b) Estratégias elaboradas pela Turma B

Estratégia B1: *“Não se meter com gente que não vale a pena e pensar 10 vezes antes de falar alguma coisa e também de cometer alguma coisa errada”*

Nessa estratégia B1, observamos uma relação entre conflito e pessoas com baixo prestígio social, consideradas do ponto de vista do locutor. Os alunos comentaram que esse julgamento de valor está relacionado à como a pessoa se comporta na escola. Por esse motivo, apontaram a necessidade de refletir bastante antes de falar, “10 vezes”, sobretudo se o interlocutor tiver o perfil desprestigiado. Reconhecemos a estratégia de polidez positiva de Bronw e Levinson (1987) no propósito de evitar desacordos, além de um autopolicimento para evitar atos indevidos, não somente atos de fala.

Estratégia B2: *“Pensando numa resposta melhor sem o seu uso [dos palavrões], ou apenas evita-los na escola.”*

Notamos, na estratégia B2, a necessidade de se refletir sobre a linguagem em busca da escolha lexical adequada para o contexto enunciativo. A orientação de que não se deve pronunciar palavrões deriva dos efeitos negativos do uso da linguagem torpe, configurando-se num ato impolido. Como teoriza Culpeper (2011), a impolidez se manifesta numa atitude composta de crenças avaliativas negativas sobre determinados comportamentos em contextos sociais específicos.

Estratégia B3: *“Não ligando para o que a pessoa fala”*

Consideramos a estratégia B3 semelhante à estratégia A8. Por se tratar de outra turma, reforçamos com alunos a perspectiva de que ignorar a fala do outro se trata de uma escolha que minimiza ou evita os conflitos, tento em vista a possibilidade de cometer a

ameaça à face ou não Bronw e Levinson (1987). Mas reiteramos que devem estar atentos para os atos de fala presentes no discurso, de modo que as falas que contrariam as normas sociais estabelecidas não sejam admitidas nem reforçadas.

Estratégia B4: *“Ficar calado, na sua”*

Em relação a essa estratégia B4, os alunos comentaram que “ficar calado” revela uma atitude de desprezo pelo outro, no caso entendida como um ato impolido, mas que também poderia ser entendida como um reconhecimento da própria fraqueza diante do insulto do outro (BRONW; LEVINSON, 1987). Acrescentamos a eles a possibilidade de que o silenciamento pudesse ser entendido como uma atitude de relevância de um possível ato de fala agressivo, coerente com o princípio da cooperação de Grice (1982) que visa minimizar as tensões criadas na interação, considerando-se a necessidade de se manter a harmonia entre os interlocutores.

Estratégia B5: *“Falar me respeite e ir para outro lugar sem ligar para o que ela vai falar evitar os conflitos”*

Na estratégia B5 consideramos que o pedido de respeito pode ser compreendido como uma atitude impolida, visto que as ordens são naturalmente impolidas (LEECH, 1983). No entanto, o afastamento é visto como necessário para a manutenção da ordem, o que se realiza no afastamento físico sugerido em “ir para outro lugar”. A desconsideração pela fala do outro em “sem ligar para o que ela vai falar”, também se configura num afastamento das relações afetivas, como teoriza Leech (1983).

Estratégia B6: *“Engolir para não falar”*

Nessa estratégia B6, entendemos que “engolir” pressupõe um esforço para guardar o que se quer dizer ou receber de modo desagradável o que foi dito. A ameaça à face está notavelmente pressuposta nesse verbo e a preservação da face foi realizada de acordo com a máxima na generosidade de Leech (1983), quando se minimiza expressão de benefício para si mesmo, tendo em vista que se tem uma atitude de silenciar diante da impolidez, e se maximiza a expressão de custo para si mesmo, quando se “engole” o que foi dito pelo interlocutor.

Estratégia B7: *“Respeitar o lugar onde nós estamos, porque a escola é um lugar para respeitar os outros, e não para esculhambar as pessoas”.*

Na estratégia B7, os alunos apresentaram o reconhecimento do valor positivo do contexto escolar e das normas de convivência na escola. Nessa estratégia, percebemos um amadurecimento da ideia de que os atos dependem do contexto situacional (BROWN; LEVINSON, 1987). Desse modo, o reconhecimento do ambiente e das regras de convivência permite a melhor escolha para elaboração de estratégias de polidez atenuantes para os conflitos estabelecidos, inclusive buscando no sistema linguístico palavras e expressões adequadas para o contexto.

Estratégia B8: *“Devemos responder educadamente, sem palavrão e sem grosseria para as pessoas não ficar ofendida depois.”*

Na estratégia B8, os alunos demonstraram a percepção das respostas na interação como sendo possíveis de serem grosseiras ou não. Isso é condizente com a escolha de realizar ou não o ato de ameaça à face (BROWN; LEVINSON, 1987). Além disso, assumem a possibilidade das consequências desagradáveis decorrentes do uso de palavrões ou expressões grosseiras, sendo a ofensa entendida como um ato decorrente da compreensão do interlocutor, que pode ficar ofendido “depois” com a palavra ou expressão dita.

Estratégia B9: *“Quando alguém vir falar uma besteira você sai de perto dela ou dele e finge que ele não falou nada.”*

Na estratégia B9, a fala considerada como “besteira” pode ser entendida, de acordo com os alunos, não necessariamente como uma agressão verbal ou um palavrão ou expressão grosseira, podendo ser ainda uma fala considerada apenas como sem importância. No entanto, apontaram que essa “besteira” é uma fala que pode gerar um desconforto para o ouvinte e, por isso, decorre o afastamento físico necessário, aqui reconhecido por eles como um ato impolido.

Por fim, consideraram que ignorar a fala de maneira fingida pode ser, neste caso, um indício da consciência da ameaça à face, ou também da pouca importância dada pelo interlocutor. Retornaram a ideia sobre os questionamentos de até que ponto as falas

contrariam ou não os princípios legais e normativos da escola, reforçando a necessidade da reflexão sobre o ato de fala para que as ofensas não se tornem recorrentes na convivência diária entre eles.

Em toda a análise desta última seção, nas estratégias apresentadas pudemos verificar que os alunos consideraram aspectos como o que foi dito, de que modo foi dito, a consequência do que foi dito, e o que poderia ter sido dito para que os desfechos dos conflitos fossem suavizados. Desse modo, atingimos nosso objetivo de proporcionar uma melhor reflexão sobre eventos impolidos dentro da escola, visto que entendemos que as reflexões sobre os atos de fala tornam-se válidas para uma conscientização sobre o uso da linguagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi discutir o uso de palavrões na escola observando aspectos de polidez e impolidez linguística nas situações de conflitos entre alunos. Consideramos que este trabalho contribuiu para fomentar a discussão sobre o uso da linguagem em situações específicas, sobretudo no ambiente escolar. Coerentes com Bagno (2007, p.130), acreditamos que “usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade”.

O primeiro momento do nosso trabalho buscou compreender como os alunos concebiam a ideia de conflito e de palavrão e qual a relação entre esses dois termos. A discussão e análise a cerca destes termos foram importantes para que eles entendessem o contexto situacional de uso da linguagem que abordamos. Desse modo, esse momento foi imprescindível para que pudessem nos apresentar, por meio de relatos escritos, as situações reais em que eles se envolviam e que tanto eram motivos para que constantemente fossem advertidos ou punidos na escola.

Quando questionamos os alunos sobre a compreensão que detinham sobre os conflitos, percebemos que o significado atribuído se atrelava diretamente a violência interpessoal, sobretudo em violência verbal. Isto ficou evidente quando os alunos demonstraram em suas falas diversos traços de intolerância presente nos relacionamentos entre eles, manifestada em definições ilustradas com briga, violência, confusões, intrigas, morte e guerra. Essas ilustrações atribuem uma valoração negativa para o conceito de conflito, pois desconsidera a importância do respeito às diferenças nos ambientes de interação.

Outro aspecto significativo durante a discussão sobre a concepção de conflito foi percebido quando grande parte dos alunos apresentou uma incompreensão sobre o significado deste termo, do ponto de vista conceitual. Em virtude disso e por entendermos que é necessário conhecer a ideia de conflito para compreender a situação em que se está envolvido, buscamos construir a definição conjuntamente, para que fosse possível, por meio da compreensão dos conceitos, estabelecer estratégias que viabilizassem soluções para os conflitos existentes entre eles.

Sobre a concepção prévia de palavrão que detinham, os alunos deram mostras de que compreendem os palavrões como depreciativos, desrespeitosos, feios e inadequados. Comentaram sobre a menor aceitação de uso, relacionando intuitivamente com os conceitos de tabu linguístico (GUÉRIOS, 1979) e interditos da linguagem (FOUCAULT, 1964), sobre a função ofensiva dos palavrões e como sendo um forte recurso expressivo de linguagem.

Notamos ainda que os alunos apontaram uma associação entre palavrão e questões de gênero e impolidez linguística.

Ao associar as duas concepções prévias que os alunos detinham - a de conflito e a de palavrão - os alunos apontaram traços característicos e distintivos entre esses dois termos. Os resultados por eles apresentados indicaram uma pluralidade de compreensão que se manifestou da seguinte maneira: a) conflito e palavrão não possuem nenhuma relação; b) palavrão é decorrente do conflito; c) conflito é o mesmo que palavrão; d) palavrão faz parte do conflito; e) palavrão origina conflito.

Por meio da discussão e reflexão sobre estes aspectos foi possível finalizar o processo de contextualização com as produções de relatos verossímeis de conflito com uso de palavrões. Percebemos que este momento foi de fundamental importância para que os alunos compreendessem nossa temática de estudo da linguagem relacionada à realidade de conflitos marcadamente vivenciada por eles. Essa realidade ficou evidenciada principalmente nas contextualizações apresentadas por meio de impressões de vivências pessoais expostas durante as discussões.

A etapa seguinte do trabalho envolveu uma compreensão sobre quais as motivações para os conflitos com uso de palavrões. Essa etapa foi importante para refletir com os alunos sobre os fatos por eles relatados e a repercussão no uso da linguagem. Entendemos, assim, que as mais variadas ocorrências desde as mais inocentes, como uma brincadeira de esconder um objeto, às mais graves, como agredir fisicamente o outro, geram uma gama de sensações e sentimentos que repercutem no uso da linguagem e nas escolhas por termos torpes.

Ainda neste momento de compreensão de motivos para os conflitos com uso de palavrões, foi muito significativa a expressão de temas bem recorrentes na escola como *bullying*, agressões físicas e verbais, insultos, provocações e sexualidade. Ao passo que os alunos refletiam sobre os fatos motivacionais, pudemos introduzir temas relevantes para o cotidiano escolar e associar ao uso da linguagem. Evidenciamos também aspectos de polidez e impolidez linguística e orientamos os alunos fazendo-os perceber causas e consequências de atos de fala.

Aqui também foi possível notar a presença de motivos fúteis para esses conflitos, bem como a manifestação de comportamentos que legalmente são inaceitáveis, por ferirem a dignidade humana ou perturbarem a ordem do ambiente. Esses comportamentos evidenciados na linguagem apontam para rompimentos de contratos conversacionais, do ponto de vista de análise linguística; e para a transgressão social, do ponto de vista legal. Tendo em vista isto,

ficou marcada uma interessante contribuição interdisciplinar envolvendo também aspectos jurídicos, o que norteou nossa discussão.

Para uma análise metalinguística dos palavrões presentes nos relatos, buscamos mostrar aos alunos a segmentação dessas palavras em diferentes campos semânticos. A compreensão da categorização com o entendimento e esclarecimento de significados dos palavrões foi ilustrada por representações da vida cotidiana. Nessa análise observamos temas fortemente destacados com o uso metafórico negativo para vocativos, com intensas marcas de preconceitos a cerca de: misoginia, machismo, homofobia, raça, capacidade intelectual, religião, classe social, alcoolismo e drogas.

Ao passo em que classificavam semanticamente os palavrões existentes nos relatos, foi possível compreender como os alunos lidam com temas tão significativos e fazê-los refletir sobre os impactos que estes palavrões causam nas relações interpessoais. Preconceito, estereótipos e discriminação nas relações sociais foram atrelados ao significado das palavras, na percepção de ofensas mais ou menos intensas, na construção de conceitos que representam a realidade por eles vivida.

A última etapa deste trabalho buscou apresentar didaticamente os aspectos de polidez e impolidez presentes nos relatos de conflito com uso de palavrões entre os alunos. Com esse momento, partindo do senso comum de polidez e impolidez trazido por eles, foi possível mostrar aos alunos apontamentos teóricos sobre como se manifesta na linguagem a (im)polidez. O processo de reflexão linguística viabilizou a percepção clara de atos de fala que comprometem a imagem de si e do outro, na perspectiva dos autores que fundamentaram este trabalho.

Nessa análise, foi possível que os alunos percebessem o grau de gravidade de atos de ameaça à face e as estratégias utilizadas para a preservação ou manutenção da autoimagem de si e do outro, presentes nos relatos que escreveram. Outro aspecto importante extraído desse momento se realizou na percepção da intencionalidade do ato de fala quando são utilizados palavrões pelos alunos com o objetivo de ofender o outro. Essa intencionalidade configura-se na expressão clara de violência verbal, com consequências psicológicas e sociais evidentes, oportunamente expressas pelos alunos nas discussões.

Embora alguns excertos utilizados para a análise da (im)polidez nos conflitos com uso de palavrões tenham revelado manifestações polidas, a grande maioria dos eventos com uso de palavrões nos conflitos configurou-se como impolido. Desse modo, passamos a observar as implicações dos conflitos com uso de palavrões nos relatos e quais os desfechos

das ocorrências. Os alunos segmentaram as implicações decorrentes dos conflitos com uso de palavrões sem agressão física, mas consideraram, nesses casos, sérias as agressões verbais.

Outra segmentação das implicações decorrentes dos conflitos foi apresentada como com agressões físicas anteriores ao uso de palavrões, quando o uso da linguagem intensificou episódios de violência descritos nos relatos. Esse reconhecimento os fez observar que o comportamento agressivo não é bem aceito no ambiente escolar e que os atos violentos contrariam o objetivo buscado na escola, de desenvolvimento intelectual e moral da pessoa para o bem estar individual e social.

Ainda sobre as implicações decorrentes dos conflitos, os alunos elencaram aquelas cuja agressão física foi decorrente do uso de palavrões. Nesse ponto, os alunos perceberam que a linguagem carregada de termos ofensivos tanto provoca como intensifica os conflitos. O aspecto mais significativo na discussão foi o reconhecimento de que caso a linguagem tivesse sido melhor utilizada, do ponto de visto de reconhecimento das consequências, as implicações tão severas poderiam ter sido abrandadas.

O trabalho de análise dos relatos foi finalizado quando os alunos elaboram estratégias hipotéticas de polidez linguística que poderiam ser utilizadas para a preservação da face de si e do outro considerando as situações de conflito apresentadas. Esse momento foi extremamente significativo para que eles pudessem retextualizar a linguagem de modo que encontrassem meios linguísticos que corroborassem para a mitigação dos conflitos. Para isso, consideraram aspectos contextuais como o que foi dito, de que modo foi dito, qual a consequência do que foi dito e como poderia ter sido dito.

Embora este trabalho tenha tomado por base a análise de relatos escritos produzidos pelos alunos, consideramos que o centro da análise e discussão priorizou a utilização da linguagem falada. Acreditamos que atingimos o nosso objetivo de orientar o aluno sobre o uso da linguagem oral na escola por meio da discussão linguística a cerca do uso de palavrões nas situações de conflito. Isto porque percebemos que eles manifestaram em suas falas que são capazes de interagir oralmente com um comportamento linguístico consciente e responsável.

Outro aspecto relevante foi que grande parte das discussões e análises foi realizada oralmente, o que possibilitou um diálogo aberto e sério sobre a compreensão e o uso da língua. Nessa abordagem, os alunos se posicionaram com relação ao uso de palavrões e a (im)polidez linguística de modo que evidenciaram uma compreensão clara sobre a diversidade linguística, além de estabelecer a relação entre adequabilidade e aceitabilidade, considerado o contexto de enunciação.

Consideramos que por meio das discussões realizadas com os alunos, nossa hipótese de que os alunos podiam refletir melhor sobre o uso da linguagem num contexto específico de enunciação foi confirmada. Eles foram capazes de compreender e discutir:

- a) o contexto situacional de uso da linguagem quando abordamos a concepção de conflito e de palavrões e a relação entre os dois termos;
- b) as motivações para o uso de palavrões e os significados dos palavrões atrelados às intencionalidades discursivas;
- c) as implicações decorrentes do uso da linguagem e elaborar estratégias linguísticas utilizadas para a mitigação de conflitos.

A partir das discussões realizadas, percebemos que este trabalho apresenta várias possibilidades de desdobramentos, tais como a investigação de outros campos semânticos, como os apontados pelos alunos: religião, raça e idade. Outro ponto relevante mostra-se evidente na relação entre palavrões e gênero ou sexismo, tema latente nas discussões realizadas. Além disso, a manifestação do uso catártico dos palavrões na escola também sugere um aprofundamento investigativo.

Entendendo que este trabalho não se encerra em si, esperamos que possamos contribuir para os estudos sobre os palavrões, (im)polidez linguística e conflitos na escola. A interconexão entre esses temas é notória quando entendemos que linguagem e comportamento são temas comuns aos cientistas sociais de vários quadrantes, como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia e a Linguística. Desse modo, acreditamos no aprofundamento do diálogo entre esses diferentes contributos disciplinares para que possamos melhor compreender as diversas nuances do comportamento social e linguístico.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ações. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990[1962]. (Título original: *How to do things with words*).
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BANDURA, Albert. Influence of model's reinforcement contingencies on the acquisition of imitative responses. **Journal of Personality and Social Psychology**. n.1, p.589-595, 1965.
- BARROS, Genize Molina Zilio. **Polidez como forma de negociação na interação professor/ aluno**. *Academus –Revista Eletrônica da FIA*. Vol III. N.3. Jul-Dez 2007. Disponível em: <http://intranet.fainam.edu.br/acesso_site/fia/academos/revista3/10.pdf> Acesso em: 30 mar 2016.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 14. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BRASIL. Jornal do Senado. Violência disfarçada de brincadeira. **Edição Especial Cidadania**. Ano VI- n.213. Brasília, 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/ufc/Downloads/violencia-disfar%C3%A7ada.pdf>>. Acesso em: 05 jan 2017.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CÉSAR, Constança Marcondes. **Filosofia da cultura grega**. São Paulo: Ideias Letras, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CHRISPINO, A.; CHRISPINO, R. S. P. **Políticas educacionais de redução da violência**: mediação do conflito escolar. São Paulo: Editora Biruta, 2002.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e de Fonética**. Tradução de M.C. Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- CULPEPER, J. **Towards an anatomy of impoliteness**. *Journal of Pragmatics*. n. 25.1996.
- _____. **Impoliteness**: Using language to cause offence. Nova York: Cambridge University Press. 2011.
- DAL CORNO, G. O. M; FAGGION, C. M. Turpilóquio: uso geral e insultuoso. *Revista Eletrônica de Linguística*. **Domínios de linguagem**, v.5, n. 2, 2º Semestre 2011. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Giselle_Dal_Corno/publication/222617001lnks/552bc0fa0cf2e089a3aa6823.pdf >. Acesso em: 22 out 2016.
- DEMO, P. **Pesquisa e Informação Qualitativa**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

ESCANDELL, M. Victoria. **Introducción a la Pragmática**. Barcelona: Ariel, 2013.

FAGIONN, Carmen Maria. Persistência de uma língua no Turpilóquio. **Anais da Abralín**. 2009. Disponível em:

<http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Carmen%20Maria%20Faggion.pdf> Acesso em: 20 out 2016.

FOUCAULT, Michel. A Loucura, a Ausência da Obra. In: **Ditos e Escritos**, v. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1964.

FRASER, B.; NOLAN, W. The association of deference with linguistic form. In: WALTERS, J. (Ed.) **The Sociolinguistics of Deference and Politeness**. The Hague: Mouton, [Special issue (27) of the International Journal of the Sociology of Language], 1981, p. 93–111.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1967.

GOTIZENS, Concepción. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento. 2. ed. Porto Alegre, Editora Artmed, 2003.

GRICE, H.P. Lógica e Conversação. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**. vol. IV. São Paulo: Campinas, 1982 [1975].

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. São Paulo: Nacional, 1979.

GURGEL, João Bosco Serra e. **Dicionário de gíria**: modismo linguístico, o equipamento falado do brasileiro. Editora Mania de Livro. Brasília, 1998.

HOUSE, J.; KASPER, G. **Cross-cultural Pragmatics**: requests and Apologies. Norwood, NJ: Ablex, 1989.

HOUSE, J.; KASPER, G. Politeness markers in english and German. In: COULMAS, F. (Ed.), **Conversational routine, mouton, the hague**. [S.l]: [s.n], 1996.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LAKOFF, R. The logic of politeness: or minding your p's and q's. **Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, p. 292-305, 1973.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 1983.

MALTA, D. C. et al. **Bullying nas escolas brasileiras**: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). RJ, 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.org/pdf/csc/v15s2/a11v15s2.pdf>>. Acesso em: 26 dez 2016.

MASSON, Cleber. **Código Penal Comentado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2014.

MATOS, S. **Algumas considerações sobre o sub-módulo pragmática na terminologia linguística para o ensino básico e secundário**. Porto, 2005. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5402.pdf>>. Acesso em: 12 nov 2016.

MEIER, A.J. Passages of Politeness. **Journal of Pragmatics**, v. 24. Elsevier, 1995.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MURO, A. A. **Cortesía y descortesía**: Teoría y praxis de um sistema de significación. Universidad de Los Andes. Venezuela, 2005.

OLIVEIRA, Alzira Maria Câmara Amado de. **Palavrões em sala de aula**: uma análise sociolinguística frente à abordagem pedagógica na escola estadual “4 de setembro”, em Pau dos Ferros – RN. Dissertação. Maestría En Ciencias De La Educación. Universidad San Lorenzo – Unisal. Facultad de Educación Y Humanidades, Curso De Postgrado. Assunção, PY. 2014. (no prelo)

OLIVEIRA, E. **Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar**: questões para debate. Revista Espaço acadêmico, ano 1 nº 7 dezembro de 2001. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm>>. Acesso em: 14 nov 2016.

ORSI, Vivian. **Tabu e Preconceito Linguístico**. São José do Rio Preto, UNESP, SP. 2011

ORSI, V; BUENO, M. S. Turpilóquio em português e italiano: reflexões sobre marcas de uso de itens tabus em dicionários. **Domínios de Linguagem**, v. 8, n1, p. 399-412, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>> Acesso em: 01 dez 2016.

PAIL, D. B. **A retórica da polidez e dos palavrões nas redes sociais**: uma abordagem por interfaces. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012.

PAIVA, G. M.F e. **A polidez linguística em sala de bate-papo na internet**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2008.

PONTES, C. G. **Super dicionário de cearês**. Fortaleza: Livro Técnico, 2000.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 11 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

ROCHA, J.G. da. Lexicologia e lexicofonia: uso e sentido do palavrão na cultura brasileira. In: **Cadernos do XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, Vol. XIX, Nº 02 – Lexicografia, lexicologia, fraseologia, terminologia e semântica. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/02/023.pdf> . Acesso em: 21 dez 2016.

ROJO, R. L. R. Fazer linguística aplicada em uma perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza do pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SANDMANN, Antônio José. **O palavrão**: formas de abrandamento. Curitiba: UFPR, PR. 1992.

SATHLER, E. H. B. **Estratégias de polidez utilizadas por brasileiros em situações de elogio**: um estudo sociointeracional. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

SERAINE, F. **Dicionário de termos populares** - registrados no Ceará. Fortaleza: Stylus, 1991.

SILVA, E. S. C. da. **A interação e a (im)polidez nos fóruns da comunidade *orkuteana* “Belém”**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2973>> . Acesso em: 22 jul 2016.

SILVA, G. A. P. da. Teoria dos Atos de Fala. **Anais do VIII Fórum de Estudos Linguísticos**. 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiifelin/41.htm>>. Acesso em: 05 dez 2016.

SVEINSDÓTTIR, Gunnþórun Klara. **Las palabrotas**. Í BA-ritgerðinni. Háskóli Íslands: September, 2010. Disponível em: <<http://docplayer.es/16460192-Hugvisindasvid-las-palabrotas-ritgerd-til-b-a-profs-gunnthorunn-klara-sveinsdottir.html>>. Acesso em: 20 fev 2016.

TRINDADE, Adão Máximo. **Palavrões na escola**. Alvinópolis, 13 out 2009. Disponível em: <<http://pedagogiaalvi.blogspot.com.br/2009/10/palavroes-na-escola.html>>. Acesso em: 05 dez 2016.

WATTS, R. **Politeness**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.

ZAMPA, D. MARTINEZ. **Mediación educativa y resolucion de conflictos**: modelos de implementacion. Buenos Aires: Edicones Novedades Educativas, 2005.

ZOTELLI FILHO, N. L; MAEDA, R. M. A. Palavrão: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul. **Revista Primeira Escrita, Aquidauana**, n. 1, p. 103-118, nov. 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE ÚNICO - Tabela de tabulação de dados

CONSEQUÊNCIAS/ OBSERVAÇÕES	TIPO DE AGRESSÃO	HOUE AGRESSÃO FÍSICA?	TIPO	CAMPO SEMÂNTICO ATRIBUÍDO PELOS ALUNOS	SEXO	PALAVRÃO DITO NO RELATO	COMPREENSÃO DO MOTIVO PELOS ALUNOS	MOTIVO?	RELATO
Os alunos serem tirados de sala de aula para irem para a sala da coordenação; Os alunos voltarem para a sala de aula e continuarem a brigar (indício, segundo eles, de que não foi tomada nenhuma medida eficaz); Os colegas incentivarem o conflito as mães, quando chamadas à escola, também brigarem verbalmente.	Puxão de cabelo	Depois	Provocação	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	M	Filha de rapariga	Não soube explicar o motivo	Ignorado / Discussão	1
			Resposta a insulto com uso de palavrão	Palavras que giram em torno do sexo	M	Rodada			
				Palavras que giram em torno do sexo	M	Arrombada			
				Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	M	Rapariga			
Os dois foram suspensos	Pancadas	Antes e depois	Resposta à agressão física	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	H	Doido	Brincadeira de bater/empurrar/pro vocar queda	Brincadeira de bater no outro	2
			Resposta à agressão física	Homossexualidade	H	Viado			
			Resposta a insulto com uso de palavrão	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	H	Filho de rapariga			

3	Brincadeira de empurrar o outro	Brincadeira de bater/empurrar/provocar queda	Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta à agressão física	Antes	Empurrões	Os dois estavam se agredindo Um ficou zangado com o primeiro palavrão - filho da puta O que primeiro falou palavrão saiu ainda xingando
			Vai para a puta que pariu	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Viado	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Cala a boca	H	Desprezo	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Viado	H	Homossexualidade	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Vai tomar no cu	H	Palavras que giram em torno do sexo	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Viado incubado	H	Homossexualidade	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Viado	H	Homossexualidade	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Baitola	H	Homossexualidade	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
			Arrombado	H	Homossexualidade	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
			Pau no cu	H	Homossexualidade	Quintúplica a insulto com uso de palavrão			
			Sua mãe é uma puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da	Quintúplica a insulto com uso de palavrão			

					prostituição.				
			Seu pai dá o cu todo dia	H	Homossexualidade	Quintúplica a insulto com uso de palavrão			
			Pau no cu	H	Homossexualidade	Quintúplica a insulto com uso de palavrão			
			Chupa pau	H	Homossexualidade	Quintúplica a insulto com uso de palavrão			
4	Discussão porque um derrubou uma garrafa de água e molhou a bolsa do colega	Incidente	louco	H	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas		Depois		
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a agressão física incidental	Depois	Empurrões	Logo pediu desculpa e explicou que a garrafa tinha caído O colega não aceitou as desculpas e agrediu fisicamente A professora o tirou da sala Na saída da escola ele xingou novamente
			Arrombado	H	Homossexualidade	Provocação	Depois		
			Vai tomar no cu	H	Homossexualidade	Provocação	Depois		
5	Um pegou a bolsa do outro e escondeu / O que escondeu mentiu	Mexer no material escolar do outro	Vai se fuder	H	Homossexualidade	Resposta a agressão física incidental	Depois		
			Cala a boca	H	Desprezo	Resposta a insulto com uso de palavrão	Depois	Murros e empurrões	Os dois foram suspensos
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão	Depois		
6	Namoro: dúvida se o menino gosta ou não dela	Namoro	Sapatão	M	Homossexualidade	Provocação	Não		A que primeiro foi insultada pediu respeito A que primeiro foi insultada acusou a outra de querer mandar na escola A que primeiro foi insultada avisa a outra que ela
			Morena burra	M	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	Resposta a insulto com uso de palavrão			

			pirangueira	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Resposta a insulto com uso de palavrão			arranjou inimiga e agora teria que sofrer as consequências
			Magricela	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Vaca	M	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Vaca	M	Animalização	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
7	Rivalidade, expressão de poder	Rivalidade	gay	H	Homossexualidade	Provocação	Depois	Derrubou na areia	O que foi derrubado não usou palavrão nem fazia parte do diálogo O diálogo se dá entre dois amigos em tom de zoação A brincadeira acontece em tom de disputa para ver quem zoa o outro da pior forma e quem aguenta mais No final os dois riem e ficam numa boa Pergunta se conhece a Gi... Faz piada .
			Arrombado	H	Homossexualidade	Provocação			
			Pau no cu	H	Homossexualidade	Provocação			
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Cheira pênis	H	Homossexualidade	Provocação			

			Gi Gigantesca cabeça da minha rola	H	Palavras que giram em torno do sexo	Provocação			
8	Brincadeira de bater no outro (castanha)	Brincadeira de bater/empurrar/provocar queda	Tomar no cu	H	Homossexualidade	Resposta à agressão física	Antes e durante	Murro nas costas	Durante a brincadeira é firmado um acordo de que ninguém poderá se levantar sem dizer a palavra castanha. Caso se esqueça, leva uma pancada. A menina se esqueceu e não gostou de levar um murro nas costas. A briga terminou espontaneamente sem intervenção dos profissionais.
			Rapariga sem vergonha	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta à agressão física		Pancadas	
9	Alguém colocou o pé para ela cair quando estava correndo	Brincadeira de bater/empurrar/provocar queda	Porra	M	Palavras que giram em torno do sexo		Antes	Botar a perna pra derrubar	A ofendida foi vítima de agressão física, pediu desculpas por ter tropeçado em cima das pernas de outra menina, mesmo assim foi xingada. Pediu desculpas outra vez.
10	Namoro.	Namoro	Porra	H	Palavras que giram em torno do sexo		Depois		O primeiro palavrão dito não era de briga. Ficaram falando da vida dos outros e nomeando os outros com esses palavrões. Depois passaram a discutir por causa de namoro.
			Porcaria	H	Animalização				
			Se fudeu	M	Palavras que giram em torno do sexo				
			Putá	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.				
			Porcaria	M	Desprezo				
			Lombriga	M	Desprezo				
			Infeliz	M	Desprezo				

11	Fofoca	Mentira	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Depois e durante	Dar na cara	A provocada nega estar falando mal da provocadora Ameaça de agressão física fora da escola. Passaram a se agredir logo dentro A menina saiu chorando, muito machucada Foram suspensas por 5 dias e só voltavam no 6 dia acompanhada da mãe A que apanhou teve que sair mais cedo para não apanhar lá fora e ainda apanhou da mãe em casa.
			Cria vergonha nisso que tu chama de cara	M	Desprezo	Provocação			
			Vagabunda	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Provocação			
			Sem vergonha	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Provocação			
			Doida (ficando)	M	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Putá	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			

12	Brincadeira de se esculhambar	Brincadeira de se esculhambar	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	PROVOCAÇÃO	Não houve		Outras meninas riram e elas acharam “lindo”
			Putá	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Quenga de trinta machos	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Roda bolsinha no terminal da Parangaba	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Vai se fuder	M	Palavras que giram em torno do sexo	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Vai tomar no cu	M	Palavras que giram em torno do sexo	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Filha da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Quenga de cinquenta machos	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			

			Filha da mãe	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Prostituta que dá o cu para um bocado de macho	M	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
13	Brincadeira de puxar a outra, sujando a blusa	Brincadeira de bater/empurrar/provocar queda	Filha da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta à agressão física	Antes e durante	Chute Murro	A supervisora foi informada pela agressora do ocorrido, conversou com as meninas. A que apanhou ficou com medo da agressora.
14	Discussão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.		Depois	Atracando	Suspensão de 6 dias. Foram separados pela diretora.
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.			Murro na cara	
15	Um aluno mandou o outro calar a boca	Repreensão	Vai tomar no cu	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão	Depois	Pancadas	Pararam a briga quando o professor chegou. No dia seguinte já estavam jogando bola.
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões	Depois	Pancadas	

16	Brincadeira de se esculhambar	Brincadeira de se esculhambar	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Depois	Pancadas	Interessante notar o uso de “sua” no início do xingamento Duas meninas se xingaram e se bateram. Uma terceira filmou publicou no facebook e no dia seguinte foi xingada e ainda apanhou das duas.
			Porca	M	Animalização	Provocação			
			Égua	M	Animalização	Provocação			
			Quenga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Prostituta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
17	A negação de um bombom	Negação de alimentos	Enfia essa porra todinha no teu cu	H	Palavras que giram em torno do sexo	Provocação	Não houve		Depois da discussão saíram da sala
			Vai pra puta que pariu	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			

			Vai se fuder	H	Palavras que giram em torno do sexo	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Filho de quenga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
18	Indireta pelo horário de chegada	Repreensão	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Não	Não houve	Discutiram e se ameaçaram de brigar
			Quenga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			R.D. da favela	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Vai tomar no cu	M	Palavras que giram em torno do sexo	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
19	Discussão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	não	Pancadas	O professor chegou na sala e encminhou as duas meninas para a diretoria, foram advertidas e voltaram para a sala de aula.
			Filha da Puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Baitola	M	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram	Resposta a insulto com uso de palavrão			

					em torno do mundo da prostituição.				
			Pau no cu	M	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a insulto com uso de palavrão			
20	Insulto sem motivo aparente	Uso de palavrão	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	depois	Pancadas	As ofendidas foram para a coordenação e as provocadoras foram advertidas pela coordenadora.
			Galinha	M	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
21	Inimizade	Uso de palavrão	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Depois	Puxão de cabelo	A provocadora ameaçou inicialmente. A provocada disse que não ia brigar e saiu de perto para não arranjar mais confusão, quando estava de costas levou um puxão de cabelo e foi xingada. A diretora veio e separou a briga e suspendeu as duas por uma semana.
			Porra	M	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Vai pra puta que pariu	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
22	Discussão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Vai pra merda	M	Funções físicas e escatológicas	Provocação	Não houve		Apesar de o professor pedir para que eles se desculpassem, eles não atenderam e foram encaminhados para a diretoria. Ficaram suspensos por uma semana, mas quando voltaram já estavam amigos.
			Porra	M	Palavras que giram em torno do sexo	Provocação			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			

			Puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
23	Foram interrompidas por uma menina que considerava chata	Rivalidade	Vagabunda	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Provocação	Não houve		Uma amiga advertiu a outra que não era dessa forma que se revolviam os problemas e nesse momento gritou para que a menina saísse dali para que não ficasse com olho roxo. Depois que a menina saiu, voltaram a conversar como se nada tivesse acontecido.
			Rapariga dos infernos	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Boca de prata	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Provocação			
24	Um empurrão dado com força	Brincadeira de bater/empurrar/provocar queda	Puta que pariu	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta à agressão física	ANTES	Empurrões	Depois de ter levado um empurrão, quase ia tacando a cara no chão, a amiga lhe segurou e ela falou palavrão.
25	Marcação de um encontro numa sorveteria	Uso de palavrão	Puta que pariu	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Nomeação de lugar	Não houve		A informante se refere a sorveteria como sendo puta que pariu pela distância e pelo horário marcado. Sua amiga a repreende citando outros palavrões ditos por ela na escola. A advertida ficou com muita raiva por que a amiga disse que isso era muito feio. A amiga pediu desculpas por ter advertido
			Porra	M	Palavras que giram em torno do sexo	Exemplificação			
			Carai	M	Palavras que giram em torno do sexo	Exemplificação			
			Puta que pariu	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Exemplificação			

			Filha da mãe	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Exemplificação			
26	Ameaça de agressão física por causa de um namorado e por que uma falou que a outra era muito magra.	Namoro	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Não houve		Diante da ameaça as garotas foram contidas e levadas para a diretoria
			Puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
27	Incidente: esbarrão na cantina	Incidente	Filha da Puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta à agressão física incidental	Antes		O garoto esbarrou batendo com tudo de frente com a menina
			Abestado	M	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	Resposta à agressão física incidental			
			Aderbal	M	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	Resposta à agressão física incidental			
28	Brincadeira de sarrada na pessoa errada	Atitude obscena	Arrombado	H	Homossexualidade	RESPOSTA A GESTO/ATITU DE OBSCENA	DEPOIS	Pancadas	A coordenadora foi chamada, os dois levaram suspensão e um deles saiu com olho roxo.
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	RESPOSTA A GESTO/ATITU DE OBSCENA			
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	RESPOSTA A GESTO/ATITU DE OBSCENA			

			Gay	H	Homossexualidade	Resposta a gesto/atitude obscena			
			Cuzão	H	Diminutivos e aumentativos	Resposta a gesto/atitude obscena			
			Pau no cu	H	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a gesto/atitude obscena			
			Filho de prostituta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a gesto/atitude obscena			
			Vou pegar sua mãe de quatro	H	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a gesto/atitude obscena			
			Chinim	H	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
29	Discussão por causa do palavrão	Uso de palavrão	Puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Não houve		Discutiram por que uma foi chamada de puta. A que foi Xingada disse que não gosta de que lhe chamem de algo que ela não é e revidou com outros palavrões. Ficaram uma semana sem se falar até que a provocadora pediu desculpas e ficou tudo okay.
			Puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			

			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Galinha	M	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
30	Discussão por causa do palavrão	Uso de palavrão	Putiane	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	DEPOIS	Tapa na cara	A agressora deu um tapa na cara da amiga para ela deixar de ser galinha A agredida pediu desculpas, mas a agressora não aceitou e xingou mais ainda. A agressora depois de não ter aceitado as desculpas ficou com dó e carinhosamente falou os mesmos palavrões pedindo desculpas e dizendo que a ama.
			Quenga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Galinha	M	Animalização	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Quenga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Putiane	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Put	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tratamento carinhoso			

			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tratamento carinhoso			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tratamento carinhoso			
			Putá	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tratamento carinhoso			
			Galinha	M	Animalização	Tratamento carinhoso			
			Vaca	M	Animalização	Tratamento carinhoso			
			Putiane	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tratamento carinhoso			
31	agressão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Baitola	H	Homossexualidade	Provocação	DEPOIS	Murro	Durante a agressão o agredido desmaiou. As mães brigaram também de porrada e ficaram intrigadas por um bom tempo, mas hoje em dia todos são amigos.
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Filho duma égua	H	Animalização	Provocação			

			Viado encubado	H	Homossexualidade	Provocação			
			Baitola	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Filho duma égua	H	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Viado encubado	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			
32	colocar pé para propositalmente para o outro cair	Brincadeira de bater/empurrar/provocar queda	Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta à agressão física	Antes	Provocar a queda do outro	A briga aconteceu depois de um aluno derrubar o outro A briga passa a ter um tom de brincadeira, descontração. Começam a jogar as coisas um no outro: bolinha de papel, sapato, chinela, canetas e outras coisas.
			Baitola	H	Homossexualidade	Resposta à agressão física			
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Viado	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Pau no cu	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			

33	namoro	Namoro	Vagabunda	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Provocação	ANTES E DEPOIS	Pancadas	Os alunos fizeram um círculo para elas brigarem dentro e o pretendido nem se importou.
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Galinha	M	Animalização	Provocação			
			Prostituta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Filha da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Putá	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Ordinária	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Resposta a insulto com uso de palavrão			
34	Discussão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Não houve		O ofendido pediu para conversar e que o agressor não esculhambasse sua mãe por que ele não estava fazendo isso e é muito feio brigar e esculhambar a mãe dos outros.
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da	Provocação			

					prostituição.				
			Viado	H	Homossexualidade	Provocação			
35	fofoca	Mentira	Idiota	M	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	Provocação	Depois	Murro	A confusão foi provocada por uma menina que disse que uma amiga estava falando mal da outra e foi obrigada a revelar a mentira
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
36	importunação	Importunação	Porra	M	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a importunação	Não houve		A importunada sai de perto e vai se juntar a outras garotas que não gostam da menina. Então começam a discutir
			Besta	M	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Vaca	M	Animalização	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Cara de capim	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Cara de vaca	M	Animalização	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Vi tua mãe no pasto	M	Animalização				
			Da tua boca só sai merda	M	Funções físicas e escatológicas	Quintúplica a insulto com uso de palavrão			
			Da tua boca só sai merda	M	Funções físicas e escatológicas	Sextúplica a uso de palavrões			

37	empurrão	Brincadeira de bater/empurrar/provocar queda	Porra	M	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta à agressão física	Antes	Empurrão	A menina empurrada caiu e passa a xingar
			Buceta	M	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta à agressão física			
			Put a que pariu	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Carai	M	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a insulto com uso de palavrão			
38	A resposta da atividade	Importunação	Viado	H	Homossexualidade	Provocação	Não houve		O aluno pediu a resposta da atividade e o colega pediu para ele deixar de perturbar e o chamou de viado e começou a discussão
			Vai dar o cu	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Pivete	H	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Arrombado	H	Homossexualidade	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
39	discussão por	Não soube explicar	Vaca	M	Animalização	Provocação	Não		Uma terceira amiga falou que a provocadora

	motivo ignorado		Filha da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			calasse a boca por que amigas não brigam. Depois da discussão não se falaram mais.
			Vá se fuder	M	Palavras que giram em torno do sexo	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Vá se fuder	M	Palavras que giram em torno do sexo	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
40	mandou calar a boca	Repreensão	Vai tomar no cu	M	Palavras que giram em torno do sexo	Provocação	Depois	Pancadas	Discutiram por que uma mandou a outra calar a boca. Houve um gesto obsceno: dedo em riste.
			Vaca	M	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Vai pra puta que pariu	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Puta ruim	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Toda rapariga é ruim	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Enfia no seu cu	M	Palavras que giram em torno do sexo	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			

			Baitola	M	Homossexualidade	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
41	tropeço no pátio	Incidente	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Não		Se esbarraram no pátio acidentalmente e xingaram uma a outra.
			Vaca	M	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
42	fofoca	Mentira	Vagabunda	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Provocação	Depois	Puxão de cabelo Dar na cara Bateu cabeça no chão	agressora foi informada que a agredida estava esculhambando ela e sua mãe, foi tomar satisfação e a agrediu xingando e a espancando. Jurou de morte e disse que ela se arrependeria de ter nascido. Houve sangramento.
			Vagabunda	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Provocação			
			Putá barata	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Vagabunda	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Pirangureira	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Réplica a insulto com uso de palavrões			
43	briga entre times	Rivalidade	Caralho	H	Palavras que giram em torno do sexo	Provocação	Antes	Empurrão	Após o jogo um aluno do time que perdeu deu um empurrão e ele pediu calma, pois era só um

			Vai tomar no cu	H	Homossexualidade	Provocação			jogo. No final todos foram para a diretoria
			Vai tomar no cu	H	Homossexualidade	Resposta a insulto com uso de palavrão			
44	inimizade	Rivalidade	Vaca	M	Animalização	Provocação	Não houve		A provocadora justificou que estava brincando mais a provocada não acreditou e ambas foram para a supervisão
			Vai pra pqp	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Égua ruim	M	Animalização	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Doida	M	Palavras que fazem referência a baixa capacidade intelectual das pessoas	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Vai pra porra	M	Palavras que giram em torno do sexo	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Caralho	M	Palavras que giram em torno do sexo	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
45	namoro	Namoro	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Depois	Tapa na cara	A agressora foi ameaçada por que estava sentando do lado da agredida. Deu uma tapa na cara dela e foram suspensas as duas.
			Fela da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Fela da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram	Resposta a insulto com uso de palavrão			

					em torno do mundo da prostituição.				
			Prostituta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Arrombada	M	Palavras que giram em torno do sexo	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Cara de tabaco	M	Palavras que giram em torno do sexo	Réplica a insulto com uso de palavrões			
			Reputenga	M	Palavras que giram em torno do sexo	Tréplica a insulto com uso de palavrão			
			Baitola	M	Homossexualidade	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
			Pau no cu	M	Palavras que giram em torno do sexo	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
			Quenga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
			Putá	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
			Filha de chodeira	M	Animalização	Quadrúplica a insulto com uso de palavrão			
46	Discussão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Rapariga	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Depois	Pancadas	Quando o professor saiu da sala começaram a brigar e se xingar. A turma começou a gritar e vaiar.

			Vagabunda	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)				
			Cara de buceta	M	Palavras que giram em torno do sexo				
			Vai tomar no cu	M	Palavras que giram em torno do sexo				
			Vai pra puta que pariu	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.				
			Sapatona	M	Homossexualidade				
			Vadia	M	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)				
47	bolada	Incidente	Filho de rapariga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a agressão física incidental	DEPOIS	Pancadas	O aluno que jogou a bola pediu desculpas, mas não foram aceitas. O que levou a bolada o agrediu e no dia seguinte ainda continuou a discussão e os xingamentos.
			Vai tomar no cu	H	Homossexualidade	Resposta a agressão física incidental			
			Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; Palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Resposta a insulto com uso de palavrão			
			Filho de puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Réplica a insulto com uso de palavrões			

			Filho de vagabunda	H	Antonomásia (ao invés de chamar pelo nome próprio, chamar por uma expressão que lembre uma qualidade, característica ou fato que de alguma forma o identifique)	Réplica a insulto com uso de palavrões			
48	fofoca	Mentira	Filha da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	não houve		A menina xingou a outra por que ficou sabendo que estavam falando mal dela. Depois do xingamento passaram semanas sem se falar, a fofoqueira pediu desculpas, ela aceitou e agora são melhores amigas.
			Vai dar o rabo	M	Palavras que giram em torno do sexo	Provocação			
49	discussão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Filho da puta	M	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Depois	Pancadas	as duas foram para a coordenação. A narradora jogou as duas erradas por que uma esculhambou e a outra bateu
50	discussão por motivo ignorado	Não soube explicar o motivo	Filho da puta	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação	Depois	Murro no rosto Cabeçada	Alguém filmou a agressão e o vídeo foi para o <i>Facebook</i> . A mãe do menino veio até a escola e fez um barraco
			Filho de quenga	H	Palavras sobre mulheres de mau caráter ou de má fama, as prostitutas; palavras que giram em torno do mundo da prostituição.	Provocação			
			Pau no cu	H	Homossexualidade	Provocação			
			Viado	H	Homossexualidade	Provocação			

ANEXOS

ANEXO A - Relato 1

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Certo dia na Sala de aula duas alunas
Estavam discutindo quando uma das alunas
chegou a Mãe da outra chamando de filha
De Rapariga daí as duas uma chamando
A outra de melada rapariga e a outra chamando ela
De arambora o professor viu aquela cena e tirou
As duas alunas da sala pois a discussão continuou
na direção da escola os meninos já estavam me
Perto da Briga e os educadores tentando acalmá-las
Elas voltaram para a sala e continuou porque os amigos
Estavam insistentemente elas Briga até que uma agrediu
A outra com um punho de calçada a outra foi estrebada
A mãe das meninas foram chamadas e discutiram
Sobre o que elas podiam fazer e transferiram a
Menina que levou punho de calçada para outra escola.

174

ANEXO B - Relato 2

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Uma vez eu estava brincando de bater na
outro e um garoto não gostou e então o garoto
fala
- si faz de dedo seu diabo
e eu respondi - e si eu me fizer seu filho de rapariga
e então nós dois brigamos e eu fui suspenso

ANEXO C - Relato 3

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Acontece quando dois meninos estavam
brincando juntos. Começaram a se puxar um
ao outro e nome dos dois meninos um era
Karin e o outro era Zetão.

O Karin fala um palavrão que era [filha do puta.]
Zetão ficou zangado e falou [vai para o puta que
te pariu seu zido.] Karin falou [Cala a boca
seu zido.] Zetão falou [vai foda na cu.] seu
zangado [Zetão imbecil] Karin ficou com
muita raiva e falou [vão foder seu zido
bicho, zangado por na cu.] e Zetão falou
a o zido e tu por na cu seu nubi
seu mãe é uma puta seu pai da a cu
todo dia e você é um chupa pau.
e Karin começou chorando zangado ele de todas
as tipos de palavrão.

3

ANEXO D - Relato 4

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Bom tudo começou em uma discussão entre eu e um colega de classe eu estava com uma garrafa de água eu bebi e não queria quando eu fui girá-la eu senti e a água da minha cabeça molhou todo o cabelo dele disse: "Tô louco?" "Filho do Puta" E eu pedi desculpas e expliquei porque a garrafa tinha caído ele ficou com mais raiva ele usou no caso de mim o seguinte xingou não e ele me xingou com as seguintes palavras: "Filho do Puta, Arrambado, E mandou eu tomar no c." A professora viu ele se sentou no banco de trás ele me chamou e xingou mais uma vez de: "d'Imagino de Arrambado, Filho do Puta."

4

ANEXO E - Relato 5

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



No dia 7/03/2015 um menino chamado Talison ele estava ~~estava~~ no recreio de um toque de inserimento do recreio tinha um menino chamado Adison ai pegou a bolsa do menino chamado Talison idai chegou na sala o Talison e ele não encontrou a sua bolsa no seu devido lugar ele perguntou a gente estava a bolsa dele outro menino falou eu não vi a bolsa mas ele estava rindo o talison mandou ele se fude e outro menino falou cala a boca filho de rapariga

Ai eles começaram brigar dentro da sala de aula a professora perguntou a eles se estavam brigando a professora chamou a diretora os dois meninos foram ~~expulso~~ suspensos

5

ANEXO F - Relato 6

17

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Amiga e Inimiga?

Eu e minha Amiga estava conversando sobre o Menino Linda nós gostava muito dele eu disse que ele gostava de mim ela disse não ele gosta de mim, ele gosta de uma Sapata e melhor ser Sapata que Moteta. Mulher tu me respeito que eu não sou como tu, porque Mulher não gosta que tu chego tu que manda na escola sua Magrisela sua Vaca, e tu que é Vaca rapatega você fica rebando o Kavã de mim. Agora você atraiu Inimiga, agora sofre as consequências ela não passa de Vaca Meninas essa é minha história.

Amiga e Inimiga?

(6)

ANEXO G - Relato 7

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Cheguei na escola falei com o Marcos
gay e falei "Falta ai arrumado" ele
me falou "Diz pau no cu" ai depois foi pra sala
e falei com uns praça ele fi se napaiga
falarão "fala filho do puta" falei neur chera pênis
e tocou o intervalo e zicamo a galera na
sala e nós fico dando sarra no ar HOEHUE HOEHUE
e chamei a Júbileu e agente correu denuboa o
outro na areia voltamo pra sala e zicamo o outro
e falei "fala ai trem ele falou "Ei eman conhece
o João?" eu falei "que João" ele disse "o que tu ca-
meu atrás do pé de feijão" eu falei "conhece a gi?"
ele "que gi?" eu "a GIGANTECA cabeça da minha neta"
ai ele riu eu também e cabooooo

ANEXO H - Relato 8

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



tinha duas meninas uma do 6º e outra
do 7º as duas tinham brincando no terreiro do
recreio de repente uma das meninas estava brincando
numa brincadeira chamada castanha quando
sem conta tinha que dizer castanha e a outra se levantou
e começou a dizer castanha e a outra deu um
muro mas casta da outra e ela não gostou e começaram
a brigar e teve uma hora que a outra disse que
era muito melhor e que mandou a outra tomar no
cú e chamou a outra de raparica sem vergonha e aí
a briga acabou,

8

ANEXO I - Relato 9

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Eu em uma tarde de recreio e eu estava correndo com meus colegas (situação real) então nós estávamos correndo, nesse dia minha turma não estava do lado da quadra e sim no pátio interior da escola então fui correndo até chegar na parede onde estão os salões de 6-B, 7-A, 7-B, 7-C e fui correndo para o lado dos salões dos setimos. Lá estava várias meninas em pé e no final da parede as meninas sentadas, quando passei correndo por lá, alguém colocou o pé fazendo eu tropeçar em cima das pernas da menina que estava sentada no chão, logicamente eu pedi desculpas e ela me respondeu assim: "Não quero saber de conversa não, porra"! Nervosamente pedi desculpas e continuei correndo.

9

ANEXO J - Relato 10

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Bom um dia eu estava conversando com os meus amigos nos estávamos falando sobre o trabalho que era de português e i um pegou e falou para mas este palavrão não era de briga estávamos só conversando mesmo e i começou a que putaria todinha ai nos começamos a falar da vida de cada um falávamos que um era pessoa que o outro se fidel mas no que veio um menino da nossa sala nos perturbou e i se ficou por isso mesmo ai na hora do recreio nos dávamos até uma briguinha besta que um queria na hora outra também e e ficou chamando de puta, pecaia, lambiga e imfeliz e na hora de ir em ~~banho~~ ~~com~~ a mesma conversa de que quando a gente ~~for~~ na aula é pronto.

10

ANEXO K - Relato 11

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Neste dia eu estava na escola e uma menina estava falando mal da outra a menina foi tirar satisfação e disse:

- Mulher porque tu anda falando de mim Papariga Eric. Vergonha não é que tu chamo de cara Vagabunda Sem Vergonha.
 - A menina falou.
 - Eu falando de tu, não? deu está ficando chato.
 - Mulher era tu mesmo que tava falando Papariga.
 - Não era eu.
 - Ahé Bom Tu para porque se não vou te quebrar quando chegar a hora.
 - Devido tu vin agora.
- E a menina se estressou e disse:
- Vou mesmo Papariga.
- E deu na cara dela e a menina saiu, chorando e muito machucada. E a menina chegou nela e disse:
- Isso é pra tu nunca mais falar de mim puta e elas foram levadas pro Sérgio e foram detidas por 5 dias e no 6 só entrava com a mãe e elas ficaram sem saber o que fazer porque foram Serpentas e a menina que apANHOU levou outra pira da sua mãe e teve que sair mais cedo porque estavam com medo de apANHAR lá fora dentro.

FIM.1...

(11)

ANEXO L - Relato 12

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Eu tava no intervalo e eu um menino e
chamo a outra menina de raposa aí a
menina que foi chamada também chamou a menina
de palavrão porque foi de puta e de Quenga de
tinto macho aí as duas meninas começaram a ri
tão que entrar na sala aí as meninas continuaram a
ri e as meninas começaram a ris elas ach
ando sendo as meninas mandando e das ai ai, Roda bocinha no
feminil do passeio aí si fude e a outra mandou do
tomo no cu chama do de filha de uma puta quenga de
cinquenta macho filho de mãe raposa prostituta que de a
ai para um bocado de macho.

fim

17

ANEXO M - Relato 13

33

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Foi uma terça-feira dessa semana eu fui para educacão física e eu estava brincando com a Jennifer e eu estava ensinando um golpe de jiu-jit para a Jennifer e quando eu terminei de fazer o golpe a Mariana se entrometeu e começou a ficar pisando o meu pé para a Jennifer sair de briga de mim e quando a Mariana pisou o meu pé eu dei chute nela porque ela estava pisando o meu pé e estava pisando a minha blusa e quando eu vim luxantei da começou a mim chamar de filha da Puta muitas vezes e eu comecei a bater nela a dar cotadela nela e a dar murro e a bater nela e depois eu fui contar pra Francine e ela conversou com mim com a Jennifer e a Mariana e depois ela começou a ficar com medo de mim.

ANEXO N - Relato 14

24/11/2016

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Sim um dia eu estava caminhando na escola e me deparei com essa duas pessoa eles estava chingando a mãe de cada um camado de filho da puta filhode rapariga e fim e amumdedão eles que davam gritado famzeno, mcha mo e quando e devo fê eles ja estava e esse atragando que defe brigado e as pessoa só dava ravanos e a diretora chega e separa os dois eles levaram suspensão com 6 dias eles retorvaros da escola e eles nunca mais brigara e pasca'ros mumedos e eles redorna abriga divolovo ele levaram mai 10 dias com suspensão e um belo dia o meu outro amigo com BRIGADEIRA DO BOBIO o mesmo se sangou e deu o murro na cara do menino e eles foram sus pense 6 dias.

ANEXO O - Relato 15

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Um dia eu cheguei na sala de aula depois do recreio
 e dois meninos estavam brigando por causa que um
 mandou o outro colocar o bico e ele mandou o menino ir
 tomar soco aí o menino falou eu não vou tomar no cu porque
 de respeito e eles ficaram brigando até que o professor chegou eles pararam.
 Eu não sei do que eles fizeram eu acho muito feio e pior do que
 isso é um amigo meu ainda bem que eu sei a Deus que não dá para gente
 já tá aí estavam jogando bola e ainda na mesma hora eles começaram
 a brigar de novo e já estavam comendo por que não dá
 acho que eles estavam discutindo falando besteira e batendo um no outro
 e não fale palavrão com ninguém nem brigue com ninguém.

15

ANEXO P - Relato 16

24

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Quando eu estava brincando no
regrado e quando eu fui ver uma menina
menina brincando lá eu vi uma
menina falando a mim uma rapariga
uma filha sua e eu vi outra menina
que estava chorando aquilo e falou a mim
e a sua mãe e a mãe disse que ela era
prostituta e elas começaram a brigar e veio
um bucho de gente pro delas e começaram
a ficar chigando elas e elas choravam
e falavam assim a mãe quem tá aí
Chorando quem é e elas falavam
assim sua rapariga e sua filha e
elas começaram a discutir e eu
me viro e lá elas duas estavam
brincando com uma menina que não
tinha nada a ver com a briga e elas
pensaram que aquela menina que ela estava
brincando foi a que ficava mais não
tinha sido ela assim a amiga dela
que falou que também batia no feleki
e nas outras coisas que tem a ver
com a internet e elas brigaram e chamaram
ela de tudo que for de palavrão que bater
e bater muito e ela também falou palavrão
até quem não tinha nada a ver com a
discussão que estavam e ela de estava escutando
falou tudo também falou tudo que era de palavrão

ANEXO Q - Relato 17

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



- EU TAVA NA ESCOLA EU ENTREI ATÉ AI TUDO
NORMAL EU CHEGUEI DENTRO DA SALA E ENTREI EU
SENTEI EU TAVA COMENDO BOM-BOM AI UM
MENINO CHEGOU E PERDI UM BOM-BOM AI EU
DISEI DONADA AI O MENINO FAZOU ENFIA ISSA PORRA TODINHA
NO TÊUCU AI EU FALEI AI QUE EU VÃO DOU MESMO AI ELE
PASSOU A AULA TODA ME PERTURBANDO AI ATÉ QUE EU MANDEI
ELE IR PARA LUTA QUE PARIU E ELE ME CHAMOU DE FILHA
DA PUTA AI EU PISOTEI INVOCADA EU CHAMEI ELE DE FILHA DA
PUTA MANDEI ELE IR SE FUDER CHAMEI A MÃE DELE DE QUENGA
& NOS ACARPAOS SAINDO DA SALA

(17)

ANEXO R - Relato 18

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Um belo dia cheguei na escola 1h da tarde, mal cheguei a menina disse - isso é hora de chega rapariga, e eu - tira minha mãe quengo e passa por ela sorrindo ela - mulher fui pensa que é quem pra me chama de quengo e eu - it fu pensa que é quem pra me chama de rapariga, ela respondeu a popula do colégio e a R.O da Favela, eu - Ahlô! Fama me viu mulher e passei para a nucleus gente da ~~da~~ escola fazee acobhada ela ficou na fila na de lado direito da fila onde eu fico ela falou bem ruim pra mim e disse: - na hora de voltar eu te pega... uma menina do meu lado falou - tá ameaça de casa não, e eu - te aguardo ~~na~~ ^{na} ~~surpresa~~ ... ela falou - meu chama minha gang e eu - Estou me tremendo de medo, aí acobceu a acobhada e eu fui pra sala chamei os amigos pra ficar esperando pra na hora que ela voltar ela se surpreende com os meninos e acobceu que ela nem veio.

ANEXO S - Relato 19

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Certo dia na sala de aula duas meninas estavam discutindo
 na sala de aula uma menina estava chamando a outra
 de rapariga putana do puta mas a outra menina não gos-
 tou a outra menina então elas começaram a chingar a
 outra de batida rapariga pau moço e professor chegou na sala
 de aula e mandou as duas meninas que estavam brigando
 para a diretoria quando elas chegaram lá a diretora perguntou
 que foi o professor falou que as duas meninas estavam
 brigando a diretora disse que se as duas meninas
 brigarem de novo ia ficar sem recreio e suspensão
 então o professor levou as duas meninas para
 sala de aula então elas voltaram a fazer as tarefas

ANEXO T - Relato 20

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



No dia 26/10/2016 aconteceu um fato muito interessante na hora do recreio eu e as minhas amigas estavam correndo brincando elas eu não estavam estudando perto do banheiro aí porro umas meninas chamando eu e as minhas amigas de (Rapaziga Linda) e dentro do banheiro, aí quando elas estavam dentro do banheiro eu e as minhas amigas ficamos chorando elas de golinha aí quando elas saíram do banheiro elas vieram pra cima de nós, me dando pua pra nós e me batendo eu fui na secretaria chamei a dona Fernanda para da uma correção né, aí quando elas saíram da secretaria elas ficaram com cara feia pra nós si nunca mais elas foram pra cor.

20

ANEXO U - Relato 21

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Na minha antiga escola eu estava conversando com a minha amiga e aí a gente estava perto do estacionamento e lá estava a menina que não gostava dela daí ela falou para os amigos dela desse jeito "Um dia eu mato a peia nessa rapariga" aí a Ana escutou e ~~ela~~ falou que ela podia tirar só que a menina disse que não ia. Aí a gente saiu de lá para não causar mais confusão só que a Ana ficou de costas lá sem se mover e ficou os cabelos dela e aí ela falou "toma uma porrada" e a Ana disse "você pra puta que pariu" daí a diretora veio e separou os dois, levou os dois pro sala dela e suspendeu eles por 1 semana.

ANEXO V - Relato 22

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Um dia na escola aconteceu uma briga entre uma colega e um colega a briga como foi os dois trocaram Palavrões a menina usou pra merda, pra puta e aí a menina também ofendeu ela chamou ela de rapariga Puta e aí o professor chegou durante aquilo ele conversou com os dois pediu pra eles se desculparem mas nenhum quis pedir desculpa e aí o professor não teve escolha e levou os dois para a diretoria a diretoria conversou com eles e eles ficaram suspensos 1 semana e aí depois os dois já estavam amigos e muito felizes

22

ANEXO W - Relato 23

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



no 2
Sarah Kelly e nova Isabela estavam conversando
e a conversa vai conversando tem aí uma
menina chate em supostamente Papai e
Então Rompeu a conversa dela aí a Sarah
Esculhambrou a a menina: vagabunda, Rapazinha de??
inferno Bota de frotta. aí a Isabela falou assim
Calma Sarah não é assim a gente resolveu
o nosso problema aí a Isabela gritou
com a menina mandando ela sair
da ali se não ela seria bem o alho
Puto. aí depois elas se calmaram
e voltaram a conversar.

Bjs. ♥

23

ANEXO X - Relato 24

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Foi na hora do recreio eu estava brincando com as minhas amigas e eu joguei na escadinha do palco.

E tinha 2 meninos da minha sala e eu tinha feito nada com eles e um me empurrou e eu ia caindo depois veio outro e me empurrou de com força e eu ia tocando a minha cara do chão sorte minha que tinha uma minha amiga do lado e ela me segurou e eu peguei e falei palavrão e o palavrão foi (Putá que paril).

24

ANEXO Y - Relato 25

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Um dia uma amiga minha chamada: Carina estava marcando um encontro com os meus outros amigos para tomar sorvete na sorbeteria muito longe de casa. Ai deu certo mais uma das meninas falou assim: "Quem é que vai sair da sua casa dois horas da tarde só para tomar sorvete lá na, Puta que pariu. Eu e que não vou sair da minha casa só para tomar sorvete". Ai uma das minhas amigas falou assim: "Eu sou casada minha casa só para tomar sorvete" ai eu me meti no meio. "Mulher para de falar palavrão na Escola com: Pena, cara, puta que pariu, filho de mãe e etc... Isso é muito feio para a sua casa sua sorveteria. Li ela ficou sem muita graça de mim e eu falei: "desupa só achei errado você falar isso."

25

ANEXO Z - Relato 26

Paulo

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Bom no dia de quarta-feira ocorreu um fato e esse fato foi uma briga, uma menina chamada Anderson ameaçou outro menino Clara dizendo que ia meter a mão nela mas que se o amigo da Clara esculhetei bostas e disse que ia tirar providências, então foi perguntado quem estava acontecendo ela explicou que foi por causa de menino e o menino amigo de Clara disse que a Clara era muito magra então, Vitorino foi falar com Anderson e falou com Anderson que Historio e Clara são sua rapariga tu pensa que é quem pro te brigando por macho e o outro ameaça minha amiga de porque que é puta, aí seguraram o Vitorino e levaram para diretoria.

Fim!



ANEXO AA - Relato 27

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Era mais um dia normal na escola e tudo estava como sempre. Quando bateu o sino do recreio, eu e minhas amigas saímos para o recreio, direto para a cantina. Até aí tudo bem!

Quando estávamos na fila do lanche um menino (acho que era do 7º ano, não sei de qual), estava correndo dentro da cantina. Quando minhas amigas foram entrar para dentro da cantina para merendar, ouvi um incidente, uma das minhas amigas tinha ido pelo lado esquerdo para a mesa, quando de repente o menino veio com tudo e bateu de frente com ela, e ela começou a xingar ele de filho da puta, abestado, e derbal, entre outros. ...

Ana Clara 6º ano Antônia

27

ANEXO AB - Relato 28

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Certo dia estava com meu amigo
a gente estava saindo da sala de aula, um
aluno do 6º B inventou de dar uma sacada
em um amigo dele. Mas ele deu uma e pegou no seu amigo
e ele chamou ele de arrombado, filho de puta, filho de
rapariga, gay, cuzão, Pau no cu, falou que a mãe dele
era prostituta e falou que ia pegar a mãe dele de
quarto e, depois eles foram pra Briga um chorando o outro
de chimim o outro de filho de rapariga aí eu chamei a coordena-
dora e ela deu uma suspensão pra cada um e quem se fudeu
foi a mãe dele porque ele ficou de olho morto.

(28)

ANEXO AC - Relato 29

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Olá Bem dia

Eu e minha amiga brinco discutimos por
 que ele me chamou de puta e eu não
 gostei que me chamasse de puta e
 que não disse chamei ele de puta Rapariga
 e galinha e ficaram sem se falar por uma semana
 e depois passou-se uma semana e ele pediu
 desculpa pro meu e ficou tudo OK ☺

29

ANEXO AD - Relato 30

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Olhe! minha amiga Bianca aquela
rapariga! eu e ela brigamos por
causa que eu chamei ela de putane
e ela me chamou de quenga. e nós
camosamos a briga e eu dei uma tapa
na cara dela pro ela deixar de ser
galinha. ela veio pedir desculpas, mais eu
não aceitei e chamei ela de rapariga, quenga
putane e outras coisas lá... fiquei com dó
dela aí eu fui lá e chamei ela aí puta
vem aqui rapariga, você sabe que eu
te amo né? Desculpa rapariga, puta e
galinha! KKKK! eu te amo sua vaca e
putane.

30

ANEXO AE - Relato 31

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



FOI UM DIA EU PEQUEI UMA BRIGA
 COM UM MENINO CHAMADO GABRIEL
 ELE ME CHAMOU DE BAITOLA, FILHO DE RAIA
 BIA, FILHO DA RUA, FILHO DE UM CULO E VIADO INCUBADO
 AI EU CAMEI COM DAS MESMAS COISAS QUE EU
 ME CHAMOU AI NOS BRIGAMOS DE
 DEIA AI NOS BRIGAMOS NA PORRA DA
 AI EU DEIXEI ~~EU~~ DESMAIADO E TUDO
 CHEIO DE SANGUE AI ELE FOI PRO
 HOSPITAL AI QUANDO FOI NO OUTRO
 DIA ELE FOI ME BATER DE NOVO
 AI EU BATEI, NAVEI BEM MUITO PRA
 CARA ~~DA~~ AI A MÃE DELE VEIO
 PRA CONIGO E COM MINHA MÃE AI
 ELA DUAS BRIGAS NA PORRA DA AI
 MINHA MÃE ME FEZ A PORRA DA
 NA MÃE DELE AI ELAS FICARAM
 BRIGADAS POR UM BOM TEMPO
 O AI DE HOJE EM DIA ELAS
 ESTÃO AMIGAS E EU E ELE TAMBEM
 AMIGOS AMIGOS

31

ANEXO AF - Relato 32

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



O Porro da minha toda hora tá brigando e sai dando
briga uns palavrões, tem alunos que coloca o pé na fusta
da passagem põe o outro no chão e começa - filha de ra bodega,
baitola, aí depois um fica xingando o outro - filho de ra bodega e tem
seu viado por no eu, eu fico no estuando aí fica xingando um o
mão do outro, aí depois começa a fazer as coisas um no outro chutando,
bolinha de papel na sala, aí depois começa a comer na sala, brincando
em tudo, pegando o sapato, chutando, comendo e outras coisas,
aí o professor olha começa a reclamar dos dois, aí depois fazem
tudo de novo

32

ANEXO AG - Relato 33

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Tive sido na escola quando eu vi duas meninas brincando
por causa de um menino as meninas se bagatizaram
e no centro e as crianças choraram e no centro as crianças
espancaram, galinha, prostituta, filha da puta e as meninas
nei ligaram pra elas lá brigando pra ela é as meninas ficaram
uma mata com muito choro e ficaram falando palavrões e as
meninas continuaram falando palavrões sua puta, estúpida e
depois eu não sei como aconteceu porque eu fui pra minha
casa.

33

ANEXO AH - Relato 34

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



BOA TARDE EU SOU UM ALUNO ESTOU FAZENDO
ESTA FOLHAÇÃO E VOI FALAR DE MIM.

MESCS ALUNOS ~~EU~~ O CAUÇA CHIBUSI COM OMEGNILO
QUE ESTUDA AHOX EU ESTUDO E VOI FALAR OS PALAVRÕES
QUE ELE DISSE, FIDE PARANIGA, FELADA ~~PARTO~~, VIANO ETC.
QUANDO ELE FALOU ESSE PALAVRÕES EU DISSE - NÃO FALE ESSES
PALAVRÕES NÃO REGISA COMO DE BRIGAMOS VAMOS CONVERSAR
NÃO ESCULHADE A MINHA MÃE PORQUE EU NÃO ESTOU
ESCULHADO A SUA MÃE É MUITO FEIO - BRIGAR E ESCULHA-
NDA A MÃE DOS OUTROS ISSO ETUDO QUE EU TENHO
PARA FALAR Tchau.

(24)

ANEXO AI - Relato 35

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Um dia, quando eu estava passando lá na quadra da escola eu comecei a ouvir uma gritaria como se estivesse acontecendo alguma discussão. Quando eu cheguei para a quadra tinha uma multidão gritando:

— briga! briga! briga!

Cheiei tudo aquilo muito estranho e fui ver o que estava acontecendo. Quando eu cheguei no meio daquela multidão sei que estava acontecendo uma grande discussão. Então perguntei para algumas pessoas que estavam vendo a briga, e elas falaram que os dois meninos que estavam brigando eram grandes amigos mas, alguém disse para uma delas que sua amiga estava falando mal dela. Então perguntei o que ela estava falando da sua amiga, então me disseram que ela estava dizendo que ela era: ineficaz, polícone, chata, idiota, rapariga. Eu perguntei quem tinha dito isso para a outra menina que sua amiga estava falando mal dela. E me disseram que ninguém sabia quem tinha dito. Então eu imaginei que a pessoa que tinha dito isso seria uma pessoa muito ineficaz que queria acabar com a amizade dos meninos. Então

ANEXO AJ - Relato 35 verso

fui ver quem eram as meninas e se eu
conhecia elas. Quando fui ver a briga um
deles disse: — Porque você estava falando
mal de mim? eu sempre achei que você fosse
minha amiga! sua idiota!

A outra respondeu: — Eu não estava fa-
lando mal de você! mas, já que você não quer
acreditar em mim tudo bem. Sua rapariga!

Eu só conhecia aquelas meninas de
vista e sempre que eu via elas duas elas
sempre estavam juntas e pareciam ser melhores
amigas. Então achei muito estranho uma ter
falado mal da outra. Quando cheguei à
briga de novo elas já estavam batendo
uma na outra e foi preciso dois meninos
viem separalos. Foi aí que minha amiga
chegou correndo até mim e perguntou o que es-
tava acontecendo. Eu contei toda a estória
começo ao fim. E ela disse que era muito es-
tranho elas estarem brigando pois elas eram
melhores amigas. Foi aí que minha amiga olhou
para o lado e viu uma menina rindo de to-
do que estava acontecendo aí ela disse que
aquela menina não gostava dos amigos e so-
bria a causadora da briga. E os
meninos continuaram discutindo uma com
a outra ir pra PQ Pluta que porio).
Então minha amiga obrigou a menina
que estava rindo dos outros meninos dizer
a verdade. Então ela chegou no meio da
briga e confessou que tinha causado toda
aquela briga porque tinha inveja dos me-
ninos. Então os meninos pediram desculpa
uma para a outra e puseram os papos.

ANEXO AK - Relato 36

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Tive um dia que eu estava fazendo a tarefa e umas 'amigas' (entre aspas) estavam pucando a meu calção e tocando as minhas costas com a caneta e eu pedi pra ela parar e ela não parou e eu comecei a ficar entediada e continuei, então...

— Porra! Coisa chata, vai cuidar da tua vida!!!
Eu saí do meu lugar e fui pra perto da minha amiga que também estava com raiva dela, ela olhou pra gente e riu, então eu falei:

— Penderam o que aqui? cuidam da vida de vocês que eu cuido da minha!

— Cala a boca!

— A boca é minha e ela foi feita pra falar e não pra ficar de confete!

— Cala de bosta!

— E eu não espion pra vocês gostarem de mim?

— Não "tá" em casa de espion, "tá" é em casa de vasa!

— A pois então lá no posto eu vi tua mãe também!

— Da tua boca só sai merda!!

— Na tua que sai merda, na minha sai palavrão.

— ...

Não ficamos rindo por que elas não sabiam como responder.

26

ANEXO AL - Relato 37

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Eu e minhas amigas, táva brincando
de empurar. A menina me empurrou
na areia e eu caí, então falei: Porra mulher
bueita, tu me empurrou e eu caí na areia
malhada e ela falou: Puta que pariu eu não
empurrei ninguém não corai. Então pra
mela água

o's BDU ♥

eu!!!!

37

ANEXO AM - Relato 38

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Em um dia na escola eu tava na escola e comecei a aula, porque os minutos se vão eu perguntei: mas me dá a resposta da atividade e ele respondeu: mas deixa de putaria aí, eu me vira da o aí então, vai lá gelho da puta, e me vai indico aí de saponeiro, e qual vai ser? um pouco de um, dá aí me um amarelo de duros deida pra apertar, vai vive mesmo mas, mas mais flocos aí na discrição ~~na~~ não levigamos. Se discutir com um amarelo, mas vai da curta.

Ass: Ds Bdr.



ANEXO AN - Relato 39

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Um amigo meu chamou de baka e
eu chamei ela de filha da puta e
ela mandou eu sair fude e um
amigo minha saiu mentu no meu
e mandou ela calar a boca porque amigos
não briga ela começou a falar menti de
que eu sou mentu mandei ela sair fude
e que eu não sou mais amigo dela
até hoje não falo com ela.

39

ANEXO AO - Relato 40

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Um dia. A minha amiga ele estava
comendo. Ai eu falei para ela que ela
ela falou com muito raiva ele mandou
eu ir embora no dia. Eu não sou Santa Juli
e vai se ela falou que ele mandou eu ir
P.A. De eu disse vai se ele me esculha eu
sou ~~uma~~ muita ruim. Logo ele falou e depois
de depois ele mandou um dia a ele e ele im
do no seu dia. Batida. e o fim das histórias)
Foi um bater nele com Raiva.

(10)

ANEXO AP - Relato 41

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



UMA VEZ EU TAVA PASSANDO
PELO PÁTIO E UMA AMIGA
TROPEÇOU EM MIM E A GENTE
NÃO SE VIU. DAÍ ELA DISSE: "OLHA
PRA FRENTE RABRIGA" E EU FALEI:
"TE VIR NÃO O VACA".

(21)

ANEXO AQ - Relato 42

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Eu fiquei sabendo que uma menina estava me
escutando, e eu estava me irritando muito, depois a minha
mãe, quando falou da minha mãe, não da mãe, na
hora do intervalo, fui tirar satisfação com ela
chequei nela - Ei vagabunda, que negócio é esse que tu
tá me chamando de coisa e a minha mãe também é?
Ai ela na minha cara de pau disse - Eu mesmo não, por
que se fosse para mim falar besteira contigo eu ia falar
na tua casa, ninguém em casa encina dela, porque pelo
cabelo - vagabunda, eu quero e sei se eu vou falar da
minha mãe de novo que eu te matei, fala da minha
mãe não é para qualquer uma não vir puta, puta
mesmo com a pessoa errada, ela paga o preço - vagabunda tu
vai se arrepender disso um, eu dei na cara dela -
mulher tu ainda tá falando besteira agora a calça
dela no chão - tu se atira de mim pensando que tu
vai se arrepender de ter nascido desgraçada, di-
rei ela lá no chão sangrando o rei, foi bem
feito por que condenado, pois pois ela nunca mais
escutava a mãe do outro.

(22)

ANEXO AR - Relato 43

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Foi em uma quarta-feira quando
formos a quadra, quando nós formamos
o time e fomos jogar quando meu time
ganhou, o cara do outro time ficou com
raiva e me deu um empurrão, e eu falei
calma cara e só um jogo, aí ele falou jogo e
um cavaleiro não tomar no cú aí eu falei
você tomar no cú tu aí a tia mandou nós pro
diretorio.

ass: Doutor Estanhu

12

ANEXO AS - Relato 44

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Eu estava sentada no Banco do Pátio da Escola
 ai Passou a a' eu disse olhe a VACA PASSAR
 DO ELA FICOU COM RAIVA JAMAIS VAI PASSAR P.
 A. P. SIM E QUE RUIM. Muito Filho De
 Mãe. Razão Bobeira Bata a Sua Mãe em Faltas
 Brancas e a a' vai Para Para Carinho De mãe.
 O Fim Foi no. Por fim eu de Sua Mãe.

ANEXO AT - Relato 45

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Uma vez eu estava dentro da sala de aula
 Ai veio uma colega de lá da sala na
 minha cadeira, ai ela tinha muita raiva
 de mim, por que eu ficava sempre
 do lado que o namorado dela ficava. Ai
 ela falou assim: - Sua Rapariga, belu da puta tu
 sai do lado do meu namorado viu. ai eu falei
 assim: - Rapariga e belu da puta e voce sua
 prostituta proxima vez que tu me chamar
 de rapariga eu do uma tapa na tua cara sua
 arrebolada. Ai ela falou assim: - Sua cara de
 tubaco tu me respeita viu senão eu te
 quebro. Ai eu falei: - nem minha mãe me bate
 tu acha que vai me bater HA, HA, HA, HA, HA.
 Ai ela se calou ai ela ficou falando proas
 meninas que eu era uma baitola ai eu
 desobedeci, e dei um tapa na cara dela ai
 ela me chamou de, Rapariga, Baitola, pau
 no cu, Kewat, Puta, filha de chocadeira. Ai
 nós riamos e fomos suspensas. e pronto.

(45)

ANEXO AU - Relato 46

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Estava na sala de aula
duas meninas estavam discutindo,
fui quando a professora saiu
de sala que as duas meninas
começaram a briga pior.

As meninas começaram
a falar palavrões, Rapariga, bagabum-
da, cara de bueta, vai tomar no
cu, vai pro puta que te pariu,
sapotona e badiu e a sala
começou a gritar.

46

ANEXO AV – Relato 47

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Lem que em uma quarta-feira que
 aconteceu eu estava na recreação
 e estava jogando bola e eu peguei
 a bola e chutei e a bola pegou
 e pegou no meu amigo e eu pedi
 desculpas meus de não acerte e meu
 chamei de por de rapariga e eu pedi
 e pedi desculpas meus ser tu não acerte
 ou eu pedi ser tu não quer acerte ou
 tomar no cu seu filho da puta e
 de pedi e dissei ser tu meter a perna
 na boca da sua filha da
 puta e eu pedi e dissei a boca
 ser não ser jogar no cu da
 tua mãe seu filho da puta e eu tomar
 no meio do seu cu e dissei na
 boca da sua filha e de dissei e comecei
 a me bater e eu fiquei com raiva
 e disse uma coisa nele e chamei
 a mãe dele de puta e rogando
 e eu dissei dele de seu
 boca e dissei dele de seu
 mande ele ir tomar no cu
 e por que quis quem meter na
 minha bunda e seu filho da
 puta

Ass: Vitor B. S.

(47)

ANEXO AW - Relato 48

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



01
Primeiramente um dia Briguei
Com minhas Amigas por^{que} estavam falando
coisas para minha outra amiga Botando
coisas na cabeça dela. Fiquei com raiva quando
descobri e chamei - Filha da puta vai DA
O Rato. Ela não gostou por xinguei a mãe
dela. É claro que ninguém gosta de que xingue
sua mãe então ela teve noção de ter ficado com
raiva. Passamos semanas sem se falar passou
semanas quando fomos para a próxima semana veio
pedir desculpas e Aceitei e agora somos melho-
res Amigas.

18
210

ANEXO AX - Relato 49

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



A minha turma foi pra educação física terça-feira
 e a gente levou lá na quadra de futebol e a Maria escolheu
 ela e a Brenda tomou ela de volta de uma puta e a Brenda
 do Pádua pra cima dela bateu nela mais a Mariana
 não fez nada mais os outros meninos foi defender a Mariana e
 foram pra Fernando. E os dois foram correndo porque eles estavam
 lá e os outros bateram.

620
 Yuni
 29

ANEXO AY - Relato 50

Relate uma situação em que você ou outro aluno tenha usado palavrão na escola (pode ter sido numa discussão, numa briga, ou alguma situação parecida). Conte como tudo aconteceu com detalhes. Não precisa se identificar nem usar nomes verdadeiros, se você preferir, mas não deixe de escrever qual palavrão foi utilizado.



Essa situação aconteceu na escola na hora
de recreio, quando os alunos da
minha sala de aula começaram a brin-
car, de a batida, falando palavrões
com os outros, eu não sei quais palavras
eu falo de uma batida, não de que não sei,
eu não sei, não sei, não sei o que de tudo não sei
os palavrões que os alunos
falam que falam no "facebook" que não sei
no facebook no desktop, mas eu não sei
história no facebook, o desktop não sei
e alguns outros coisas e de perguntas não, não
nenhuma do resto no desktop eu não
nenhuma coisa com o que não sei
Eu não sei de nenhuma coisa o que não sei
do que não sei de que não sei na escola
e não o melhor trabalho.